

**EDUCAÇÃO E FAMÍLIA:
DESAFIOS E ENFRENTAMENTOS NA SOCIEDADE ATUAL**

MARCELO DE BRITO BERALDO

**EDUCAÇÃO E FAMÍLIA:
DESAFIOS E ENFRENTAMENTOS NA SOCIEDADE ATUAL**

MARCELO DE BRITO BERALDO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de Concentração: Práxis Pedagógicas e Gestão de Ambientes Educacionais.

Linha de pesquisa 1: Instituição Educacional: Organização e Gestão

Orientador: Prof. Dr. Levino Bertan

370
B438e

Beraldo, Marcelo de Brito.

Educação e família: desafios e enfrentamentos na sociedade atual. / Marcelo de Brito Beraldo. – Presidente Prudente, 2011.

150 f.: il.

Dissertação (Mestrado em Educação) – UNOESTE – Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente, 2011.
Bibliografia.

1. Educação. 2. Família. 3. Sociedade atual. I. Título.

MARCELO DE BRITO BERALDO

**EDUCAÇÃO E FAMÍLIA:
DESAFIOS E ENFRENTAMENTOS NA SOCIEDADE ATUAL**

Dissertação apresentada à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação, Universidade do Oeste Paulista, como parte dos requisitos à obtenção do título de Mestre em Educação.

Presidente Prudente, 27 de abril de 2011.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Levino Bertan
Universidade do Oeste Paulista – Unoeste
Presidente Prudente - SP

Prof.^a Dr.^a Lúcia Maria Gomes Corrêa Ferri
Universidade do Oeste Paulista – Unoeste
Presidente Prudente - SP

Prof.^a Dr.^a Elenira Aparecida Cunha Moreira
Faculdade Missioneira do Paraná – FAMIPAR
Cascavel-PR

DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado a todas as famílias, independente de sua formação, constituição, estrutura, nível social, raça, religião, e que se esforçam no cotidiano apesar das dificuldades hodiernas, em educar bem seus filhos...

A todos os profissionais da educação, que acreditam e dedicam suas vidas em transmitir não somente o conhecimento, mas também os valores humanos essenciais e de cidadania...

À minha família, que é o meu porto seguro, onde sei que sempre poderei ancorar a minha vida, independente dos meus sucessos e fracassos...

AGRADECIMENTOS

Ao bom Deus e Pai, a quem devo à minha existência, minha família, meus estudos, conquistas, projetos e sonhos...

À minha família, que durante este período de pesquisa e trabalho, apoiou-me e esteve ao meu lado, principalmente nos momentos difíceis que transcorreram em minha vida e saúde...

Aos professores que ao longo dessa pesquisa, ajudaram-me, orientaram-me, colaboraram, incentivaram e acreditaram em mim, quando pensei que tudo estava perdido e queria deixar tudo de lado. Obrigado, Prof. Levino, Prof.^a Lúcia, Prof.^a Elenira. Bem como aos profissionais da UNOESTE... Obrigado, Ina...

Aos amigos que estiveram ao meu lado, ajudando, rezando, torcendo, encontrando materiais, ajudando nas pesquisas e entrevistas: vocês sabem...

Às famílias que se dispuseram a participar desta pesquisa, pela confiança, atenção e tempo dedicados: muito obrigado...

Ao querido casal de amigos, que intermediou a possibilidade e depois a certeza da bolsa para esta pesquisa. Obrigado, Deco e Ná.

À Diretora Geral da UNOESTE, Sra. Ana Cardoso Maia de Oliveira Lima por conceder a bolsa de estudos, Deus a recompense pela bondade cedida.

Aos queridos paroquianos da Paróquia Santo Antônio de Pádua que, nesse período de estudos, como verdadeira família, rezaram, estimularam, colaboraram, principalmente quando o mar de minha vida estava muito agitado. Obrigado, por toda compreensão e carinho que vocês têm por mim.

À Escola Estadual Liria Yurico Sumida, de Sandovalina, sobretudo na pessoa do Diretor Prof. Jorge, responsável por incentivar-me a lecionar e a conviver com a educação escolar mais de perto.

Aos padres amigos, Audinei, Ivair, João Carlos e Umberto, pelas orações, apoio, materiais, espaço para estudo, socorro na minha vida ministerial e pessoal. Deus os recompensem por tudo.

Às professoras Marinês e Ivone, pela gentileza em corrigir a ortografia e a gramática do meu trabalho. Deus as abençoe sempre!

*Nos alpendres varandas e lareiras,
Era ali que antigamente os pais ficavam.
E os vizinhos visitavam, e as famílias conversavam, e
as crianças a brincar.*

*Era um tempo em que as famílias tinham tempo,
Era ali que antigamente os pais sonhavam,
e os compadres proseavam, e as mulheres tricotavam, e
as crianças a brincar.*

*Eu não sou contra o progresso, Deus sabe que eu não sou.
Mas eu acho que a família se deu mal,
ao trocar suas conversas de vizinho e de lareira
por novelas e novelas, e novelas, e a violência na TV.*

(Pe.Zezinho, scj)

RESUMO

EDUCAÇÃO E FAMÍLIA: DESAFIOS E ENFRENTAMENTOS NA SOCIEDADE ATUAL

A pesquisa intitulada “Educação e família: Desafios e enfrentamentos na sociedade atual” tem por objetivo pensar, refletir e questionar os desafios da instituição familiar na modernidade e pós-modernidade. Pela natureza do estudo, o suporte metodológico foi a pesquisa qualitativa, envolvendo uma pesquisa de campo, tendo como instrumento a entrevista semiestruturada. Foram entrevistadas treze famílias escolhidas aleatoriamente, das cidades de Presidente Prudente e Sandovalina, Estado de São Paulo, e Umuarama no Estado do Paraná. A entrevista abrange as questões mais significativas que afetam as famílias no seu cotidiano, como as dificuldades atuais, principalmente no que diz respeito à educação dos filhos. Como resultado, constatou-se que as famílias, de forma geral, estão desestruturadas, encontrando grandes dificuldades na educação dos filhos, por causa dos conflitos de gerações, perda dos valores morais, éticos, religiosos, massificação da cultura, falta de diálogo, influência dos meios de comunicação de massa e mudanças constantes das identidades culturais na pós-modernidade. Diante dessa problemática, sugerem-se políticas públicas e sociais em que as famílias encontrem suportes institucionais para sua reestruturação e reeducação para criar em sua convivência espaços para o diálogo com a melhoria do relacionamento dos pais e dos filhos entre si, buscando mais unidade e compreensão.

Palavras-chave: Pós-modernidade. Família. Escola. Educação. Identidade.

ABSTRACT

“EDUCATION AND FAMILY: CHALLENGES AND CONFRONTATIONS IN THE CURRENT SOCIETY”

The entitled research “Education and family: Challenges and confrontations in the current society” have as objective to think, to reflect and to question the challenges of the familiar institution in modernity and after-modernity. Because of the nature of the study, the methodological support was the qualitative research, involving a field research, having as instrument the semi structuralized interview. Thirteen chosen families had been interviewed randomly, in the cities of President Prudente and Sandovalina, State of São Paulo, and Umuarama in the State of Paraná. The interview encloses the more significant questions that affects the families in its daily, as the current difficulties, mainly those that respects to children education. As result, it was evidenced that the families, in general form, are less structured, with great difficulties on children education, because of the conflicts of generations, loss of the moral, ethical, religious values, mass culture, lack of dialogue, constant influence of the mass media and changes on cultural identities in after-modernity. Ahead of this problematic, public and social politics are suggested for the families find institutional supports for its reorganization and re-education to create spaces for dialogue in its connivance, with the improvement parents and children relationship , searching more unit and understanding.

Key-words: After-modernity. Family. School. Education. Identity

LISTA DE SIGLAS

AC	– Ancoragem
a.C.	– Antes de Cristo
CNBB	– Confederação Nacional dos Bispos do Brasil
d.C	– Depois de Cristo
DSC	– Discurso do sujeito coletivo
ECH	– Expressões-chave
IBGE	– Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IC	– Ideia Central
Ipea	– Instituto de Pesquisa Econômica Ampliada
MCs	– Meios de Comunicação Social
PNDA	– Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 Justificativa	15
1.2 Objetivos	15
1.2.1 Objetivo Geral	15
1.2.2 Objetivos Específicos	16
1.3. Problema.....	16
1.4 Metodologia	16
2 A PÓS-MODERNIDADE	19
2.1 Caracterização da Pós-modernidade	20
2.2 A Secularização	25
2.3 Aspectos contemporâneos positivos	27
2.4 A Educação Familiar no Ambiente Pós-Moderno.....	28
2.5 É possível um posicionamento frente às ideias pós-modernas?.....	32
3 A FAMÍLIA.....	34
3.1 Aspectos históricos da família no Brasil	34
3.1.1 Uma breve visão da família no contexto geral.....	37
3.2 A Família Patriarcal	39
3.3. O processo de industrialização e a família	43
3.4 As Concepções Familiares e suas Funções.....	51
3.4.1 As concepções familiares nas religiões.....	56
3.4.1.1 A família na concepção judaica.....	57
3.4.1.2 A família na concepção cristã.....	58
3.4.1.2.1 A família na concepção cristã católico-romana	60
3.4.1.3 A família na concepção islâmica	62
3.5 Os Papéis Familiares	64
4. ENTREVISTAS	66
4.1 As categorias das entrevistas.....	67
4.1.1 Primeiro item	67
4.1.2 Segundo item	68
4.1.3 Terceiro item	71
4.1.4 Quarto item	75
4.1.5 Quinto item	80
4.1.6 Sexto item	87
4.1.7 Sétimo item	94
4.1.8 Oitavo item	101
4.1.9 Nono item	109
4.1.8 Décimo item	116
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	128
REFERÊNCIAS	139
APÊNDICES.....	148
Apêndice A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	149
Apêndice B - Ficha Coleta de Dados	150

1 INTRODUÇÃO

A proposta do presente trabalho está alicerçada na reflexão sobre o papel da família contemporânea na educação dos filhos.

O indivíduo recebe uma carga formativa e informativa muito intensa: dependência nos primeiros anos de vida, pela família, seja qual for a sua composição. Contatos bons e ruins, as primeiras palavras aprendidas e verbalizadas com a convivência familiar, as noções de higiene, educação, serão fundamentais para a formação de seu caráter, somado a tudo aquilo que será absorvido ao longo da vida. O espaço em que a família se constitui pode levar a uma série de fatores que podem comprometer a vida de uma pessoa para sempre.

É corrente a afirmação: “a família é a célula da sociedade”. Sendo assim, é importante avaliar como está esta célula. Ao longo da história, a família passou por diversas transformações e a concepção clássica de família: pai, mãe e filhos, já não é mais tão rotineira ou comum.

Quando se observa o Código Civil Brasileiro de 1916 (BRASIL, 2000a), é possível perceber que a primeira legislação mais abrangente sobre a família é a que define a união pelo casamento civil de homem e mulher. O conceito de família adotado por esse Código caracteriza por família, pessoas ligadas por vínculo de consanguinidade, abrangendo todos os que possuem a mesma carga genética; limitou a família formada por laços matrimoniais e a filiação advinda desta união.

Todas as Constituições seguintes a este Código, não inovaram ou fizeram qualquer alteração nos institutos familiares. Em 26 de dezembro de 1977, surgiu a primeira mudança significativa, quando começou a admitir o divórcio por meio da Lei nº. 6.515. A Constituição de 1934 dedicou um capítulo à família, em que o Estado protegia e regulava o casamento, sendo este indissolúvel, situação que perdurou até 1977, com a Lei do Divórcio.

Até a Constituição da República de 1988, reinava no Brasil o modelo de família patriarcal e de consanguinidade. A Carta Constitucional promulgada em 1988 (BRASIL, 2000b) apresentou uma nova definição de família e do Direito de Família em seus ‘artigos’ 226 e 227, § 6º. No artigo 226, a família é concebida como alicerce da sociedade e merece apoio especial do Estado. Além do mais, inovou o conceito, reconhecendo outras formas de famílias reconhecidas pelo Estado em

seus parágrafos 3º e 4º, como a União Estável e a Família Monoparental. O artigo 227, § 6º da Constituição Federal de 1988 revolucionou o Direito de Família pátrio ao proibir expressamente de haver qualquer tipo de classificação ou discriminação dos filhos, sejam eles gerados ou não na constância do casamento, adotivos ou não.

A família evolui à medida que a sociedade muda e cria novas estruturas adaptadas às novas necessidades, decorrentes de novas realidades sociais, políticas e econômicas.

Os avanços industriais, no século XIX, trouxeram mudanças no contexto familiar. As mulheres passaram a trabalhar fora, ocasionando sua independência financeira e um dos primeiros passos para a liberdade. Elas começam a não aceitar mais o papel de submissão em relação ao homem. O homem começou a dividir e a contribuir mais com o cuidado da casa e educação dos filhos, funções até então muito limitadas ao serviço feminino. Desse modo, pode-se afirmar que a emancipação feminina é uma das causas para as mudanças nas estruturas familiares.

A antropologia, a psicologia, a sociologia e outras ciências humanas ajudam a refletir sobre as diversas esferas da pessoa, sobretudo no que diz respeito à constituição familiar, com seus benefícios e malefícios. A constante mudança de conceitos e paradigmas leva à constatação das dificuldades de assimilação de tais mudanças, quase minuto a minuto, pela célula chamada família. Como num organismo vivo, a célula pode adoecer e trazer sérios prejuízos ao seu corpo inteiro. Destarte, a sociedade também pode ser igualmente comparada:

Assim como não podemos meramente abolir o fato de que os organismos se constituem de células, também é-nos vedado ignorar que as sociedades continuam constituindo-se de famílias. Ora, células doentes produzem tecidos doentes, que fazem os órgãos e mesmo todo o organismo enfermo. (MORAIS, 2006, p. 89)

A psicologia e a teologia demonstram grande preocupação para com esta célula tão importante à constituição da sociedade, haja vista a grande quantidade de material bibliográfico sobre o tema produzido em nosso tempo. A teologia católica preserva sobremaneira a instituição familiar.

O Catecismo da Igreja Católica (1994) define família como:

Aliança matrimonial, pela qual o homem e a mulher constituem entre si uma comunhão da vida toda, é ordenada por sua índole natural ao bem dos

cônjuges e à geração e educação da prole, e foi elevada entre os batizados, à dignidade de sacramento, por Cristo Senhor.

Sabe-se das dificuldades que muitas famílias passam e, por isso, um conceito fixo acerca da definição de família é praticamente impossível. Em todo caso, este estudo tem uma missão árdua, mas necessária: pensar a família como um espaço de vida, de amor e, sobretudo de educação. É quase impossível lançar um olhar abrangente sobre relacionamento familiar, seja ele qual for, mas onde há pessoas há o elemento formativo e onde existir em crianças, a responsabilidade de educar para a vida torna-se muito maior.

Em muitos ambientes encontra-se uma mentalidade responsável dos pais ou responsáveis perante a educação de seus filhos. Muitos casais “procuram ter os filhos que querem e podem ter e armam-se de todos os recursos para terem sucesso na empreitada da educação” (CNBB, 1994, p. 20).

Romaneli (2002) faz um breve retrospecto histórico constatando as mudanças na organização das famílias, considerando as relações de autoridade e poder, outrora centrada no homem, o provedor das necessidades do lar e posteriormente ajudado ou, dependendo da família, superado pela mulher, que conquista aos poucos o mercado de trabalho e colabora com as despesas em família. Além disso, o autor avalia o saber do homem, devido ao seu poder no lar e a capacidade da mulher no processo de socialização, principalmente no que se refere à educação dos filhos.

A cultura do descartável, presente na atualidade, parece não preparar as pessoas para os valores duradouros. A educação é um desses valores importantíssimos, a saber: não é só na escola que se educa ou aprende; o ambiente familiar é uma grande oportunidade para a educação das crianças e jovens; a educação se faz dentro da cultura de uma sociedade, de uma comunidade; a escola é este ambiente onde a família deve ter atuação contínua junto aos seus filhos. Porém, nem sempre isso acontece.

Fala-se muito em escola participativa para a educação integral das crianças e jovens. “Para garantir a existência de tempo e recursos voltados para a participação é necessária a capacitação dos integrantes da comunidade escolar (professores, gestores, pais e alunos)” (LÜCK et al., 2005, p. 30). Certamente, se todos, utopicamente ou não, se empenhassem em preservar a capacidade de

educar para a vida e para as responsabilidades que ela requer, poderia haver famílias muito mais sadias.

Alguns estudiosos apontam a escola como instituição importante à formação do aluno, fundamental ao desenvolvimento da personalidade e do caráter da criança, contribuindo para a formação do cidadão. Quanto mais precoce forem determinadas as experiências emocionais ocorridas dentro das famílias, maior será a repercussão, seja ela positiva ou negativa no psiquismo dos filhos (BALTAZAR; MORETTI; BALTHAZAR, 2006).

Com isso, podem-se observar casos de muitas crianças mal adaptadas na escola, devido às vivências complicadas em família, com algum tipo de disfunção, além de violências sociais.

É fundamental destacar as principais funções da família: a procriativa, que envolve o nascimento dos filhos e, avaliada antropológicamente, tem o papel da preservação da espécie. A função educativa, legando aos pais a função de serem os primeiros mestres de seus filhos. A família deve ser uma escola de amor, valores éticos e morais, quando pensada e planejada de modo responsável. Caso contrário, a geração de filhos sem os objetivos bem definidos pode ser desastrosa. Quem cria tem a responsabilidade de educar. A função social postula que a família é a célula mãe da sociedade, onde se aprende a convivência social. A função afetiva, que compreende a relação pais x filhos, está pautada no carinho, no afeto e, principalmente, no amor, elementos essenciais à formação de um indivíduo no seio familiar. A função religiosa, que consiste na abertura à transcendência, para o outro e para Deus, com seus valores, independente de sua crença. Por fim, a função econômica: não basta colocar os filhos no mundo, é imprescindível o seu sustento.

A proposta de todos se unirem pela educação, com tantos projetos pensados, desenvolvidos e realizados é uma esperança quase que geral de querer cidadãos responsáveis e com ensino de qualidade, a partir do seio familiar. Para tanto, a participação deve ser de todos: pais ou responsáveis, professores, gestores, comunidade, enfim a sociedade.

1.1 Justificativa

Pensar a família é considerar o primeiro meio em que qual a criança será educada. Daí, a necessidade da reflexão sobre o papel da educação nos novos parâmetros familiares, considerando o histórico familiar e principalmente os conceitos atuais. Ao trabalhar diretamente com famílias, a presente pesquisa norteará tanto a constituição familiar, sua formação, bem como a sua orientação, apoio e ajuda, destacando as dificuldades de relacionamentos, principalmente no que diz respeito ao ato de educar.

É comum ouvir pais que reclamam dos filhos; os filhos que se queixam a respeito dos pais e/ou responsáveis; os jovens que consideram retrógradas as concepções e as orientações dadas por seus pais e tudo aquilo que diz respeito à família; pais que se veem perdidos no tocante à educação de seus filhos; a escola que parece não mais corresponder às necessidades educacionais, numa constante mudança.

Sem desconsiderar conceitos correntes acerca da família, é impossível ignorar a tradição ocidental e o ideal de família que as diversas religiões postulam, baseadas na tradição de séculos, e em seus livros sagrados e leis de Estados e nações, sempre na tentativa de priorizar e valorizar a dimensão familiar e o papel que ela tem na formação de seus membros. Além disso, é importante considerar a formação integral da pessoa: afetiva, psicológica, social, humana, histórica, econômica, educacional, entre outras.

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo geral

Refletir sobre a transição da sociedade, inclusive acerca das ideias contemporâneas relativas à pós-modernidade, compreendendo as mudanças

históricas e sociais, bem como os novos direcionamentos no tocante à educação familiar e escolar.

1.2.2 Objetivos específicos

- Analisar o conceito de pós-modernidade e a sua influência na sociedade;
- Refletir sobre as mudanças históricas e culturais e como elas afetam a concepção da educação familiar;
- Ressaltar que a presença dos pais é de suma importância na formação, educação e identidade dos filhos.

1.3 Problema

Acerca do tema proposto, surgem os questionamentos:

- Quais são os principais desafios e mudanças que a família enfrenta no mundo pós-moderno?
- Qual é a responsabilidade da família junto à educação dos filhos?
- A família pode ser parceira da escola na educação dos filhos?
- Educar para qual sociedade?

1.4 Metodologia

Pela natureza do tema de estudo, a análise qualitativa permeia a questão familiar e a educação, adotando como procedimento metodológico a pesquisa de campo.

Gonsalves (2005, p. 67) conceitua pesquisa de campo como um

[...] tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. A pesquisa de campo é aquela que exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre – ou ocorreu – e reunir um conjunto de informações a serem documentados.

A pesquisa tem a sua fundamentação bibliográfica, em obras e artigos que apresentem o desenvolvimento da reflexão sobre a família e o seu papel na educação dos filhos. Para fundamentar os objetivos propostos, foram entrevistadas 13 famílias das cidades de Sandovalina-SP, Presidente Prudente-SP e Umuarama-PR, de constituições diferenciadas, a fim de enriquecer a pesquisa e apontar as dificuldades em educar nas respectivas famílias, considerando a grande variedade de estruturas e tipos de famílias encontradas atualmente.

Pretende-se por meio das ciências humanas, sobretudo aquelas que têm como objeto de estudo a família, destacando as dimensões sociológica, histórica, cultural e teológica, considerando as várias culturas, e que a religiosa valoriza a família como transmissão de valores éticos, morais e de caráter.

O instrumento utilizado na entrevista é a “semidirigida”, [...] uma vez que ela permite que o sujeito aja de modo natural, dando a oportunidade de observar a dinâmica de como se posiciona frente aos questionamentos, suas reações e atitudes, além de permitir interferir sempre que algo necessite ser esclarecido (ABREU FILHO, 2006, p. 71).

Pelo fato de a entrevista ser semidirigida, os tópicos de questionamentos podem variar de uma família para outra, dependendo das circunstâncias. Todavia, a base da entrevista é composta pelos seguintes itens:

- 1) Tempo de união conjugal; primeira união ou segunda.
- 2) Quantidade de filhos; a idade dos filhos.
- 3) Se houve na educação dos filhos, desde o nascimento, participação dos pais ou de outras pessoas tais como empregadas domésticas, babás, avós, escola, creche, berçário...
- 4) Os maiores desafios nos dias de hoje na educação dos filhos.
- 5) Os meios utilizados para resolver os conflitos com os filhos.
- 6) O tipo de acompanhamento dado à vida escolar dos filhos; sobre o relacionamento dos responsáveis com a escola.
- 7) Existem limites para os filhos; exemplos de limites.

- 8) A interferência dos meios de comunicação positiva e negativamente na educação dos filhos.
- 9) Acerca da educação religiosa; se existe vida religiosa familiar; os valores religiosos contribuem para uma boa formação.
- 10) Soluções propostas pelos pais e/ou responsáveis para que os filhos enfrentem os problemas.

Dessa maneira, foram entrevistadas 13 (treze) famílias, em suas mais diversas formas e estruturas, ouvindo o pai e a mãe, ou responsável, a fim de perceber a dimensão da educação no lar, suas dificuldades, conflitos e, sobretudo, o contraste com o tempo atual.

Foram selecionadas famílias em suas mais variadas constituições, com o intuito de perceber a diversidade e as dificuldades no tocante à educação. Assim sendo, tentou-se entrevistar: famílias tradicionais (filhos criados pelo pai e pela mãe, sendo que os filhos podem ser biológicos ou adotados); família monoparental (em que a criança é criada apenas pelo pai ou somente pela mãe); família ampliada ou extensa (em que a educação de crianças, adolescentes e jovens é assistida por avós e/ou outros responsáveis).

O local da entrevista foi na própria residência da família, a fim de deixar pai, mãe ou responsável mais tranquilo e seguro diante das perguntas propostas. A dissertação está estruturada da seguinte forma: na introdução, destacam-se os anseios e questionamentos sobre o papel da família e da escola na construção da cidadania. A seguir, as características da modernidade e pós-modernidade e seus reflexos na educação. Depois, a elucidação dos aspectos históricos da família, de modo geral, mas principalmente no Brasil, suas funções e concepções familiares em algumas religiões. Em vista disso, um capítulo dedicado ao conteúdo e análise dos resultados das entrevistas. Por fim, nas considerações finais, os desafios, os enfrentamentos e a construção de identidades compatíveis com as mudanças sem afetar os princípios norteadores de uma educação desejável.

2 A PÓS-MODERNIDADE

A história costuma ser dividida em etapas. Segundo o critério dos historiadores, os grandes períodos da história são: Pré-história (da origem da humanidade ao desenvolvimento da escrita, cerca de 3500 a.C.), Idade Antiga (a partir do desenvolvimento da escrita até a desintegração do Império Romano do Ocidente, em 476 d.C.), Idade Média (desde a queda do Império Romano do Ocidente à tomada de Constantinopla em 1453), Idade Moderna (marcada pela tomada de Constantinopla até à Revolução Francesa em 1789) e a Idade Contemporânea (desde a Revolução Francesa aos dias de hoje).

O tempo presente, dessa maneira, é denominado de Idade Contemporânea. Por contemporâneo, entende-se aquilo que é atual o que se vive no momento. Alguns estudiosos, sobretudo filósofos, denominam a época atual (se é que é possível falar em atualidade num tempo em que as coisas mudam tão rapidamente) como pós-modernidade. Para que haja a pós-modernidade, é consequentemente lógico que a Modernidade tenha sido superada.

Cada etapa histórica datada pelo homem tem algo de muito significativo que marcou a passagem de uma época à outra, como se viu acima de forma muito sucinta. Todas elas são acompanhadas por movimentos, mudanças e fatores sociais, políticos, econômicos, tecnológicos, entre outros. Assim, a contemporaneidade é marcada por discussões e reflexões importantes, porém com a velocidade e a rapidez com que as informações transcorrem, torna-se difícil postular o que é a contemporaneidade. Mas, as reflexões e estudos realizados se encaminham ao encontro do pós-moderno.

Embora o título da presente pesquisa traga a contemporaneidade em primeiro plano, este conceito vem recheado com as informações e reflexões atuais do que é a pós-modernidade, ou melhor, o que alguns estudiosos entendem por este termo. Não há dúvida de que haja, pelo tempo presente, reflexos diretos na vida das pessoas em seus mais variados aspectos e circunstâncias. Neste estudo, perceber as implicações da atualidade e como a educação permeia a vida das famílias é bastante salutar.

Por isso, é importante tomar cuidado quanto à terminologia da pós-modernidade. Ferry (2006, p. 174) alerta para o seguinte:

Na filosofia contemporânea, adquiriu-se o hábito de chamar de “pós-modernas” as idéias (sic) que, a partir dos meados do século XIX, se empenharam em fazer a crítica do humanismo moderno e em especial, da filosofia das luzes. Do mesmo modo que esta rompeu com as grandes cosmologias da Antiguidade e inaugurou uma crítica da religião, os “pós-modernos” vão atacar duas das mais importantes convicções que animavam os Modernos do século XVII ao XIX: aquela segundo a qual o ser humano seria o centro do mundo, o princípio de todos os valores morais e políticos; aquela que considera a razão um formidável poder libertador, e que, graças ao progresso das “Luzes”, seremos, enfim, mais livres e mais felizes.

2.1 Caracterização da Pós-modernidade

O conceito de pós-modernidade foi elaborado por inúmeros autores, pensadores e filósofos, que mostram as incertezas perante muitas novidades, ainda que inconscientemente.

É clássico, segundo Figueira (2008), afirmar que o final da Idade Média é marcado pela queda do Império Bizantino, com a queda de Constantinopla em 1453. E esta é uma data convencional para marcar o término da Idade Média e o início da Idade Moderna. Esta passagem deve-se a uma série de transformações tais como o capitalismo mercantil; o surgimento da burguesia, modificando o cenário social; a criação do Estado moderno; a Reforma Protestante e a Contra Reforma Católica; novidades nas artes, nas técnicas e nas ciências; as grandes navegações, que trazem os europeus à América em 1492; e tantas outras transformações salientes que a denominação de modernidade, cunhada a partir de tantas mudanças, perpassou os séculos e se projetou até hoje, pois o homem ainda não parou de inventar e de descobrir coisas novas a cada dia.

Até mesmo os estudiosos da área das ciências humanas buscam uma definição para a pós-modernidade. Santos (1997, p.7-9) diz que:

Pós-modernismo é o nome aplicado às mudanças ocorridas nas ciências, nas artes e nas sociedades avançadas, desde 1950, quando por convenção, se encerra o modernismo (1900-1950). Ele nasce com a arquitetura e a computação nos anos 50. Toma corpo com a arte Pop nos anos 60. Cresce ao entrar pela filosofia, durante os anos 70, como crítica da

cultura ocidental. E amadurece hoje, alastrando-se na moda, no cinema, na música e no cotidiano programado pela tecnociência.

Percebe-se, pois, que a pós-modernidade ainda é um tempo em processo, que não se estabeleceu definitivamente e continua a ser construído. Santos (1997) diz que o pós-modernismo possui até mesmo data e hora de nascimento, por ocasião da explosão da bomba atômica em Hiroxima, precisamente às 8 horas e 15 minutos do dia 06 de agosto de 1945. Parece que a modernidade encerra este capítulo da história com a força de um poder destruidor. A moderna civilização, marcada também pela industrialização, não mediu as consequências da força e inteligência aplicadas à ciência, que poderia criar até mesmo formas de destruição em massa.

Com isso, pode-se inferir que não há limites que não sejam superados, modificados ou desfeitos pelo homem e pela sociedade. Se a pós-modernidade nasce recheada de elementos simbólicos nos diversos saberes e áreas humanas, ao mesmo tempo carrega em si a capacidade de se esvaziar, de diluir, de desfazer os princípios, valores, práticas, enfim, a negação de tudo e, ao mesmo tempo, a afirmação de tudo faz com que o homem fique totalmente à mercê de suas vontades, sem saber para onde caminhar.

Perry Anderson, em sua obra “As origens da Pós-Modernidade”, faz uma recapitulação do significado deste termo, levando o leitor a perceber a chegada deste novo período por meio de filósofos e estudiosos preocupados com o tema e seus diversos significados e abordagens. Segundo ele:

[...] a idéia (sic) de um “pós-modernismo” surgiu pela primeira vez no mundo hispânico, na década de 1930, uma geração antes do seu aparecimento na Inglaterra ou nos Estados Unidos. Foi um amigo de Unamuno e Ortega, Federico de Onís, quem imprimiu o termo *postmodernismo*. Usou-o para descrever um refluxo conservador dentro do próprio modernismo: uma busca de refúgio contra o seu formidável desafio lírico perfeccionista do detalhe e do humor irônico, em surdina, cuja principal característica foi a nova expressão autêntica que concedeu às mulheres (ANDERSON, 1999, p. 9-10).

A primeira abordagem filosófica, segundo Anderson (1999), aconteceu em 1979, em “A Condição Pós-Moderna”, de J. F. Lyotard.

O filósofo Lyotard (2009), em sua obra “A Condição Pós-moderna” considera o advento da pós-modernidade ligada ao surgimento de uma sociedade pós-industrial. Nesta sociedade, o conhecimento é a principal força econômica da

produção. Por isso, a pós-modernidade é mudança geral na condição humana. Ele anunciou o eclipse de todas as narrativas grandiosas. Aquela cuja morte ele procurava garantir acima de tudo era, claro, a do socialismo clássico, mas também incluiu a redenção cristã, o progresso iluminista, o espírito hegeliano, a unidade romântica, o racismo nazista e o equilíbrio econômico.

Há décadas, Lyotard (2009, p.6-7) afirmou que:

A reabertura do mercado mundial, a retomada de uma competição econômica ativa, o desaparecimento da hegemonia exclusiva do capitalismo americano, o declínio da alternativa socialista, a abertura provável do mercado chinês às trocas, e muitos outros fatores, vêm preparar os Estados, neste final dos anos 70, para uma revisão séria do papel que se habituaram a desempenhar desde os anos 30, que era de proteção e guia, e até de planificação dos investimentos.

Assim, é possível perceber a grande abertura planetária no tocante às diversas áreas que envolvem a sociedade. Torna-se difícil a isenção humana perante tantos fatores que a cercam, principalmente a novidade pós-moderna com tudo o que ela traz e significa.

Para Giddens (1991) o conceito de pós-modernidade não corresponde ao seu significado, pois, na verdade, sofremos ainda as consequências da modernidade, que continua atual. Ao que tudo indica, somos inseridos na história como seres com um passado definitivo e um futuro predizível. Ele destaca que a história é descontínua: “O que quero sublinhar é aquela descontinuidade específica, ou conjunto de descontinuidades, associado ao período moderno” (GIDDENS, 1991, p. 14). Daí pode-se compreender a dificuldade em se postular a pós-modernidade como um tempo atual, contemporâneo, pois a história, como se viu, marca os tempos por meio de acontecimentos importantes.

Ademais, num tempo em que a ciência não encontra limites para novas descobertas, a concepção pós-moderna não destaca a dimensão científica como definitiva e acabada. O próprio modernismo chega carregado de novidades científicas, com desejo de conquistar novos horizontes, novas técnicas, que ainda hoje são procuradas por ela. Conforme Giddens (1991, p. 12-13):

Em vez de estarmos entrando num período de pós-modernidade, estamos alcançando um período em que as consequências (sic) da modernidade estão se tornando mais radicalizadas e universalizadas do que antes. Além da modernidade, devo argumentar, podemos perceber os contornos de uma

ordem nova e diferente, que é “pós-moderna”; mas isto é bem diferente do que é atualmente chamado por muitos de “pós-modernidade”.

Lipovetsky (2005), também mostra certa aversão à noção de pós-modernidade quando levanta vários questionamentos, dizendo que a ideia não é clara, pois remete a dimensões difíceis de coincidirem: “Esgotamento de uma cultura hedonista e vanguardista ou surgimento de um novo poder renovador? [...] Novo modo de continuidade na trama modernista ou descontinuidade?” [...]. (LIPOVETSKY, 2009, p. 59). Para ele, o pós-modernismo deveria causar uma mudança geral e profunda em toda sociedade, no entanto, o tempo presente é marcado pela diluição das oposições rígidas, as preponderâncias são fluidas. Daí, o esgotamento e a inobservância dos valores, modos e costumes que são alterados e repensados a cada dia.

O sociólogo Bauman (2001) comenta a respeito da fluidez do tempo presente. Na abertura de sua obra “Modernidade Líquida”, define o que é característico dos líquidos e gases: a fluidez. Para ele, a própria modernidade é um processo de fluidez e de liquefação desde o seu início. Parece um paradoxo, mas segundo Bauman (2001, p.10), os seus estudos constatam que:

Os tempos modernos encontraram os sólidos pré-modernos em estado avançado de desintegração; e um dos motivos mais fortes por trás da urgência em derretê-los era o desejo de, por uma vez, descobrir ou inventar sólidos de solidez duradoura, solidez em que se pudesse confiar e que tornaria o mundo previsível e, portanto, administrável.

A história mostra que a humanidade ainda não chegou a este patamar. A diluição moderna ainda continua em vários ambientes, dificultando assim, uma ideia clara de pós-modernidade, haja vista a modernidade ainda não ter concluído o seu processo. Um dos traços permanentes da modernidade é fazer com que os sólidos de outrora, marcados pela tradição e pela rigidez dos postulados, sejam derretidos, envolvendo, dessa maneira, as escolhas individuais em projetos e ações coletivas.

Teologicamente, o Ocidente tornou-se o verdadeiro lugar teológico, onde acontecem a crise dos modelos e a negação dos mesmos, segundo atesta Rubio (1999). Este teólogo fala de um período anterior ao tempo moderno, isto é, o pré-moderno. Dessa maneira, para Rubio (1999, p. 97):

- O “tempo moderno” inicia-se mediante um laborioso e polifacético processo de modernização que, num momento dado, chega a uma situação de modernidade; quer dizer: aquela em que os diversos âmbitos (social, cultural, religioso, moral...) assumiram suficientemente a nova modalidade, de sorte que, em comparação com o período anterior ou com outra sociedade menos evoluída, podem ser descritos como “modernos”.
- O “tempo pós-moderno” introduz no esquema outra brecha de descontinuidade. Por esgotamento ou por desvio das energias modernas, o homem contemporâneo percorreu um sinuoso processo de transgressões do moderno, que confluíram na desencadeada situação de pós-modernidade. Nela, sem conseguir precisar exatamente onde, nem quando nem como, sabe-se e experimenta-se depois de [...] e para além das conquistas da modernidade.

Ao tempo pré-moderno sucede o moderno, sendo que a marca desta transição é a secularização, que desembocará com mais força na pós-modernidade. Com a secularização, o homem se liberta totalmente dos conceitos que o amarravam, como as crendices, os mitos, a dimensão sacra e ideológica. Para Rubio, a mentalidade secular gera um horizonte de realização, dando ao homem a experiência de que toda a realidade pode se tornar cada vez mais ela mesma.

Ligada inteiramente à ideia de pós-modernidade, a globalização também ocupa lugar de destaque. O mundo não tem mais fronteiras; a economia tem vida própria; o planeta está interligado na rede mundial de computadores, a internet; o capitalismo ocupa lugar privilegiado. Uma das marcas hodiernas fundamentais é o virtual. O computador, cada vez mais avançado, pode fazer tudo, ou quase tudo.

A internacionalização do capitalismo é gritante, que chegou a tomar a forma de um imperialismo. Conforme Figueira (2008), é justamente o avanço tecnológico, principalmente nas áreas de informática e de comunicação, bem como de capitais e mercadorias que circulam por todo o planeta que deu origem à globalização. Concomitantemente à globalização, acentua-se a diferença cada vez mais evidente entre as classes sociais, não proporcionando uma distribuição igualitária e apropriada a todas as nações.

Num tempo marcado pela força do capitalismo, o consumo torna-se uma arma quase que obrigatória. Quem consome está dentro do sistema; quem não consome está fora. Quem produz ou trabalha pode consumir; quem não trabalha, fica alheio a este ato, sendo que há milhares de desempregados em todo o mundo.

É a era do consumo em redes, como a moda, por exemplo, que sujeita, principalmente, os jovens à sua força e sedução. A humanidade envolta às

constantes novidades do pós-modernismo cede às paixões do consumo, marcando todas as idades e níveis sociais. Lipovetsky (2000, p.119) já argumenta sobre o hiperconsumo:

A sociedade de hiperconsumo não vê apenas a desagregação das culturas de classes; é contemporânea da promoção de um mesmo modelo consumista-emocional-individualista em todas as classes de idade. De um lado, as maneiras de consumir são marcadas pelas diferenças de idade; do outro, não há mais nenhuma categoria de idade – ainda que seja a primeira infância – que não participe plenamente da ordem do consumo.

Dado o exposto, pode-se perceber o mundo em transformação contínua, apesar das definições e/ou divergências entre os estudiosos. Algo, porém, torna-se claro e evidente: é o homem o mais suscetível às mudanças nos vários ambientes, a saber, político, social, econômico, familiar, espiritual, emocional, educacional...

O homem não é um ser isolado. Vive na interdependência. Com isso, os valores e costumes que são diluídos na modernidade ou pós-modernidade, ao que se propõe este estudo no tocante ao envolvimento familiar e educacional, deixa o homem completamente perdido.

2.2 A Secularização

O homem moderno também é secular, característica que marca profundamente o ser. Secularismo é uma palavra genuinamente cristã. “A clássica vulgata, ao traduzir o termo encontrado no Novo Testamento, usou a palavra século no sentido de mundo, isto é, tudo que estava fora da comunidade cristã...” (MENDONÇA, 2006, p. 231). Dessa forma, é lançado um olhar negativo sobre o mundo e tudo aquilo que cerca o homem, mesmo ele tendo consciência de que é o ator principal da história.

Para Augusto (2006, p. 144), “a secularização [...] deve ser compreendida como uma evolução através da qual muitos elementos que eram tidos como sagrados vão entrando no mundo do profano.” Além disso, ele cita Max Weber

como aquele que melhor definiu processo de secularização: “desencantamento do mundo”.

Augusto (2006, p.144) ainda apresenta quatro sentidos à palavra secularização:

O primeiro, como sendo o ato de tornar as coisas seculares ou leigas. O segundo como sujeição de elementos à lei civil, processo que começou com a Revolução Francesa. O terceiro sentido é o da dispensa dos votos sagrados ou monásticos. Um quarto sentido vincula-se às íntimas relações entre laicização e violência.

Percebe-se claramente, o abandono à dimensão religiosa, que norteava basicamente a vida social. O sentido do sagrado se perde. Quando a secularização faz a distinção entre o sagrado e o profano, surgem novas idolatrias, novas sacralizações. O homem deposita a sua confiança em outras coisas ou necessidades, como o dinheiro, por exemplo. A dimensão transcendental parece não ter muita importância.

Rubio (1999, p. 108) chega à conclusão de que:

Deus transcende toda a realidade, incluindo o homem, sem que isso suponha que, para aceitar a Deus, o homem tenha de abdicar de sua liberdade e autonomia ou de sua aspiração ao crescimento progressivo em maioridade. Com isso, fica reestruturado o esquema global da realidade. Esta deixa de ser teo-cêntrica (sic) ou cosmo-cêntrica (sic) para se tornar antro-po-cêntrica (sic). Com tudo o que isso implica de ventura e desventura, o homem moderno secular coloca-se no centro da realidade.

Para uma visão na perspectiva religiosa, Deus é, então, um ser transcendente. Mesmo o homem se colocando no centro do mundo e abandonando a dimensão sacra, Deus perpassa toda realidade. Se o homem se coloca no centro, certamente surge a impressão de uma divinização do humano, girando em torno a si mesmo, o que pode ser um perigo. A secularização quebra os valores e os descarta, assim como os relacionamentos e a convivência humana.

Num tempo em que as relações se tornam cada vez mais frias e individualistas, percebe-se o “cada um na sua” muito mais evidente. Em muitos lares cada um tem sua televisão, seu computador, seu banheiro, sua refeição preferida. O que é comum parece que não tem mais valor, é importante que cada um tenha o seu. O paradoxo globalizante é desproporcional. Se for pensado um mundo global,

em que todos estão interligados, a partir das relações mais próximas, como dentro de casa, por exemplo, percebe-se a individualização.

Não há dúvidas de que, com o advento da modernidade e o tempo atual, marcados pela chamada pós-modernidade, haja mudanças significativas na vida das pessoas. Ocorrem, certamente, mudanças positivas e negativas.

Entretanto, os aspectos negativos, no que diz respeito à índole do homem moderno, também são marcantes. Rubio (1999, p. 109) elenca alguns perfis do homem atual:

- É um homem “previamente esvaziado de história própria, sem entranhas de passado” que carece de um ‘dentro’ de uma intimidade sua [...].
- É um homem com uma extraordinária “disponibilidade para fingir ser qualquer coisa”.
- É um homem que “acredita que só tem direitos e não crê que tem obrigações”.
- [...]
- ...cada indivíduo médio encontra em si uma sensação de domínio e triunfo.

Esses paradoxos existências e coletivos afetam o pensamento e a vida humana. Os reflexos antagônicos desembocam na vida cotidiana, no fechamento do próprio ser ao que há de bom. Os modelos tradicionais, os valores e as virtudes, sobretudo os que são duradouros, ou numa perspectiva transcendental eterna, correm sério risco de serem quebrados.

2.3 Aspectos contemporâneos positivos

Podem ser considerados como aspectos positivos do tempo hodierno: os avanços tecnológicos, desde que revertidos para o bem; o aperfeiçoamento da ciência; a consciência da necessidade de cuidar do planeta devido à degradação que sofreu ao longo do tempo pelo próprio homem; o aumento da longevidade; a conquista da liberdade quando pensada concomitantemente com respeito e cuidado para com o outro, ainda que limitada a consciência do senso de igualdade; entre outros fatores.

Apesar de todos os males que a globalização e pós-modernidade pontuam, é preciso ver o lado positivo do tempo presente para não vislumbrar somente o que é obscuro, mas procurar enxergar o que há de bom.

Segundo Souza (2009, p.6):

A Pós-modernidade nos trouxe como aspecto positivo o reconhecimento da diferença que constitui os povos e as culturas e a conseqüente necessidade de convivência nessa diferença. Mas trouxe também a sensação de que é impossível existir consenso sobre valores que possam pautar a vida em sociedade, apagando com isso os princípios éticos e políticos. A globalização trouxe a mundialização de valores econômicos como preponderantes sobre todos os outros. Mas com sua redefinição das noções de espaço e tempo, essa mesma globalização pode servir de via para a real implementação e disseminação de uma ética planetária que fomente o reconhecimento dessas diferenças por meio do reconhecimento das nossas semelhanças, do que nos torna iguais: a humanidade que nos atravessa.

Justamente por sermos humanos, é primordial a busca pela valorização da vida e da recuperação dos valores perdidos de outrora, ou a sua reelaboração. Conviver com as diferenças é algo importantíssimo, pois a aldeia global possui uma diversidade imensa de pessoas. As conexões que são feitas e o resultado delas mostram a beleza global e, ao mesmo tempo, singular do ser humano.

2.4 A Educação Familiar no Ambiente Pós-Moderno

Citado por Bauman (2001, p.13), Ulrich Beck concedendo uma entrevista a Jonathan Rutherford aos três de fevereiro de 1999, tece comentários acerca da família:

Pergunte-se o que é realmente uma família hoje em dia? O que significa? É claro que há crianças, meus filhos, nossos filhos. Mas, mesmo a paternidade e a maternidade, o núcleo da vida familiar, estão começando a se desintegrar no divórcio... Avós e avôs são incluídos e excluídos sem meios de participar nas decisões de seus filhos e filhas. Do ponto de vista de seus netos, o significado das avós e dos avôs tem que ser determinado por decisões e escolhas individuais.

O individualismo, característica pontual na pós-modernidade, altera os laços de responsabilidade e compromisso. O fato de as coisas mudarem

rapidamente faz com que a família também perca a sua identidade primária, principalmente nos laços que são construídos e, ao mesmo tempo, desfeitos. Parece que os referenciais estão perdidos.

Quanto ao ato de educar, igualmente sofre dificuldades, pois se não há referenciais, pode se tornar difícil, tanto no ambiente familiar, quanto na escola ou em outros ambientes. A educação no lar, geralmente é responsabilidade daqueles que transmitem a vida, pai e mãe. As eventualidades podem acontecer: morte do pai ou da mãe, ou ainda de ambos, divórcio, uma gravidez indesejada fora de um relacionamento sério e responsável, a ausência dos pais por necessidade profissional confiando os filhos às creches ou escolas, babás ou avós, parentes próximos e até aos amigos, entre tantas outras possibilidades. São situações que dificultam os relacionamentos e, quando somadas aos princípios da fluidez hodierna, fazem com que a família, no que diz respeito à educação, fique desestruturada e sem apoio.

Relacionamento é um assunto que envolve mais de uma pessoa. O ser humano é um ser relacionável e necessita disso. As atenções humanas levam a se concentrar nas satisfações esperadas das relações, pois muitas delas não são plenas nem verdadeiramente satisfatórias.

“Estar num relacionamento” significa muita dor de cabeça, mas sobretudo uma incerteza permanente. Você nunca poderá estar plena e verdadeiramente seguro daquilo que faz – ou de ter feito a coisa certa ou no momento preciso (BAUMAN, 2004, p. 29).

No mundo consumista, coisificam-se as pessoas, tornando-as simples objetos descartáveis. Elas são passageiras, assim como os desejos e os objetos consumidos. O amor, virtude necessária ao bom relacionamento e também à arte de educar, é algo simplesmente etéreo. Aprofundando, Bauman (2004, p.22), em sua obra “Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos”, percebe-se que:

A promessa de aprender a arte de amar é a oferta (falsa, enganosa, mas que se deseja ardentemente que seja verdadeira) de construir a “experiência amorosa” à semelhança de outras mercadorias, que fascinam e seduzem exibindo todas essas características e prometem desejo sem ansiedade, esforço sem suor e resultados sem esforço.

Isto, certamente, é reflexo da cultura consumista, a qual permite o produto pronto para o uso imediato, rápido e descartável. Assim agimos com o

sentimento, os relacionamentos, amigos e familiares. A necessidade do prazer passageiro leva o indivíduo a coisificar também o outro. A satisfação instantânea, num precário relacionamento, leva o ser a buscar uma outra satisfação imediatamente, num outro relacionamento. Não há mais segurança nem garantias. Destarte, a educação ou o ato de educar a partir do relacionamento e do afeto sofre igualmente tamanha degradação e rebaixamento.

Se se considera o homem como um ser em relação com os outros, seu processo histórico acabará por desencadear várias crises existenciais. A identidade é colocada em pauta. Hall (2001) elenca três tipos de identidade, recuperando os modelos marcantes da história da humanidade: o sujeito do Iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno.

No momento histórico do Iluminismo, o sujeito era concebido como um ser centrado, unificado, marcado pela capacidade racional. “O centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa” (HALL, 2001, p.11). Percebe-se, dessa maneira, um grande individualismo do sujeito e de sua identidade, além da descrição masculina do sujeito, isto é, pairava certo machismo, esquecendo-se da mulher, que atualmente é reconhecida pelo que pensa, bem como pelo amplo espaço conquistado na sociedade.

A reflexão sobre o sujeito sociológico é marcada pela complexidade do mundo moderno. É quebrada a concepção homocentrista, reelaborando e afirmando a necessidade de relação do ser com os outros. O sujeito não perde sua essência, o eu real, entretanto “este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem” (HALL, 2001, p.11). A identidade, então, é formada em relação com tudo o que acontece na sociedade, assim como os significados e os valores. A identidade liga o sujeito à estrutura.

Na chamada pós-modernidade, a concepção sociológica está em mudança. Conforme Hall (2001, p. 12):

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias, ou não-resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais “lá fora” e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as “necessidades” objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de

identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático.

Pode-se considerar que o sujeito pós-moderno não tem uma identidade estática, eterna, pelo contrário, ela vai mudando conforme as circunstâncias e padrões estabelecidos. É a história, o desenrolar social, entre outros elementos sociais, que definirão a identidade da pessoa no ambiente pós-moderno.

Rubio (1999, p.106) levanta suposições antropológicas que desembocam no homem moderno. Entre elas destaca-se a pluralidade. Ao homem moderno não cabe uniformidade, pois existem inúmeros projetos antropológicos a seu respeito. A expressão “homem moderno” denomina apenas uma série de traços de identificação, a partir da própria modernidade.

O ser humano, na célula da sociedade que o gera, ou pelo menos deveria gerá-lo conforme o processo histórico ocidental, ou seja, a concepção ou a ideia de família, encontrará possibilidades e, proporcionalmente igual, ou mais, dificuldades quanto ao ato de transmitir e mostrar valores e virtudes, no que diz respeito ao ato de educar.

Dado o exposto, é impossível não associar as ideias ou conceitos acerca da pós-modernidade ligados à globalização, os quais também influem no tempo atual. Toda a ideia de globalização, paradoxalmente, gera uma individualidade exacerbada, o cada um por si, o salve-se quem puder, o aumento do egoísmo e da competição exagerada; o coletivo, o comunitário e o social são trocados pelo individualismo. Faz-se mister refletir, concomitantemente a isso, as ideias capitalistas, marcadas pela industrialização e seus progressos.

Em conferência proferida em 18/10/2000, na UnC, campus de Caçador-SC, o professor José Luis Sanfelice afirma que a “pós-modernidade, globalização, educação à luz do pensamento neoliberal, continuam sendo fenômenos e conceitos temporais”. Ora, o homem também está inserido neste novo tempo, assim como os educadores, perpassando à instituição família, “embora nem tudo seja novo e nem todo novo seja revolucionário” (SANFELICE, 2009, p.11).

A ideia de pós-modernidade é, pois, pautada pela desconstrução de conceitos e ações: morais, éticas, existenciais, humanas, religiosas, políticas, econômicas. Em todas estas dimensões o ser humano está presente em suas mais variadas concepções e estilos de vida. E, apesar da pluralidade, da secularização, o ser humano continua com a ideia da necessidade de um ambiente familiar para vir

ao mundo. A família está envolta nesta atmosfera pós-moderna e é afetada tanto pelos aspectos positivos, quanto pelos negativos. Porém, para gerar filhos, não há mais o rigorismo de se constituir família. Cresce o número de crianças que nascem de pais e mães adolescentes, das crianças que vêm ao mundo sem uma base familiar sólida, dos que são abandonados e criados por outrem, como avós, parentes, amigos, até vizinhos e, muitos casos, na rua.

Todos estes fatores, indubitavelmente, influem na vida de todas as pessoas, das famílias, da sociedade e, conseqüentemente, na educação. É preciso refletir sobre o tema da educação e como ela é transmitida ou passada às gerações. Numa sociedade pautada pelos ideais de pós-modernidade (ainda que haja divergência em seus conceitos, na qual tudo é possível) torna-se imprescindível perceber como aqueles que geram a vida, ou seja, os pais, no sentido de uma construção familiar estável, ou pela desestabilização ou desconstrução do conceito familiar, já que é possível observar a criação e a educação de crianças, adolescentes e jovens sendo feitas por outros, haja vista os novos conceitos de famílias existentes no tempo presente, reconhecer a importância da responsabilidade em educar bem seus filhos e filhas.

2.5 É possível um posicionamento frente às ideias pós-modernas?

A pergunta do presente item coloca ao pesquisador e ao leitor as dificuldades em assumir uma postura ou uma definição no que diz respeito à contemporaneidade.

Ao olhar as definições que envolvem a pós-modernidade, Giddens (1991) aponta que o conceito de pós-modernidade não corresponde ao seu significado. Para este autor a humanidade sofre as conseqüências da modernidade, que ainda é atual. Ao que tudo indica, o homem é inserido no plano histórico como um ser que tem um passado definitivo e um futuro predizível.

Para ele a descontinuidade histórica é a característica que permeia a humanidade. Recuperando a ideia do autor: “O que quero sublinhar é aquela descontinuidade específica, ou conjunto de descontinuidades, associados ao período moderno” (GIDDENS, 1991, p. 14).

Com isso, há a dificuldade em compreender na contemporaneidade a definição de pós-modernidade como condição definitiva do tempo presente. A história, como se viu, marca os tempos por meio de acontecimentos importantes. A modernidade ainda está em construção. As invenções, as técnicas, o que envolve o ser humano são reflexos da modernidade.

3 A FAMÍLIA

Normalmente, a pessoa vem ao mundo por meio de uma constituição familiar. Diz-se normalmente, que a família, ao longo do tempo, passou e tem passado por modificações em suas estrutura e concepção. Uma criança pode nascer fora do ambiente familiar, pois com os avanços e retrocessos sociais (inclusive os religiosos e morais, seus relativismos), parece não haver obrigatoriedade de gerar um ser dentro de um ambiente familiar bem constituído, com pai e mãe solidamente conscientes de sua tarefa educativa.

Pode ser que a chegada de uma pessoa ao mundo fora de um ambiente familiar bem constituído cria marcas dolorosas e profundas nas várias dimensões: afetiva, humana, social, entre outras. Mesmo que uma pessoa faça opção pela solidão, a família ainda é considerada a base formativa do ser humano, é uma organização fundamental onde se enraízam as relações sociais imediatas e próximas.

A família tem sido objeto de estudo, de amparo, acompanhamento, pelos vários segmentos da sociedade, a saber: ciências sociais, política, religiões, ONGs, economia; enfim, em muitas áreas humanas é possível identificar a preocupação com a família. Esta sempre está em pauta.

Tal preocupação advém pelo fato de a família ser alvo de destruição ou por maneiras de deformá-la. Em nome da modernidade (ou pós-modernidade), da liberdade pregada de forma irresponsável, do consumismo exacerbado, da globalização e do neoliberalismo fluente, pela força esmagadora dos distorcidos valores anunciados pelos meios de comunicação, pode-se dizer que a família passa por dificuldades e crises em sua forma, tradição e, mesmo identidade. Ademais, o educar neste ambiente adverso é altamente difícil e complexo.

3.1 Aspectos Históricos da Família no Brasil

Para muitos, a família é considerada como a célula mãe da sociedade. O ser humano se agrupa de diversas maneiras, e uma delas está na constituição

familiar: homem e mulher unem-se e formam o grupo inicial, gerando filhos, muitas vezes agregando a si muitas outras pessoas, sejam parentes ou amigos.

O termo família é definido pelo Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa como:

- 1 grupo de pessoas vivendo sob o mesmo teto (esp. o pai, a mãe e os filhos).
- 2 grupo de pessoas que têm uma ancestralidade comum ou que provêm de um mesmo tronco.
- 3 pessoas ligadas entre si pelo casamento e pela filiação ou, excepcionalmente, pela adoção. (...) Grupo de pessoas unidas por mesmas convicções ou interesses ou que provêm de um mesmo lugar. (FAMÍLIA... 2011)

Etimologicamente, o mesmo dicionário afirma que a palavra família provém do latim:

familia,ae 'conjunto de criados e escravos que vivem sob o mesmo teto', p.opos. a *gens,gentis* 'conjunto de pessoas com um mesmo ancestral'; depois 'a casa em sua totalidade, compreendendo o *paterfamilias*, sua mulher, os filhos, os escravos e até os animais e as terras'.

É claro perceber que, pertencer a uma família é compartilhar das mesmas convicções, num amálgama de laços paternais, maternos, filiais e fraternos. Numa definição mais extensa, até os subordinados ou escravos, também são agrupados à vida familiar, como membros, embora com funções determinadas.

Quando se lança um olhar nas origens familiares do Brasil, pensando a partir dos registros históricos, constata-se que a sua concepção é feita com o estilo familiar indígena, pois são os habitantes aqui encontrados pela conhecida sociedade civilizada europeia, principalmente a portuguesa que marca grandemente a cultura e a formação do povo brasileiro.

As estruturas familiares africanas também marcaram a constituição familiar brasileira, devido à grande afluência deste povo por ocasião do momento histórico escravagista.

Além dos portugueses, outros colonizadores europeus como italianos, alemães, holandeses e outros, bem como a chegada dos asiáticos, sobretudo os japoneses, além de pessoas advindas de muitas outras nações, contribuíram para a grande miscigenação do povo brasileiro. Toda essa mistura social faz com que sua base seja marcada por diversos elementos culturais próprios, pensando desde os

primeiros habitantes, os indígenas, encontrados pelos colonizadores na nova terra, assim como os hábitos daqueles que aqui chegaram e ainda continuam a chegar das diversas partes do globo.

A miscigenação é uma característica própria do povo brasileiro. Sem dúvida, a família brasileira concebida absorveu a miscelânea de muitas culturas. Conseqüentemente, torna-se difícil e árduo estabelecer parâmetros ou referenciais catalogados, sobretudo no que se refere à educação e aos valores que devem ser transmitidos ao longo da vida a uma criança por parte de seus pais e/ou responsáveis.

É um mito falar em democracia racial no Brasil. O processo de colonização brasileira levou à miscigenação entre as três principais raças: o índio, o negro e o branco. No século XVI, conforme Cotrim (1999), já havia três tipos fundamentais de mestiços: o caboclo ou mameluco, resultado da mistura entre o branco e o índio; mulato, da mistura entre o negro e o branco; e o cafuzo, da união biológica do índio com o negro.

O índio e o negro foram altamente desprezados no início da colonização pelo europeu. Suas culturas e valores eram considerados inferiores, sem importância. Porém, é certamente toda esta mistura que compôs e compõe a sociedade brasileira e conseqüentemente a família, com seus valores, tradições e culturas.

Em muitos povos indígenas encontram-se tanto a família monogâmica como a poligâmica. Cotrim (1999) diz que o casamento de um homem com várias mulheres cabia aos chefes e guerreiros, o que demonstrava sinal de prestígio e liderança.

Para Cotrim (1999), ainda é forte a discriminação nos dias de hoje. Para ele, “o legado étnico e cultural de negros e índios integram de forma estrutural o que entendemos por sociedade brasileira” (p.65).

Borba e Correia (2006, p.3) lembram que:

A elite brasileira estudava nas melhores faculdades da Europa, com este intercâmbio, havia uma troca cultural muito importante entre brasileiros e europeus. A partir desta troca, a cultura burguesa foi trazida para o Brasil (costumes familiares, de consumo, etc.). Houve uma acentuada defesa da imigração, que não se restringia às necessidades de mão de obra, mas também a um ideal de construção de uma nacionalidade. O Brasil que se pretendia formar era livre e de cidadãos brancos. Os nacionais - mestiços, negros, índios e brancos pobres - eram desqualificados como cidadãos. Os

imigrantes europeus já conheciam e aceitavam a cultura burguesa, principalmente no se referia à família, porém, não dentro dos padrões rígidos da burguesia europeia.

A constituição da família brasileira é realmente formada por uma grande diversidade cultural e étnica. Tantas ideias e tantas diferenças marcam os estilos e as opções que cada pessoa realiza em sua vida, sobretudo nos conceitos familiares e relacionamentos próximos.

3.1.1 Uma breve visão da família no contexto geral

Segundo Ariès (1981), até por volta do século XVII, a dimensão da infância não era reconhecida pela sociedade monárquica, além de as crianças não serem prioridade na família. Tal fato acontece a partir das obras de médicos ou filósofos, os quais refletem principalmente o papel materno e o amor que advém desta relação no âmbito familiar.

Freud (1980), em seus estudos, fala da forte relação existente entre mãe e filho, no que diz respeito à construção da personalidade e do emocional. Os primeiros anos de vida são importantes à criança para o seu desenvolvimento futuro. Ademais, a família é primordial como instituição a gerar pessoas saudáveis emocionalmente, felizes e equilibradas. Mas, a família também pode ser a causadora de inseguranças, desequilíbrios, desvios e uma série de problemas comportamentais.

Até então, a família tinha a missão de assegurar a transmissão da vida, do nome e dos bens. Carecia, todavia, de entrar na dimensão sensível e afetivo-emocional. Em meados do século XVII, esse quadro muda. Segundo Ariès (1981), começa a preocupação com a vida das crianças. Com as novas concepções sociais e de Estado, não era interessante perder as crianças. É preciso cuidar bem delas para que possam ajudar no trabalho e colaborar no sustento da família. Era preocupação ou “preocupação utilitarista”?

Se outrora a presença da criança na convivência com adultos atrapalhava a constituição de sua personalidade, a partir de então, ela é separada

dos adultos e mantida à distância. Começa o processo de escolarização. Conforme Ariès (1981, p.275):

Na Idade Média, no início dos tempos modernos, e por muito tempo ainda, nas classes populares, as crianças misturavam-se com os adultos assim que eram consideradas capazes de dispensar a ajuda das mães e avós, geralmente aos sete anos de idade. A partir desse momento, ingressavam imediatamente na grande comunidade dos homens, participando com seus amigos jovens ou velhos, dos trabalhos e dos jogos de todos os dias.

Num primeiro momento a separação era radical. As crianças, no princípio os meninos, provavelmente aqueles cuja família tinha condições iam para os colégios internos. Algumas famílias privilegiavam o primeiro filho, costume desde o século XIII, conforme Ariès (1981). A separação familiar marca a vida do filho, ao passo que o retorno nem sempre era saudável, devido ao distanciamento criado com a ruptura. No século XVII já havia discussões acerca do envio das crianças a colégios distantes. Muitos defenderam o processo educacional em casa, feito geralmente por um preceptor. As meninas começam ter acesso à escola muito tempo depois, a partir do século XVIII e início do XIX, sendo educadas pela prática e pelo costume, às vezes até em casas estranhas, mais do que pela própria escola.

Ariès (1981, p.232) diz que:

Os tratados de educação do século XVII insistem nos deveres dos pais relativos à escolha do colégio e do preceptor, e à supervisão dos estudos, à repetição das lições, quando a criança vinha dormir em casa. O clima sentimental agora completamente diferente, mais próximo do nosso, como se a família moderna tivesse nascido ao mesmo tempo que a escola, ou, ao menos, que o hábito geral de educar na escola.

Ainda, conforme Ariès (1981), a separação pais e filhos ou adultos e crianças faz parte do processo da construção da moral humana, incentivada por religiões, pessoas ligadas à lei e também ao Estado. Como a segregação entre pobres e ricos sempre foi acentuada, os estudos do autor citado (1981, p.231) constata que:

A família quase não existia sentimentalmente entre os pobres, e quando havia riqueza e ambição, o sentimento se inspirava no mesmo sentimento provocado pelas antigas relações de linhagem.

Se não havia preocupação com as crianças e sua formação, hoje existe a grande tentativa de valorizar a infância e tentar, por meio de estudos, métodos e formas, considerar esta fase da vida humana como essencial para uma vida adulta responsável e madura. Porém, nem sempre isso é possível. A grande variedade de estruturas pessoais e familiares atestam os grandes entraves existentes nas relações familiares. A educação, a escolarização ou qualquer tipo de pedagogia que conduza o ser a uma vida voltada ao outro, a alteridade, supõe muito esforço, dedicação e compromisso com o valor da vida humana desde o nascimento até o seu fenecer.

3.2 A Família Patriarcal

A reflexão social construiu a família patriarcal como o modelo da organização brasileira. Mencionar a família brasileira é remeter à elite tradicional, que era limitada, em algumas áreas do Brasil, notadamente no nordeste açucareiro.

Na região açucareira, a família era nitidamente patriarcal, na qual todo o poder de chefia concentrava-se na figura do pai, o senhor de engenho, detentor de uma autoridade absoluta sobre a esposa e os filhos. Entretanto, convém notar que, em relação aos escravos, esse patriarcalismo da sociedade açucareira adquiria um outro sentido, puramente econômico e empresarial. Aqui, o senhor de engenho não era a mesma figura patriarcal do ambiente familiar, mas antes de tudo o administrador da empresa açucareira, cuja produção era sustentada pelos braços dos negros (COTRIM, 1999, p.60).

Quando se utiliza a expressão patriarcal, sua denotação primeira refere-se à autoridade paterna. No entanto, este significado ia além da esfera doméstica, repercutindo na dominação política, fortemente alicerçada com os vínculos parentais. Era uma tendência confundir o público e o privado.

Com essa visão do patriarcalismo no Brasil sedimentou-se a ideia, segundo Samara (2002), de que:

A família sempre foi pensada na História do Brasil como a instituição que moldou os padrões da colonização e ditou as normas de conduta e de relações sociais desde o período colonial. No entanto, até a algumas décadas atrás ainda pouco conhecíamos sobre o perfil dessa família, predominando na literatura uma imagem vinculada ao modelo patriarcal extraído da obra de Gilberto Freyre, *Casa Grande e Senzala* (Freyre, 1987),

escrita no início do século XX. E assim, para várias gerações de estudiosos, esse modelo funcionou como critério e medida de valor para entendermos a vida familiar brasileira ao longo do tempo.

A estrutura familiar patriarcal gerava a sua própria contradição. Devido à moral sexual de então, surgia o concubinato. O homem se dava o direito às amantes, quer índias, negras ou brancas. Em contrapartida, nascia o modelo social familiar centrado na mulher, na mãe, a senhora do lar, ainda que o homem tivesse a palavra final.

À medida que se associava ao escravagismo, a família patriarcal gerou sua contrapartida, a inexistência da família, ou a generalização, na população escrava, do que chamamos família “matrifocal”, onde o pai só está presente como genitor, mas não como pai. Essa forma de família é, ainda hoje, disseminada entre algumas camadas sociais do Brasil (CNBB, 1994, p.42).

Para o historiador Teixeira (2000, p.59):

Ainda que socialmente hegemônica, a família patriarcal – um clã de respeitada linhagem, numerosa prole e muitos dependentes – foi uma regra com muitas exceções. Eram numerosas na colônia as famílias de poucos filhos, não eram tão raras as separações matrimoniais e era significativo o número de solitários, viúvos e adultos que não se casavam e viviam sozinhos. Com o tempo, cresceu o número de casamentos, legitimados ou não, entre os escravos, quando sempre se pensou que o tráfico (majoritariamente masculino), o intercâmbio inter-regional e intersetorial (sic) e o regime da escravidão (posse absoluta do escravo pelo senhor) impediam na prática a constituição de uniões estáveis entre a população cativa.

Já no campo, torna-se impossível pensar a família sem os vínculos e as noções de trabalho e terra. O modelo rural familiar é marcado pela partilha das tarefas e dos bens existentes. Nesse modelo acentua-se a centralidade na figura paterna. Nesse molde, gerar filhos era quase que uma necessidade devido à finalidade de ajudar nos trabalhos do campo e da casa.

No clássico, *Casa Grande e Senzala*, Gilberto Freire (2002, p.92) afirma que:

A família, não o indivíduo, nem tampouco o Estado nem nenhuma companhia de comércio, é desde o século XVI o grande fator colonizador no Brasil, a unidade produtiva, o capital que desbrava o solo, instala as fazendas, compra escravos, bois, ferramentas, a força social que se desdobra em política, constituindo-se na aristocracia mais poderosa da América.

Não é raro, partindo-se desse modelo familiar, observar ainda hoje famílias que detêm, no Brasil, grande prestígio e domínio nos vários setores, sobretudo econômicos e políticos. Mas, é certo, que através da família e do seu trabalho no campo, o cultivo dos seus valores e hábitos garantiram um perfil bastante sólido em sua constituição, apesar dos problemas e dificuldades enfrentados ao longo do tempo. Ademais, o fato de o Brasil ser marcado pela vida colonial, o sistema rural familiar é um dado importante a ser considerado.

Samara (2002) faz aceno quanto às contrariedades acerca da família patriarcal por não ser uma regra geral a todas as famílias, pois:

...pesquisas recentes têm tornado evidente que as famílias extensas do tipo patriarcal não foram as predominantes, sendo mais comuns aquelas com estruturas mais simples e menor número de integrantes. Isso significa que a descrição de Freyre (1987) para as áreas de lavoura canavieira do Nordeste, foi impropriamente utilizada e deve ser reelaborada nos estudos de família, a partir de critérios que levem em conta temporalidade, etnias, grupos sociais, contextos econômicos regionais, razão de sexo e movimento da população.

Apesar disso, é inegável a contribuição de Freyre em seus estudos, considerando ainda que o modelo patriarcal foi o que marcou profundamente as raízes históricas do Brasil. Certamente, o modelo atual é difícil de ser especificado, porém o inconsciente coletivo gravou tais ideias que, na prática, já estão superadas, haja vista a quantidade de modelos familiares existentes atualmente.

Teruya (s.d., p.3-4) descreve a família patriarcal como:

...um extenso grupo composto pelo núcleo conjugal e sua prole legítima, ao qual se incorporavam parentes, afilhados, agregados, escravos e até mesmo concubinas e bastardos; todos abrigados sob o mesmo domínio, na casa-grande ou na senzala, sob a autoridade do patriarca, dono das riquezas, da terra, dos escravos e do mando político. Ainda se caracterizaria por traços tais como: baixa mobilidade social e geográfica, alta taxa de fertilidade e manutenção dos laços de parentesco com colaterais e ascendentes, tratando-se de um grupo multi-funcional (sic). A casa-grande teria sido o símbolo desse tipo de organização, núcleo para onde convergia toda a vida econômica, social e política da região, de forma mais ou menos ordenada. Sua área de influência englobava a atuação da Igreja, do Estado e todas as outras instituições sociais e econômicas.

Contudo, não é difícil perceber que a sociedade brasileira possui muitas características. Borba e Correia (s.d., p.3) lembram que uma característica importante a ser destacada é:

...a exclusão de uma parte da população dos direitos relativos à cidadania. Esta exclusão deu-se, inicialmente, entre brancos e índios, onde os portugueses submeteram os índios à escravidão, exploraram sexualmente as índias e retiraram dos filhos mestiços a possibilidade de serem incluídos na sociedade dominante. Os mestiços moravam nas tribos; os jesuítas se empenharam muito em contatar e integrar esses mestiços na sociedade colonial, visando o aumento do número de cristãos e portugueses. Este mesmo processo ocorreu também com os negros-africanos que vieram para o Brasil como escravos. Além da exploração da mão de obra, temos novamente a exploração sexual das negras.

Até agora, percebe-se que uma das marcas, que chega até o tempo atual é a violência e o autoritarismo. A lei do mais forte impede os outros, que humanamente possuem a mesma dignidade, de serem pessoas em sua plenitude. Não seriam estes os motivos para existir tantas dificuldades familiares atualmente, tais como separações entre cônjuges, brigas com filhos e entre irmãos, dificuldades em educar e formar, dialogar, viver em harmonia...?

Quanto ao sistema educacional no início da colonização do Brasil, a vinda dos jesuítas junto com os colonizadores desenvolvia uma educação voltada aos valores cristãos que eram impostos naquele determinado momento histórico, principalmente aos habitantes aqui encontrados. Confiar à educação sistemática, escolar, era deixar nas mãos dos jesuítas. Piletti (1997, p.33-34) pontua que:

jesuítas dedicaram-se a duas tarefas principais: a pregação da fé católica e o trabalho educativo.com seu trabalho missionário, procurando salvar almas, abriam caminho à penetração dos colonizadores; com seu trabalho educativo, ao mesmo tempo em que ensinavam as primeiras letras e a gramática latina, ensinavam a doutrina católica e os costumes europeus. [...]. Os jesuítas responsabilizaram-se pela educação dos filhos dos senhores de engenho, dos colonos, dos índios e dos escravos. A todos procuravam transformar em filhos da Companhia de Jesus e da Igreja, exercendo grande influência em todas as camadas da população.

Os jesuítas foram grandes colaboradores do processo inicial de educação no Brasil, apesar dos limites e dificuldades, assim como o grande poder que exerciam em nome da Igreja. Desde a sua chegada em 1549 até a expulsão em 1759, conforme Piletti (1997), mantinham 36 missões, escolas de ler e escrever em muitas povoações e aldeias, além de ensino secundário, como colégios e seminários.

O primeiro ministro de Portugal no período de 1750 a 1777, Sebastião José de Carvalho e Melo, o conhecido marquês de Pombal, entrou em atrito com os jesuítas, acusando-os de oporem-se ao controle do governo português.

Pela história, Piletti (1997, p.36) lembra que o marquês de Pombal suprimiu as escolas jesuíticas de Portugal e de todos os seus domínios. Em seu lugar foram criadas as aulas régias de Latim, Grego e Retórica, que nem de longe chegaram a substituir o eficiente sistema de ensino organizado pela Companhia de Jesus.

A mudança pombalina tinha receio de que o ensino organizado pela Companhia de Jesus distorcesse os interesses da Coroa portuguesa, devido à forte influência da Igreja e seus ensinamentos, que eram evidenciados pelos jesuítas. O importante era manter os interesses de Portugal em todos os âmbitos dominados por ele.

A chegada da Família Real ao Brasil em 1808, assim como a independência em 1822, mudou o foco educacional para a formação das elites que dirigiriam o país, conforme Piletti (1997). O ensino primário não tinha tanto valor ao governo central, sendo deixado a cargo dos governos provinciais. Assim, o ensino técnico também era marginalizado. Apesar da ausência de professores qualificados e estrutura para transmitir o ensino, somente no final do Império o curso normal se desenvolveu.

Piletti (1997, p.50) relata que só:

A partir do Ato Adicional de 1834, passaram a coexistir dois sistemas paralelos de ensino secundário:

- a. o regular
- b. o irregular, centrado nos preparatórios para o ensino superior

Infelizmente, a República não teve uma herança do Império articulada do ensino. Para iniciar o secundário não precisava concluir o primário, assim como para ingressar no superior não era exigido concluir o secundário.

3.3 O Processo de Industrialização e a Família

O fim do tráfico negreiro, marcado pela Lei Eusébio de Queirós, em 1850, juntamente com toda a campanha abolicionista no Brasil, favoreceu, ainda que aos poucos, a mudança do cenário nacional.

O fim do tráfico negreiro e a expansão do café colocaram nas mãos dos fazendeiros e do comércio de exportação grande soma de capitais ociosos, antes destinados à compra de escravos. Parte desses capitais acabaria impulsionando um primeiro surto industrial no país (FIGUEIRA, 2008, p.273).

Como o ser humano se adapta às circunstâncias e necessidades, o crescimento das cidades faz com que haja o deslocamento do campo para a vida urbana. O cultivo de várias culturas e práticas extrativistas no Brasil fez com que ao longo do tempo o homem, e seus familiares, se adequassem às realidades.

Teruya (s.d., p.6) faz menção de um exemplo referente à dispersão das famílias por conta do desenvolvimento do trabalho, dando uma nova roupagem à organização familiar, outrora marcada pelo patriarcalismo e toda organização que envolvia a família a este respeito:

No Sudeste, a economia mineradora dispersaria as famílias, e no século dezenove, com o café, se verificaria uma cultura particularista, com a completa eliminação do 'comunitarismo de outrora', pois o caráter patriarcal estava ligado às necessidades de defesa da população colonial, onde era necessário um chefe condutor que pudesse organizar um agrupamento humano.

A partir desses dados, constata-se o novo rumo que começa a existir, em vista das condições de trabalho, a organização das famílias, assim como a sua adaptação aos novos modos de viver. Por conta do prestígio das famílias tradicionais e detentoras de terra e poder, muitos autores defendem que a construção da nação brasileira teve bases no modelo patriarcal familiar. Teruya (s.d., p. 6) diz: “por isso talvez, muitas histórias de município ou regiões foram contadas a partir da história destas famílias.”

Ainda hoje é comum atribuir a importância dos sobrenomes familiares para marcar a linhagem, a cultura, as benfeitorias, a moral, os bons costumes e hábitos, e até mesmo, como afirma a historiadora Teruya, a história das regiões colonizadas ou “patriarcalizadas”, por tais famílias.

Avançando a dimensão histórica brasileira, o processo de industrialização no Brasil esbarrou em muitas dificuldades. De um lado, os importadores tinham medo de uma política que protegesse e desse estímulo à produção interna de produtos que eles compravam no exterior e revendiam no mercado, o que arruinaria os seus negócios. Por outro lado, os fazendeiros não viam

com bons olhos tal processo, pois os recursos destinados pelo setor público à agricultura seriam diminuídos.

Segundo Figueira (2008), já na década de 1850, foram estabelecidas cerca de sessenta e duas empresas industriais, quatorze bancos, vinte companhias a vapor, empresas de mineração, serviços de gás, entre outras. Aos poucos, as cidades começam a se estabelecer. O olhar sociológico muda o foco do campo para a área urbana.

Além das mudanças históricas ocorridas no país, o que interessa é perceber o deslocamento do homem para uma nova forma de vida que devagar dá uma nova configuração social. Do campo à cidade. Dos costumes rurais aos urbanos. Enfim, a família tem que se amoldar às diferentes oportunidades.

Quando se olha para a classe trabalhadora assalariada, os operários, ou, até há pouco tempo chamados de classe proletária, percebe-se ainda que a família possui uma centralidade na figura paterna, pois é o pai o provedor do sustento da casa. É outra forma familiar constituída no Brasil.

Com o crescimento urbano e o desenvolvimento industrial, além da classe proletária, surge a classe média. Para Figueira (2008, p. 319):

O crescimento da classe média – composta por profissionais liberais, pequenos empresários, funcionários públicos, militares e empregados do setor de serviços em geral – acompanhou o desenvolvimento urbano-industrial. Nas primeiras décadas da República, esse grupo era mais numeroso no Rio de Janeiro, que, como capital do país, concentrava grande número de funcionários públicos, civis e militares.

Essa luta de classes, já sinalizada por Karl Marx, aumentou proporcionalmente ao crescimento da indústria. “Esse crescimento estimulou os operários a se organizar em sindicatos e outras associações de classe para lutar por melhores condições de vida e de trabalho” (FIGUEIRA, 2008, p.319). Devido às necessidades urbanas, assim como o crescimento e alargamento capitalista, somado ao consumismo, por vezes não só o pai era o mantenedor da família, mas também a mãe e, quando necessário, também os filhos. Até o início do século XX não havia legislação para proteger o trabalhador e lhe conceder direitos. Daí, a necessidade de organizações sindicais.

No âmbito nacional, no que diz respeito à educação, Piletti (1997, p.58) diz:

Durante toda a Primeira República manteve-se no Brasil a dualidade de sistema e de competências em matéria educacional: de um lado o sistema federal, cuja principal preocupação era a formação das elites, através de cursos secundário e superior; de outro lado, os sistemas estaduais que, embora legalmente pudessem instituir escolas de todos os graus e modalidades, limitavam-se a organizar e manter a educação das camadas populares – ensino primário e profissional – e assim mesmo de forma bastante precária.

Evidencia-se assim, a preocupação somente com as classes abastadas, que tinham poder e acesso a um ensino de qualidade, ao passo que, para as camadas populares, havia a precária preparação para o aprendizado técnico-profissional.

Além do mais, as longas jornadas de trabalho para sustentar a família tornavam quase impossível um estudo de qualidade. Figueira (2008, p. 318) registra que:

Durante a República Velha, a grande oferta de mão-de-obra criava uma situação desfavorável para o trabalhador industrial. Dados de 1911 revelam que, na indústria do vestuário em São Paulo, a jornada de trabalho chegava a doze horas. Em 1920, no mesmo setor, um menor ganhava o equivalente a um terço do salário de um adulto.

Tais elementos confirmam as dificuldades ao gerenciamento familiar. Se outrora o pai era o trabalhador que sustentava a família, ainda nesse período, percebe-se a inserção da família inteira, até dos menores, no trabalho. Atualmente, de forma bem mais acentuada, existe a necessidade de toda família trabalhar.

Mas já existe lei que proíbe os menores de quatorze anos trabalharem; dos quatorze aos dezesseis anos de idade é possível trabalhar como aprendiz; somente a partir dos dezesseis, a situação trabalhista do menor é normalizada, conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente em seu artigo 60. Entretanto as exigências hodiernas, sobretudo as consumistas, fazem com que a família não tenha tempo suficiente para si mesma de maneira a poder dialogar, formar e até mesmo de educar.

No tocante ao ensino, vários princípios educacionais foram discutidos ao longo da Primeira República, tornando-se preceitos constitucionais a partir de 1934, os seguintes artigos, como elenca Piletti (1997, p.68):

- a. gratuidade e obrigatoriedade do ensino de 1º grau;

- b. direito de todos à educação;
- c. liberdade de ensino;
- d. obrigação do Estado e da família no tocante à educação;
- e. ensino religioso e de caráter multiconfessional.

A Constituição de 1934 incluiu um capítulo especial acerca da educação. Piletti (1997, p.74) lembra que “a primeira iniciativa da Revolução de 30, no campo da educação, foi a criação do Ministério da Educação e das Secretarias de Educação dos Estados.”

Com isso, uma das novidades da Constituição de 1934 foi:

A função de integração e de planejamento global da educação brasileira. Passou a ser competência da União “fixar o plano nacional de educação, compreensivo do ensino de todos os graus e ramos, comuns e especializados; coordenar e fiscalizar a sua execução em todo território do País” (art. 150). (PILETTI, 1997, p.75)

A Revolução de 30 propiciou um avanço à educação no país. A Revolução dos Pioneiros, que contou com grande presença de educadores e intelectuais,

defendeu novas ideias: a educação como instrumento de reconstrução nacional; a educação pública, obrigatória e leiga; a educação adaptada às características regionais e aos interesses dos alunos; a formação universitária de todos os professores. (PILETTI, 1997, p.82)

Mesmo com novas ideias e formas de melhorar a educação, a história do Brasil caminha para o golpe do Estado Novo em 1937. A sociedade brasileira vive um regime ditatorial com o governo de Getúlio Vargas, que arroga a si todos os poderes, sendo a autoridade suprema do Estado brasileiro. A Constituição do Estado Novo, como relata Piletti (1997), exclui o direito de educação a todos, privilegiando o ensino por escolas particulares, mas contradizendo-se concomitantemente, ao afirmar que o ensino primário é obrigatório e gratuito.

É aperfeiçoado o ensino das elites, enquanto às classes menos favorecidas era proposto o ensino pré-vocacional e profissional, formando trabalhadores não diplomados, para servir às fábricas e indústrias nascentes.

Nesse período:

O ensino primário passou a ter como finalidade a iniciação cultural, o desenvolvimento da personalidade e a preparação para a vida familiar, a

defesa da saúde e o trabalho. Dividia-se em fundamental (elementar e complementar) e supletivo. (PILETTI, 1997, p.94)

A preparação à vida familiar é regida pela educação. Transmitir os conceitos morais e deveres pertence ao Estado, conservando, além dos bons costumes, a obediência no lar e à Pátria.

Apesar do desenvolvimento das cidades, assim como das indústrias e fábricas, muitos ainda continuaram detendo grandes porções de terras em várias regiões do país, marcando a desigualdade e as dificuldades de relacionamentos humanos. Diante desse fenômeno, Teruya (s.d., p.10) lembra que:

A preservação parcial da economia latifundiária explicaria a manutenção das enormes desigualdades sociais no país, juntamente com as relações semipatriarcais, principalmente nos estados do Norte. Por outro lado, o desenvolvimento da economia industrial no Sudeste é que transformará a família. Ela se nucleariza para atender melhor as demandas da sociedade moderna, e ao perder a sua função produtiva, o grupo tende a se relacionar única e exclusivamente a partir dos laços de afeto mútuo. (...). A condição urbano/rural foi a baliza para determinar o tipo familiar.

Concordava-se que o processo de urbanização e industrialização da sociedade no século vinte, juntamente com o fenômeno da migração, fizeram com que o controle da produção passasse gradualmente da família para os empresários capitalistas e para o Estado, e com isto, ocorreram o enfraquecimento das relações de parentesco, a redução do tamanho da família e a redução do poder do pai e do marido. Um fator que não pode passar despercebido é a conquista feminina. A mulher ocupa cada vez mais o seu espaço na sociedade. A revolução feminista mudou a forma de pensar as relações familiares, principalmente a centralidade no patriarcalismo.

É inegável, pois, a grande conquista das mulheres, principalmente na dimensão de assumir tarefas até então atribuídas somente ao homem ou ao patriarca, como por exemplo, trabalhar e cuidar ou chefiar uma família. Borba e Correia (s.d., p. 3) comentam a respeito das conquistas das mulheres a partir da revolução feminista:

O feminismo é formado e motivado primeiramente a partir das experiências da mulher. Ele apresenta uma crítica à desigualdade social dos sexos e promove os direitos das mulheres, seus temas e interesses. Os autores que debatem sobre o feminismo tentam compreender a natureza da desigualdade e enfocam a política dos sexos, relações de poder e sexualidade. O movimento feminista vinculava-se muito com os sindicatos, pois lutavam pelas mesmas reivindicações, tais como: redução da jornada de trabalho, melhores salários, regulamentação do trabalho infantil. Posteriormente, passou a lutar por igualdade de salários entre homens e mulheres que desempenhavam o mesmo serviço com a mesma carga horária, a proibição de demissão em razão da gravidez, etc. A luta mais importante desenvolvida pelo movimento feminista foi pelos direitos políticos

– o de votar e de ser votada. O movimento feminista foi responsável por várias mudanças nas sociedades ocidentais, dentre elas podemos destacar: o direito ao voto, o divórcio, o aumento na oportunidade de trabalho para mulheres e salários mais próximos aos dos homens, o controle sobre o próprio corpo em questões de saúde, entre outros.

Certamente, o reconhecimento das capacidades femininas ganha espaço a cada dia mais. Muitas mulheres cuidam sozinhas do lar bem como de seus filhos e familiares. Conforme a jornalista Sieplin (2010, p. 3B):

O número de mulheres chefes de família no Brasil aumentou de 2001 para 2009. O percentual de acréscimo subiu neste período de tempo de 27% para 35%. São 21.933.180 de famílias que identificam como principal responsável alguém do sexo feminino. O cenário é apontado em dados recentes da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2009 (PNDA) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e divulgadas pelo Instituto de Pesquisa Econômica Ampliada (Ipea).

As mulheres à frente é um número que cresce consideravelmente, apesar de todos os resquícios históricos encontrados no Brasil que envolve a figura masculino-patriarcal como responsável por manter, representar e chefiar o lar. Não só nos lares, mas em vários ambientes, a mulher tem conquistado o respeito e o espaço em vários segmentos da sociedade.

Os dados que apontam a mulher como aquela que chefia o lar aumentou em todas as regiões do país. Segundo os dados apresentados na reportagem de Sieplin (2010, p. 3B) o maior aumento foi:

Na região Sul, de 24,4% em 2001 para 33% em 2009. Na Sudeste passou de 28% para 36% e no Centro-Oeste, de 26,7% para 36,2%. O total de famílias chefiadas por mulheres representava 35,2% dos arranjos em 2009, enquanto as chefiadas por homens eram 64,8%.

Em 1945, com a queda do Estado Novo, ideais de outrora referentes à educação foram recuperados e implementados pelo Projeto de Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional em 1948, que foi promulgado somente em 1961, pela Lei nº 4.024. João Goulart, então Presidente da República, ainda vetou 25 artigos que posteriormente foram aprovados pelo Congresso.

De 1945 até a Revolução de 1964, houve mudanças importantes no sistema educacional brasileiro. Conforme Piletti (1997), em 1947 surge a Campanha de Educação de adultos, em 1961 o Movimento de Educação de Base e em 1963 o Programa Nacional de Alfabetização de Adultos, assim como a expansão do ensino

primário e superior. Paulo Freire tem destaque nacional com a sua pedagogia, sobretudo em relação à alfabetização de adultos.

- Começa a funcionar de fato no Brasil o **Movimento Brasileiro de Alfabetização - MOBRAL**, criado para acabar com o analfabetismo. Seu projeto mostra uma forte influência das idéias (sic) de Paulo Freire, perseguido pela ditadura militar.
- O **Decreto 68.908** resolve a crise dos chamados "**excedentes**" com a criação do vestibular classificatório.
- O educador brasileiro Paulo Freire funda em Genebra, onde se encontrava exilado, juntamente com outros exilados brasileiros, o Instituto de Ação Cultural - IDAC.
- O educador Paulo Freire publica "**Pedagogia do Oprimido**". (HISTÓRIA... 2011).

No período que antecedeu a promulgação da LDB/61, houve ampla defesa da escola pública, universal e gratuita. A Revolução de 1964, momento em que volta outro período marcado pelo autoritarismo no Brasil, interrompeu essa tendência.

Em 1971, por meio da Lei 5692 foram feitas mudanças significativas no "1º grau (com oito anos de estudos) e no 2º grau (três ou quatro) anos obrigatoriamente profissionalizante até 1982." (PILETTI, 1997, p. 126). Além disso, foram estabelecidos os conteúdos obrigatórios a serem utilizados na grade curricular.

A Constituição de 1988, promulgada após amplo movimento pela redemocratização do País, tentou implantar novidades e responsabilidades, destacando a universalização do ensino fundamental, bem como a erradicação do analfabetismo. Todavia, a Lei nº 9394, que se refere à Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) foi aprovada em 20 de dezembro de 1996, após oito anos de trâmites no Congresso.

Entre os avanços e retrocesso da história do Brasil, concomitantemente à história da educação, a família brasileira tem várias raízes a serem estudadas atualmente: uma tradição colonial e patriarcal; uma industrialização tardia, mas que configura outra dimensão familiar; a presença marcante da dominação masculina; o histórico triste da submissão feminina, com abusos que aconteceram com mulheres indígenas e negras no início da colonização e, até hoje, apesar dos avanços e conquistas femininas, ainda são constatados nesta sociedade.

A família continua sendo uma das mais sólidas e resistentes instituições, para os que creem, instituídas por Deus e adotadas pelo ser humano,

apesar de atravessar uma crise que dura a décadas. Conforme Oliveira (2004, p.162), a família “constitui um grupo primário ligado por laços de afeto, no qual o indivíduo dá, literalmente, os primeiros passos no processo de socialização”. A partir da socialização, podem-se inferir as outras dimensões que envolvem o ser humano. A educação ocupa, certamente, grande parte deste processo. Daí, a necessidade de a instituição familiar possuir as bases para a formação e construção, ainda que envolva em problemas e dificuldades, de pessoas voltadas aos valores humanos essenciais.

3.4 As Concepções Familiares e suas Funções

Definir o que é a família atualmente torna-se algo arriscado, pois figura na sociedade a liberdade como algo essencial à vida humana. Em nome da liberdade tudo, ou quase tudo, é possível. Dentro das inúmeras possibilidades, vislumbra-se uma série de formatos nos relacionamentos humanos e, conseqüentemente, na própria família. É importante, pois, para alargar o conhecimento, perceber as diversas definições acerca da família, destacando principalmente o papel social, civil e religioso.

O sociólogo Oliveira (2004, p. 162) define a família em dois aspectos essenciais:

- família conjugal ou nuclear – é o grupo que reúne o marido, a mulher e os filhos;
- família consanguínea ou extensa – é a que reúne, além do casal e seus filhos, outros parentes, como avós, netos, genros, noras, primos e sobrinhos.

Além do mais, fala das várias funções da família, a saber: função social e reprodutiva, função econômica e função educacional. A família também será a responsável por gerar primeiramente a socialização de seus membros, principalmente os filhos. Outras funções também podem ser elencadas como a afetiva, religiosa, a moral, humana.

O Código Civil Brasileiro de 1916 (BRASIL, 2000a), tem a primeira legislação mais abrangente sobre a família e define a união pelo casamento civil de

homem e mulher. O conceito de família, adotado por esse Código, caracteriza por família pessoas ligadas por vínculo de consanguinidade, abrangendo todos os que possuem a mesma carga genética; limitou, assim, a família formada por laços matrimoniais e a filiação advinda desta união.

Todas as Constituições seguintes a este Código, não inovaram ou fizeram qualquer alteração nos institutos familiares. Em 26 de dezembro de 1977, surgiu a primeira mudança significativa, quando começou a admitir o divórcio por meio da Lei nº. 6.515. A Constituição de 1934 dedicou um capítulo à família, no qual o Estado protegia e regulava o casamento, sendo este indissolúvel, situação que perdurou até 1977, com a Lei do Divórcio.

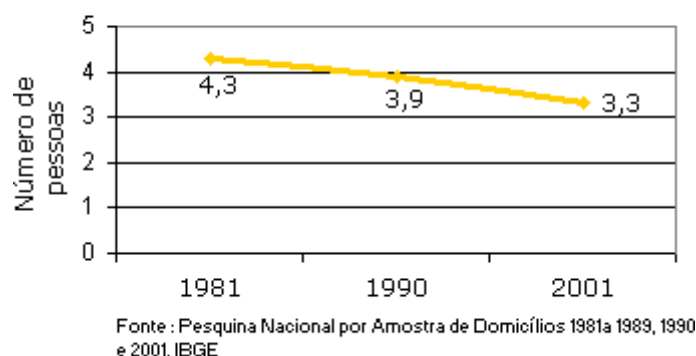
Até a Constituição da República de 1988, reinava no Brasil o modelo de família patriarcal e de consanguinidade. A Carta Constitucional promulgada em 1988 (BRASIL, 2000b) apresentou uma nova definição de família e do Direito de Família com seu artigo 226 e 227, § 6º.

O artigo 226, a família é concebida como alicerce da sociedade e merece apoio especial do Estado. Além do mais, inovou o conceito, reconhecendo outras formas de famílias em seus parágrafos 3º e 4º, como a União Estável e a Família Monoparental. No artigo 227, § 6º da Constituição Federal de 1988 revolucionou o Direito de Família pátrio ao proibir expressamente de haver qualquer tipo de classificação ou discriminação dos filhos, sejam eles gerados ou não na constância do casamento, adotivos ou não.

No século XX a família brasileira tem apresentado algumas mudanças bastante significativas. Segundo o IBGE, houve uma queda considerável no tamanho da família, bem como o aumento no número de famílias chefiadas por mulheres, além de serem elas também a referência no lar.

A média do número de pessoas por família pode ser observada pelo seguinte gráfico:

**Número médio de pessoas por família
residentes em domicílios particulares
Brasil 1981 - 2001**

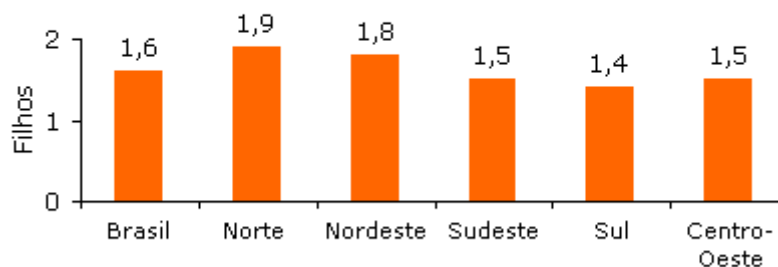


Assim, fica evidente que as numerosas famílias de outrora não são mais uma realidade. Famílias cada vez menores para assim poderem oferecer condições de vida mais dignas, com acesso à educação, saúde entre outras necessidades. Conforme o IBGE:

Em 2002, o número médio de pessoas na família se manteve o mesmo em quase todas as regiões e por isso a média para o país se manteve em 3,3 pessoas, segundo a Síntese de Indicadores Sociais 2003. O número médio de filhos apresentou uma diferença mínima em relação do ano anterior: de 1,6 para 1,5 filhos na família em domicílios particulares.

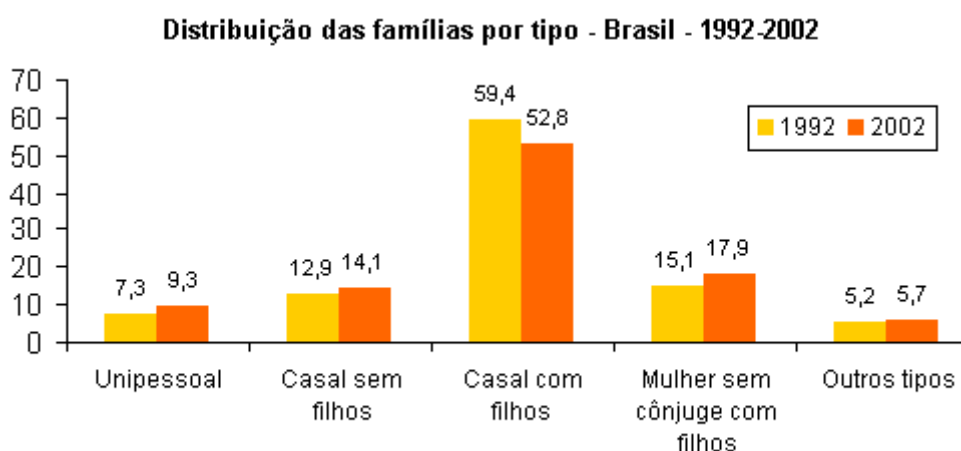
Ao observar as regiões do país, também é visível a redução do número de filhos:

**Número médio de filhos por família,
residente em domicílio particular
Brasil e Grandes Regiões 1999**



Fonte: Síntese dos Indicadores Sociais 2000. IBGE, 2001

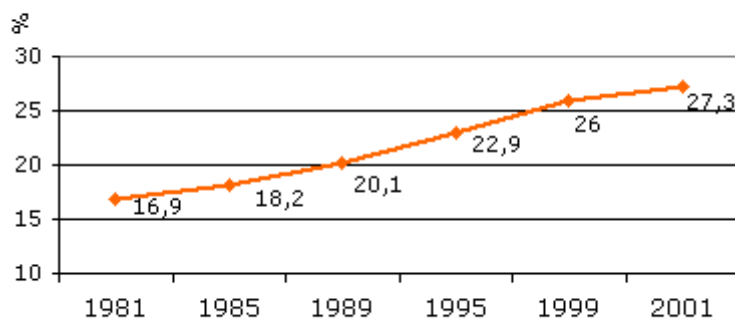
Realmente, é visível o desejo de famílias com apenas 1 ou 2 filhos. Os dados da pesquisa supra apresentada confirmam tal configuração. Devido às exigências do tempo presente, levam a uma concepção familiar menor. Apesar das mudanças, o que ainda prevalece no Brasil é o resquício do modelo patriarcal, ou seja, o agrupamento de pais ou casal com filhos, apesar de haver várias outras formas de agrupamentos familiares. O gráfico a seguir mostra os novos formatos familiares existentes no Brasil:



Fonte: IBGE, Síntese de Indicadores Sociais 2003 e IBGE, Síntese de Indicadores Sociais 2000.

Novamente, vale lembrar o destaque e o espaço que as mulheres têm apresentado na sociedade. Para o IBGE, “desde a década de 80 vem crescendo continuamente a proporção de mulheres como pessoa de referência da família.” Não raro são as mulheres que trabalham e mantêm a casa, cuidam praticamente sozinha dos filhos e das pessoas que moram no mesmo lar. Na sequência, percebe-se o número crescente de famílias que têm a mulher como referência:

Proporção de famílias com pessoas de referência do sexo feminino - 1981 - 2001



Fonte : Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 1981 a 1989, 1990 e 2001. IBGE

Estes novos arranjos familiares interferem diretamente na vida das pessoas, dos filhos e, na abordagem deste estudo, em observar como se transmite a vivência e a educação. A ausência masculina, isto é, o pai não estar presente na vida e educação dos filhos, pode gerar problemas. Na mesma dimensão, a ausência da mãe pode também ser um fator decisivo no processo educacional dos filhos.

Vieira (2010, s.p.) em artigo diz que

...o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) revelou (...) que o ritmo de crescimento da família brasileira tem diminuído, assim como o número de moradores por residência. "O censo está mostrando que o número médio de moradores nos domicílios, hoje, é relativamente pequeno em relação aos censos anteriores, com famílias, com moradores que tendem a passar boa parte do dia fora de casa, trabalhando ou estudando", (afirmou o presidente do instituto, Eduardo Pereira Nunes). O presidente do IBGE explicou que a ausência de moradores tem atrapalhado os recenseadores, que tiveram dificuldade de encontrar alguém em casa no horário comercial. Por isso, Nunes lembrou que os profissionais retornarão aos domicílios à noite ou nos fins de semana.

Não há o desejo de propor modelos ou métodos perfeitos à educação familiar, mas um lar onde são cultivados os valores, costumes e moral condizentes com o ser humano, as chances de uma educação de qualidade junto à sociedade e a escola podem ter um sucesso maior.

Para mostrar a grande diversidade de famílias, um aspecto que merece menção é a adoção por pares homossexuais ou, ainda, homens e mulheres que já tiveram filhos e vivem numa relação homoafetiva na presença dos filhos. Certamente o enfoque e as referências no tocante à educação e no que diz respeito aos direitos podem ter diferenciais em contrapartida às famílias que são compostas nos padrões

tradicionais. Apesar da grande abertura das formas livres de expressão, ainda existe o preconceito e a discriminação social.

Embora não cabe o aprofundamento desta temática, é oportuna a concepção de Soares (2008, p.1) no tocante a esta questão:

A família desde a sua gênese aos dias atuais vem passando por inúmeras modificações principalmente no que se refere à forma de organização. É exemplo o fato de que o laço consanguíneo não caracteriza a única forma de família, pois esta pode ser constituída por meio da adoção ou por afetividade estendida, o que não vem ligado a nenhum tipo de laço consanguíneo.

As famílias constituídas a partir do direito de adoção têm a mesma proteção estatal que as constituídas biologicamente. Mas o que há, ainda, nos dias atuais, é a falta de legislação que sancione a adoção por casais homossexuais ou a legitimidade da conjugalidade homossexual como instituição familiar.

Cabe assinalar que é permitido a um homossexual adotar isoladamente, mas tem-se que evidenciar, infelizmente, que a adoção conjunta implica, decididamente, aos profissionais nas unidades de adoção, pois a eles cabe o embate pelo reconhecimento sociojurídico das relações sexo-afetivas existentes entre pares homossexuais.

3.4.1 As concepções familiares nas religiões

A religião sempre teve papel importante na vida do ser humano. Nas mais diversas formas de convívio humano, a abertura ao sagrado parece ser algo inerente. De formas diversas as pessoas manifestam a sua fé. Em muitas religiões a dimensão familiar necessita de ritos e da bênção do ser sagrado que é cultuado.

A história do Brasil, a partir da chegada dos europeus, já vem com a imposição do catolicismo cristão, sem respeitar o culto dos habitantes da nova terra encontrada. A concepção da época era salvar almas por meio do Batismo, com uma ideia errônea de evangelização, acompanhada da colonização feita em terras brasileiras.

Posteriormente, o luteranismo e o calvinismo, também cristãos, chegam ao Brasil com as ocupações francesa e holandesa.

A religião islâmica chega ao Brasil formado por um contingente de africanos trazidos como escravos. Em 1835, eles participam da Revolta dos Malês, na Bahia, uma rebelião contra a escravidão. Vencidos, os malês dispersam-se. A

primeira mesquita islâmica só é fundada em 1929, em São Paulo (<http://www.juraemprosaeverso.com.br/TudoSobre/TudosobreIslamismo.htm>).

Devido à presença marcante destas três grandes religiões monoteístas, a saber, judaísmo, cristianismo e islamismo, no Brasil, é importante o destaque que todas elas dão à instituição familiar.

Não há intenção de propor tais características ou aspectos como modelo para os grupos familiares. Todavia, a influência de tais religiões, embora o Brasil possua inúmeras denominações religiosas, sejam elas cristãs, islâmicas, judaizantes ou de outros segmentos, os conceitos fundamentais de vida familiar destas religiões são elaborados com uma ética e moral peculiares.

Sem desvalorizar as demais religiões, o judaísmo, o cristianismo e o islamismo, fazem parte do processo histórico brasileiro de forma bastante ativa e importante. Daí, os moldes familiares, ainda que com dificuldades e sem expressar a realidade, serem pautados por tais tradições.

3.4.1.1 A família na concepção judaica

No judaísmo, a família é considerada como a célula da comunidade-nação. No laço matrimonial celebrado entre o homem e a mulher existe a comunhão, da qual advêm os filhos. No capítulo 2 do livro do Gênesis, sagrado ao judaísmo, o modelo matrimonial é descrito no relato da criação.

Segundo Werblowsky (1998, p.344):

Embora a lei bíblica e posteriormente a lei rabínica permitam a poligamia, seguindo o uso geral da época, parece que a monogamia, mesmo assim teria sido a regra. A homenagem à dona-de-casa prendada (Pr 31,10-31), já em termos de crítica literária, só é compreensível sobre um pano de fundo monogâmico.

Na tradição judaica, o matrimônio além de ser um contrato civil, também possui a dimensão religiosa, destacada principalmente pelas liturgias alusivas à celebração do matrimônio. Werblowsky (1998) afirma que o casamento é uma obrigação, pois é a unidade do homem e da mulher que representa, de maneira

completa, a imagem de Deus. Assim, o ato conjugal tem um valor sagrado, simbolizando o amor e o casamento na dimensão divina.

O casal judaico deve gerar pelo menos um filho e uma filha, a fim de perpetuarem a imagem de Deus no mundo. “Mas mesmo quem já tenha gerado filhos, estando, porém enviuvado ou divorciado, deveria casar-se outra vez, porque o matrimônio é estamento sagrado” (WERBLOWSKY, 1998, p.344).

As relações entre pais e filhos têm observância divina. O quarto mandamento: “Honrar pai e mãe” (Ex 20,12) implica a obrigatoriedade da educação dos pais para que os filhos cresçam na obediência e na observação dos mandamentos divinos. Honrar pai e mãe é consequência da solidez matrimonial. Além disso, é obrigação dos pais darem aos filhos o ensino religioso, juntamente com o aprendizado de uma profissão para o sustento honesto.

A separação ou o divórcio, mesmo sendo indesejado à cultura judaica, pode ser inevitável em determinados casos. Conforme o livro do Deuteronômio 24,1ss, a separação poderá ser feita somente pelo homem por meio de documento escrito, caso haja razão necessária. Nessa perspectiva, Jesus (Mt 19, 8-9) recupera a dimensão da separação por conta da insensibilidade das pessoas:

Moisés, por causa da dureza dos vossos corações, vos permitiu repudiar as vossas mulheres, mas desde o princípio não era assim. E eu vos digo que todo aquele que repudiar a sua mulher – exceto por motivo de ‘fornicação’ – e desposar uma outra, comete adultério.

3.4.1.2 A família na concepção cristã

Ao refletir acerca da concepção cristã do matrimônio e da família, é importante lembrar as várias denominações cristãs. Muitas Igrejas denominadas cristãs concebem o casamento como uma prática ou ordenança. Os cristãos católicos, os ortodoxos e alguns anglicanos aceitam a indissolubilidade do matrimônio por o reconhecerem como sacramento.

As Igrejas protestantes questionam o fato de não haver nenhum rito estabelecido por Jesus para que seja feito o cerimonial do matrimônio. Baseados em Lutero, no princípio da *sola escriptura*, em acreditar somente no que está na Bíblia,

ignorando a Tradição e raízes cristãs. O casamento como contrato civil basta a algumas Igrejas e, havendo separação nesta dimensão cívico-legal, é possível estabelecer outro vínculo e ser aceito por determinada Igreja.

A concepção cristã do matrimônio, assim como da família, tem a sua base fundamental na abertura do ser humano ao amor, já que o próprio Deus se manifesta como amor.

Conforme o teólogo Höver (1998, p. 344) a antropologia cristã destaca o desígnio criacional como uma ação que envolve todas as dimensões do ser humano: espírito, alma e corpo. Assim, a relação entre homem e mulher visa ao desígnio criador.

Não é possível pensar a dimensão familiar sem a existência do amor que brota do próprio Deus. A dimensão unitiva dos esposos envolve o respeito mútuo e amoroso dos que querem viver segundo o que Deus ensinou. Para Höver (1998, p. 344):

A parceria entre mulher e homem no matrimônio funda-se em seu sentido criacional num vínculo que afirma incondicionalmente o outro em função de si mesmo e em sua diferença. Como amor que valoriza o outro não só por causa de certas qualidades, mas que o encara como dádiva imerecida e imerecível de uma pessoa, ele só existe e se configura na fidelidade.

Mas, por entrar a dimensão humana, embora a união matrimonial celebrada na dimensão cristã conta com a graça e a presença divina, o matrimônio, assim como a família, podem sofrer crises e tensões, como, por exemplo, a infidelidade. A infidelidade matrimonial no cristianismo deturpa e mina o laço de amor e compromisso assumido entre os cônjuges.

Jesus Cristo, a encarnação divina para os cristãos, em sua mensagem convida homem e mulher a uma comunhão. Ao recuperar a Lei Antiga Ihe dá uma nova roupagem: “Por isso, um homem deixa seus pais, junta-se à sua mulher e os dois se tornam uma só carne. De modo que já não são dois, mas uma só carne. Portanto, o que Deus uniu, o homem não separe” (Mt 19,5-6). A partir desta mensagem, Höver (1998, p.345) diz que Jesus “entende também a relação entre os sexos não a partir de certas características da natureza do homem e da mulher, mas a partir de sua dimensão teológica profunda”. A vida familiar e matrimonial possuem a comunhão com Deus.

3.4.1.2.1 A família na concepção cristã católico-romana

Por conta da palavra de Jesus, na tradição católico-romana, ortodoxa e anglicana cristã, o matrimônio é elevado à dimensão sacramental. Todavia, Leaneers (2010, p.194) lembra que:

...em todas as culturas da antiguidade, o matrimônio era um acontecimento relacionado com o mundo divino. Impulso sexual e fecundidade foram experimentados como forças que vinham de cima e excediam o ser humano, podendo levá-lo à felicidade ou à desgraça.

O sacramento do matrimônio celebrado ritualmente confirma a presença de Deus na vida do casal e da família. O amor, que brota do próprio Deus, é um vínculo importantíssimo a ser atualizado diariamente na vida do casal e da família.

Tal amor é destinado ao ato criacional. Por isso, o Papa João Paulo II (2005, p. 17) afirma na Exortação Apostólica *Familiaris Consortio* n° 11:

Deus criou o homem à sua imagem e semelhança: chamando-o à existência *por amor*, chamou-o ao mesmo tempo *ao amor*. Deus é amor e vive em si mesmo um mistério de comunhão pessoal de amor. Criando-a à sua imagem e conservando-a continuamente no ser, Deus inscreve na humanidade do homem e da mulher a vocação, e, assim, a capacidade e a responsabilidade do amor e da comunhão. O amor é, portanto, a fundamental e originária vocação do ser humano.

Assim, a relação entre homem e mulher visa o desígnio criador. Paulo VI (1968, p. 35), por meio da Encíclica *Humanae Vitae* n.º 12 disse:

Na verdade, pela sua estrutura íntima, o ato conjugal, ao mesmo tempo que une profundamente os esposos, torna-os aptos para a geração de novas vidas, segundo leis inscritas no próprio ser do homem e da mulher. Salvaguardando estes dois aspectos essenciais, unitivo e procriador, o ato conjugal conserva integralmente o sentido de amor mútuo e verdadeiro e a sua ordenação para a altíssima vocação do homem para a paternidade.

O Catecismo da Igreja Católica, no parágrafo 1615, confirma:

Esta insistência inequívoca na indissolubilidade do vínculo matrimonial pôde criar perplexidade e aparecer como uma exigência impraticável. No entanto, Jesus não impôs aos esposos um fardo impossível de levar e pesado demais, mais pesado que a Lei de Moisés. Tendo vindo restabelecer a

ordem original da criação, perturbada pelo pecado, Ele próprio dá a força e a graça de viver o matrimônio na dimensão nova do Reino de Deus. É seguindo a Cristo, na renúncia a si próprios e tomando a sua cruz, que os esposos poderão compreender o sentido original do matrimônio e vivê-lo com a ajuda de Cristo. Esta graça do Matrimônio cristão é fruto da cruz de Cristo, fonte de toda a vida cristã.

Na vivência cristã, a dimensão eclesial tem função notória. A própria Igreja fala da importância do matrimônio e da família no mundo. Dessa maneira, os cônjuges, unidos pelo sacramento do matrimônio, são convocados a transmitir aos filhos os valores cristãos e humanos. Pela Constituição Dogmática *Dei Verbum*, n.º 11, a Igreja declara:

Na família, como numa igreja doméstica, devem os pais, pela palavra e pelo exemplo, ser para os filhos os primeiros arautos da fé e favorecer a vocação própria de cada um, especialmente a vocação sagrada.

Percebe-se, pois, o valor dado à dimensão matrimonial por meio do cristianismo católico romano. Embora existam os problemas atuais, que também interferem na instituição familiar, como a infidelidade, a desintegração da sexualidade, abandono do lar por um dos esposos, quebra dos relacionamentos entre os cônjuges e também com os filhos, entre outros fatores, parece haver a confiança e a solidez na família quando esta assume verdadeiramente o seu papel sob a égide divina.

Contudo, reflexões contrárias e pontos de vistas diferentes na sociedade atual levam às críticas quanto ao conservadorismo, muitas vezes pertinente, “até que a morte os separe”. Quanto à indissolubilidade matrimonial no ambiente cristão, sobretudo católico, Lenaers (2010, p.195) levanta questionamentos sérios, que servem à reflexão:

Um primeiro problema é a acentuação, por parte da hierarquia (celibatária), da absoluta indissolubilidade de uma matrimônio contraído validamente. Palavras da Escritura são utilizadas como argumentos decisivos. Conforme seu ponto de vista, o vínculo matrimonial deveria ser mantido mesmo quando o amor já tivesse empalidecido até não passar de pura indiferença, ou mesmo se transformado em ódio ou inimizade. No entanto, nem a indiferença nem o ódio são aceitáveis como vínculo existencial sadio entre seres humanos. Somente o amor merece este nome. Sem o amor não há vínculo matrimonial.

Filhos que crescem num ambiente onde se torna insustentável a vida conjugal têm grandes chances de adoecerem emocionalmente. Não havendo o que

é essencial, o amor, é impossível a vivência. O modelo familiar exigido e cobrado pela hierarquia eclesial soa muitas vezes como um peso e não com alegria e satisfação àqueles que um dia desejaram ser felizes pelos laços do matrimônio, mas em determinado momento não deu mais certo. Segundo Leaneers (2010, p.198), “o problema está em atribuir valor eterno e absoluto a uma palavra de Jesus sobre a indissolubilidade do matrimônio, para em seguida ter de lidar com amarga realidade da culpa, da impotência e da dor dos seres humanos.”

3.4.1.3 A família na concepção islâmica

A fé islâmica professa a crença no Deus único, chamado Alá, e assim, como as outras religiões supracitadas, igualmente possui normas e definições acerca da união entre homem e mulher para a constituição familiar.

Conforme Khoury (1998, p.346):

O matrimônio e a família devem cumprir uma tripla finalidade: geração e educação de descendentes, satisfação e canalização do instinto sexual, e fundação de uma comunhão de vida em aconchego e amor. O Corão e a tradição acentuam o dever de contrair o matrimônio para toda pessoa que precisa se preservar de impudícia e, no mais, tem a capacidade para cumprir os deveres de cônjuge.

Na tradição muçulmana, o homem pode viver em matrimônio com no máximo quatro mulheres, desde que as trate igualmente, o que pode ser difícil, segundo Khoury (1998, p.347). É permitido ao homem se casar com uma mulher de outra crença religiosa, judia ou cristã, ao passo que a mulher muçulmana não tem tal permissão.

Quanto à dissolução matrimonial islâmica, esta é constatada quando um dos cônjuges se torna pagão ou se o esposo apostata a fé no islamismo. Pelo fato de o homem ter uma condição superior à da mulher na tradição muçulmana, ele pode repudiá-la unilateralmente:

Esse repúdio pode ser revogado enquanto não tiver sido confirmado três vezes, pois então o matrimônio, mesmo sem uma sentença judicial, vale como desfeito em termos legais, e o homem só pode acolher sua mulher se, nesse meio tempo, ela tiver contraído outro matrimônio e tiver sido mais

uma vez repudiada em caráter definitivo. Por fim, o matrimônio pode ser dissolvido com base em comum acordo dos cônjuges ou numa sentença judicial. Em caso de divórcio a mulher tem direito a sustento suficiente e tem o dever de observar um período de espera de três meses, para que se possa constatar uma eventual gravidez. Durante esse tempo o homem deve tratá-la com decência e respeito (KHOURY, 1998, p.347).

Diante disso, percebe-se a grande submissão feminina e constata-se a formação de uma família patriarcal, onde o homem tem plenos poderes e direitos acima da mulher. A mulher é a esposa, a dona de casa, aquela que tem o dever de educar os filhos. Embora pareça haver certo peso na vida familiar e conjugal, o Corão estabelece que: o trato mútuo dos cônjuges deve acontecer de maneira equânime (2,222.419). Devem tratar-se com bondade e cultivar seu amor (30,21).

Concluindo a reflexão sobre a família nas religiões supracitadas, no judaísmo, embora a Bíblia traga relatos poligâmicos, sua evolução conduz à monogamia. O Livro do Gênesis apresenta o matrimônio monogâmico de Adão, de Set e de Noé como modelo a ser imitado, e parece condenar a bigamia, que surge unicamente nos descendentes de Caim (cf. Gn 4,19). Contudo a vida dos patriarcas fornece outros fatos contrários. Jacó, por exemplo, teve duas mulheres e duas concubinas (cf. Gn 30,1-19).

A existência legal da bigamia constata-se pelo Livro do Deuteronômio (cf. Dt 21,15-17) e até mesmo a poligamia, quando o rei é advertido que não tenha muitas mulheres (cf. Dt 17,17). Não há a explicitação do dever monogâmico no Antigo Testamento, embora a imagem apresentada pelos livros posteriores mostre que ela prevalecia na prática social (cf. Livro de Tobias).

A mensagem de Jesus Cristo confirma a dimensão monogâmica matrimonial (cf. Mc 10,8-9; Mt 19,5-6). Jesus recupera a lei estabelecida por Deus no Antigo Testamento (cf. Gn 1,27; 2,24) para a constituição de homem e mulher em casal. Quanto ao divórcio, este se deve à dureza de coração e incapacidade de colocar em prática a vontade de Deus (cf. Mc 10,5-6).

Na dimensão matrimonial islâmica é permitida, então, a poligamia. Observando o exemplo destas três religiões que valorizam o matrimônio como algo importante, cada um à sua maneira, como se sabe, não se descartam os aspectos positivos, embora também, com o passar do tempo, por meio da globalização a influência dos meios de comunicação, por exemplo, constata-se grandes dificuldades nas relações familiares.

3.5 Os Papéis Familiares

A sociedade atual, pós-moderna ou pós-industrial, apresenta um novo modelo familiar. Neste novo padrão a figura do chefe familiar não é somente no pai. A figura materna deixou de ser a rainha do lar. Os filhos são criados e educados por pai e mãe que trocam de papéis entre si. Vem-se até mulheres que trabalham fora e homens que cuidam da casa e dos filhos. Mães que sustentam o lar. Crianças que são cuidadas por parentes ou vizinhos. Crianças que passam a infância e a adolescência nas ruas, sem esperança de futuro melhor ou de um lar para abrigá-las.

A competição exacerbada, devido ao capitalismo neoliberal vigente em suas distorções – máximo capital e mínimo social –, gera cada vez mais famílias menores. A sociedade é altamente competitiva, numa busca exagerada para consumir, para o ter, ao invés do ser: bom, honesto, justo, humano...

Oliveira (2004, p. 163) diz que: “a função nuclear reprodutiva da família está igualmente ameaçada: a fertilidade caiu dramaticamente na Itália, Espanha e Alemanha que esses países estão em via de perder 30% da população em cada geração.” Os filhos podem ser considerados obstáculos à carreira e ao sucesso profissional dos pais, já que estes têm que dispor de tempo e dinheiro para mantê-los e educá-los.

Se a renda familiar não é suficiente, quanto mais filhos, piores serão as condições de moradia, alimentação. Pode ser que um trabalhador solteiro receba pelo seu trabalho o mesmo que um pai de família, que deve sustentar, quando a esposa não trabalha, os filhos e manter a mulher.

Considera-se ainda a quantidade de divórcios. As separações entre casais tornaram-se corriqueiras. Por conta do divórcio, não é raro ver filhos que moram apenas com o pai ou só com a mãe e, ainda, com outros parentes próximos. Esse modelo de família é conhecido como monoparental, que também pode advir por conta da viuvez, da competitividade e até mesmo do abandono, segundo Oliveira (2004, p. 164).

Quanto mais o homem vive na rua ou no meio de comunidades de trabalho, de festas, de orações, mais essas comunidades monopolizam não apenas o seu tempo, mas também seu espírito, e menor é o lugar da família em sua sensibilidade. Ao contrário, se as relações de trabalho, vizinhança, de parentesco pesam menos em sua consciência, se elas deixam de aliená-lo,

o sentimento familiar substitui os outros sentimentos de fidelidade, de serviço, e torna-se preponderantemente ou, às vezes, exclusivo. Os progressos do sentimento da família seguem os progressos da vida privada, da intimidade doméstica. O sentimento da família não se desenvolve quando a casa está muito aberta para o exterior: ela exige um mínimo de segredo (ARIÈS, 1981, p.238).

Com tanta invasão de privacidade, a diversidade dos meios de comunicação, sobretudo as redes sociais encontradas na rede mundial de computadores, a internet, a família cada vez mais se expõe. Igualmente, a exposição de ideias variadas e contra valores também são disseminados pelos mesmos meios. A família atravessa um período em que tudo transcorre de forma muito rápida. A atualização em todos os níveis impede o homem de acompanhar e refletir sobre o que está acontecendo realmente.

4 ENTREVISTAS

As entrevistas feitas a partir da pesquisa serão agora expostas, preservando a identidade dos entrevistados, mas valorizando as respostas. O método de entrevista semiestruturada permite a catalogação dos dados observando as expressões-chave.

Conforme Lefevre (2005b, p. 74),

As expressões-chave (ECH) são pedaços, ou trechos, ou segmentos, contínuos ou descontínuos, do discurso, que devem ser selecionados pelo pesquisador e que revelam a essência do depoimento do discurso, ou da teoria subjacente.

Dessa forma, serão selecionados os tópicos mais relevantes dos itens apresentados na pesquisa. O discurso do sujeito coletivo (DSC), ou seja, a fala do entrevistado (a) serão tabuladas e analisadas posteriormente.

Além disso, serão destacadas as ideias centrais de cada entrevistado. Lefevre (2005b, p. 77) diz que:

A Ideia Central (IC) é um nome ou expressão linguística que revela e descreve da maneira mais sintética e precisa possível o sentido ou os sentidos das ECH de cada um dos discursos analisados e de cada conjunto homogêneo de ECHs (que vai dar nascimento, posteriormente, ao DSC). Nesse último caso, a IC recebe também o nome de Categoria.

A ideia central também pode ser chamada de Ancoragem (AC). Segundo Lefevre (2005b, p. 79),

...algumas ECH remetem não apenas a uma IC, mas também e explicitamente a uma afirmação que denominamos de ancoragem (AC) – que é a expressão de uma dada teoria ou ideologia que o autor do discurso professa que está embutida no seu discurso como se fosse uma afirmação.

Com tal método, será mais fácil de visualizar a situação da família, sua constituição, conflitos e principalmente no que diz respeito à geração, ao cuidado e à educação dos filhos e filhas. Lembrando que a captação de dados foi feita conforme a linguagem dos entrevistados, procurando respeitá-las na transcrição das entrevistas, conforme segue.

4.1 As categorias das entrevistadas

4.1.1 Primeiro item

Entrevistado (a)	Item	ECH	IC
Família 1	Tempo de união conjugal; primeira união ou segunda.	08 anos e 09 meses, 1ª União de I. e 2ª de C.	08 anos e 09 meses, 1ª união da mulher e 2ª do homem.
Família 2		Nós somos casados há 18 anos. É primeira união. O namoro teve 1 ano e 14 dias. A. disse que ela aproveitou da inocência dele, pois ela tem 3 anos de diferença. Diz ela que os meninos preferem mulheres mais velhas.	Casados há 18 anos. É primeira união.
Família 3		Casados há 17 anos, com cinco anos de namoro. Primeira união.	Casados há 17 anos. Primeira união.
Família 4		41 anos, 1ª União.	41 anos, 1ª união.
Família 5		Estamos casados há dez anos no civil, mas vivemos juntos há 30 anos. Ambos foram casados. Ele viveu 5 anos com a primeira esposa e teve 4 filhos. Ela teve um filho no primeiro casamento e o educou até os 7 anos.	Casados há dez anos no civil, mas vivemos juntos há 30 anos. Os dois são de segunda união.
Família 6		Há 4 anos, sendo a minha 3ª união e a dele a 1ª.	Há 4 anos, sendo a 3ª união da mulher e 1ª do homem.
Família 7		Nunca fui casada	Nunca fui casada
Família 8		Eles estão casados há 19 anos. Moraram três anos juntos. Com uma semana de namoro já se juntaram. São casados na igreja e no civil. Ela foi casada no civil com outra pessoa por volta de 6 anos. Ele viveu três anos junto com outra mulher, mas sem vínculo civil ou religioso.	Eles estão casados há 19 anos. Segunda união dos dois.
Família 9		Separada.	Separada.
Família 10		Casada há 14 anos, primeira união.	Casada há 14 anos, primeira união.
Família 11		Somos casados há 19 anos. Sendo essa a segunda união do J. e a primeira união de A.	Casados há 19 anos. Segunda união do homem e primeira da mulher.

Entrevistado (a)	Item	ECH	IC
Família 12	Tempo de união conjugal; primeira união ou segunda.	48 anos e cinco meses. É a primeira União	48 anos e cinco meses. É a primeira união
Família 13		11 anos. Segunda união dele, primeira união dela.	11 anos. Segunda união dele e primeira união dela.

Lançando um olhar atento ao primeiro item das entrevistas, percebe-se a grande diversidade no que diz respeito às uniões e constituições familiares. Seguindo a orientação de Lefevre (2010), obtêm-se as seguintes Categorias:

- A. Casais de primeira união, cinco.
- B. Homens casados pela segunda vez e a mulher pela primeira vez, três.
- C. Homens e mulheres de segunda união, dois.
- D. Mulher em terceira união com homem de primeira união, um.
- E. Mulheres que nunca se casaram ou divorciadas, duas.

Constata-se que as mulheres estão conquistando muito mais a sua independência e liberdade. Por meio das categorias C, D, e E., o número de mulheres de segunda ou terceira união, somados com o número das que não se casaram totalizam cinco, igualando ao número dos casais de primeira união. Com isso, a constituição e a permanência da família patriarcal, pensada na formação clássica de família, não é maioria, ainda mais se somar os casais em segunda união, que são dois.

4.1.2 Segundo item

Entrevistado (a)	Item	ECH	IC
Família 1	Quantidade de filhos; a idade dos filhos	02 filhos dele da 1ª união, 03 filhos da 2ª união. Idade não informada.	02 filhos dele da 1ª união, 03 filhos da 2ª união.

Entrevistado (a)	Item	ECH	IC
Família 2	Quantidade de filhos; a idade dos filhos	Temos dois filhos; Um com 15 anos e uma com 12 anos.	Dois filhos; 15 e 12 anos.
Família 3		São 02 filhos um 14 e outro com 11 anos de idade	02 filhos; 14 e 11 anos.
Família 4		06 filhos, 04 meninas e 02 meninos e 02 netos, que são criados por nós. São eles: M. L. com 40 anos, casada; L. com 39 anos, casada; M. R. com 37 anos, solteira; C. com 36 anos, casado; C.F. com 35 anos, casado e S. com 26 anos também casada e os dois netos C.J. com 17 e G. com 16 anos.	04 filhas, 02 filhos e 02 netos; idade dos filhos: 40 anos, 39 anos; 37 anos; 36 anos; 35 anos e 26 anos; idade dos netos: 17 e 16 anos.
Família 5		Com a primeira esposa eu tive 04 filhos, que hoje estão com 37, 36, 34 e 32 anos. Eu tive um filho na primeira união que cuidei até os 07 anos. Do casamento atual temos 01 filho, com 31 anos.	04 filhos dele, da primeira união com 37, 36, 34 e 32 anos. 01 filho dela na primeira união. Da união atual 01 filho, com 31 anos.
Família 6		04 filhos, 03 dela com 24, 19 e 13 anos, uma filha dele com 14 anos	03 filhos dela; 24, 19 e 13 anos; uma filha dele com 14 anos.
Família 7		09 filhos, cada um de um pai diferente, 05 meninas e 04 meninos e 05 netos; o filho mais velho tem 28 anos e o mais novo 19, o restante não me lembro a idade deles.	09 filhos, cada um de um pai; o mais velho com 28 anos e o mais novo 19.
Família 8		Do primeiro casamento ela teve quatro filhos: três mulheres com 33, 30, 29 e um homem com 23 anos. Ele teve um filho, hoje com 20 anos. Quando N. e F. se casaram, o filho mais novo de N. morou junto com eles. F. não teve muita participação na educação do seu filho, pois ele morava com a mãe. Eles adotaram V., que é a filha de um ex-marido de sua filha de N., que hoje tem 19 anos. Os filhos sempre me respeitaram como pai, embora me chamem de F. O ex-marido de N. não é muito valorizado pelos filhos.	Da primeira união ela tem 04 filhos: 03 filhas, 33, 30, 29 anos e 01 filho com 23 anos. Ele tem um filho da primeira união, com 20 anos. Adotaram V., que é a filha de um ex-marido de sua filha de N., 19 anos.
Família 9		Tenho uma filha de 14 anos, um filho de 13 e o outro com nove anos. Cada um é filho de um pai. Quando separei, estava grávida de 3 meses de uma filha, que morreu aos quatro meses engasgada com uma bola de gude.	03 filhos: uma filha de 14 anos, e dois filhos, 13 e 09 anos.
Família 10		02 filhas, L. com 10 e G. com 06 anos.	02 filhas, 10 e 06 anos.

Entrevistado (a)	Item	ECH	IC
Família 11	Quantidade de filhos; a idade dos filhos	Consideramos que temos três filhos nessa união. 1) W. que hoje está com 24 anos, fruto da primeira união de J. 2) R. que é nosso afilhado e morou conosco entre os seus 02 e os 10 anos de idade e hoje está com 18 anos vivendo com a mãe, mas mora próximo de nossa residência com isso está sempre perto e continua nos chamando de pai e mãe. 3) L., fruto dessa união e hoje está com 16 anos.	01 filho da primeira união dele, com 24 anos; 01 (a) filho (ado) “adotado” com 18 anos; e uma filha da atual união com 15 anos.
Família 12		02 filhos, 47 e 43 anos.	02 filhos, 47 e 43 anos.
Família 13		02 (dois) filhos dele: 21 (vinte e um) e 18 (dezoito) anos	02 filhos dele, 21 e 18 anos

Em relação ao segundo item: quantidade de filhos e a idade dos filhos, é possível perceber que:

- A. **Quatro casais** que vivem em primeira união têm **dois filhos**; destes, três casais têm filhos pequenos ou adolescentes, com idade entre 06 e 15 anos de idade; e um casal tem dois filhos adultos, um com 47 e outro com 43 anos.
- B. **Um casal** que vive em primeira união tem **seis filhos**, entre 26 e 40 anos.
- C. **Três homens** têm **um filho**, cada um, da primeira união, entre 14 e 24 anos.
- D. **Dois homens** têm **dois filhos**, cada um, da primeira união, entre 21 e 28 anos.
- E. **Um homem** tem **quatro filhos** da primeira união, entre 32 e 37 anos.
- F. **Uma mulher** tem **quatro filhos**, da primeira união, entre 23 e 33 anos.
- G. **Uma mulher** tem **um filho**, da primeira união, com 31 anos.
- H. **Dois casais de segunda união** têm **um filho cada**, entre 15 e 31 anos.
- I. **Uma mãe solteira** tem **nove filhos**, um de cada pai, entre 19 e 28 anos.
- J. **Uma mãe solteira** tem **três filhos**, um de cada pai, entre 09 e 14 anos.
- K. **Dois casais de segunda união** têm **um filho adotivo, cada um**, 18 e 19 anos.
- L. **Um casal de primeira união** cria **dois netos**, com 16 e 17 anos.

Ao observar o segundo item, fica claro que as famílias já não são tão numerosas como outrora. Quatro casais que vivem em primeira união têm apenas dois filhos cada. Ao passo que somente um casal tem seis filhos. Dos quatro casais, três têm filhos na adolescência, o que caracteriza o modelo da família menor.

Na família patriarcal, a quantidade de filhos é uma característica que se destaca, em função do trabalho e da convivência. Interessante notar que um casal de primeira união que tem filhos adultos, é responsável pela educação de dois netos.

Dois casais de segunda união também cuidam ou adotam filhos, mostrando a desestruturação da família original. As mães solteiras entrevistadas têm filhos, cada qual de um pai diferente. Com isso, não é perceptível a necessidade de constituir família para gerar filhos. Os filhos simplesmente nascem e não importa a paternidade.

4.1.3 Terceiro item

Entrevistado (a)	Item	ECH	IC
Família 1	Se houve na educação dos filhos, desde o nascimento, participação dos pais ou de outras pessoas tais como empregadas domésticas, babás, avós, escola, creche, berçário...	Como trabalho fora, as crianças ficam na creche, mas eu participo de todas as reuniões promovidas pela creche e pela escola.	Os pais trabalham fora. Os filhos ficavam na creche
Família 2		O casal sempre trabalhou fora. Para o filho tinha uma babá. O filho teve muita proteção. A filha foi para a creche, e a experiência foi melhor, pois ela soube ter independência, coragem. O filho, aos sete anos, mudou o tratamento, deixando conviver com outras crianças. Ele tinha dificuldade em resolver os problemas dele. A filha foi tudo ao contrário. Os pais sofreram, pois o filho não conseguia conviver com outras crianças. Os pais sentem-se culpados por conta da proteção que deram a ele. O que ajudou o filho foram os encontros da Igreja: ele tem facilidade para conversar com as pessoas, atua, anima, canta. "Ele mudou da água para vinho", diz a mãe.	O casal trabalha fora. O filho teve babá. A filha foi para a creche. O contato com outras criança tornou a filha mais independente.

Entrevistado (a)	Item	ECH	IC
Família 3	Se houve na educação dos filhos, desde o nascimento, participação dos pais ou de outras pessoas tais como empregadas domésticas, babás, avós, escola, creche, berçário...	A educação sempre foi feita pelos pais. Somente o pai trabalhava e mãe não, a fim de cuidar mais dos filhos e não havia necessidade de cuidar dos filhos. Ela começou a trabalhar há dois anos, para se dedicar da educação. Durante a noite, era o pai quem cuidava do mais velho. O mais novo é apegado mais à mãe. O nascimento do filho mais velho foi em hospital particular, não permitindo o contato com a mãe para o ato de amamentar. O mais velho sempre teve mais dificuldades de saúde por conta de não ter amamentado no peito. O mais novo também teve problemas de saúde, mas acredita que o leite materno foi um dos fatores decisivos à saúde e ao apego à mãe. O mais novo foi amamentado no peito, é muito mais apegado à mãe. Os filhos só foram para a escola aos cinco anos.	A educação sempre foi feita pelos pais, embora somente o pai trabalhasse e a mãe começou a trabalhar há pouco tempo, o pai sempre ajudava no cuidar dos filhos durante a noite.
Família 4		Sempre foi nossa a responsabilidade de cuidar dos filhos, muitas vezes tínhamos que deixá-los sozinhos em casa para que pudéssemos trabalhar.	Responsabilidade dos pais.
Família 5		A responsabilidade da educação sempre foi feita por eles. Exceto o filho dela, que ficou com ela até os 7 anos.	Responsabilidade dos pais
Família 6		Como sempre trabalhei fora, precisava deixar meus filhos na creche, quando não com a minha mãe. Me separei muito cedo, então tive que fazer papel de pai e mãe.	Creche ou avó materna. Com a separação ficou só.
Família 7		Sempre tive que cuidar dos meus filhos sozinha, a única ajuda que tive foi da minha mãe.	Pela mãe, com a ajuda da avó materna.
Família 8		Desde pequenos os filhos de N. foram educados por ela. Desde os 8 anos já começaram a trabalhar de babá de outras crianças, pois a N. não tinha casa, morava com a patroa. N. bebia muito e as crianças viam, assim como o seu ex-marido. Faz 17 anos que ela deixou de beber. Um ano depois de casada com F., ela abandonou o vício. Ela acha que a sua situação afetou muito a vida dos filhos, pois alguns bebem e fumam, devido à falta de educação adequada.	Educados pela mãe. Reconhece os erros dos filhos pela sua falta de exemplo.

Entrevistado (a)	Item	ECH	IC
Família 9	Se houve na educação dos filhos, desde o nascimento, participação dos pais ou de outras pessoas tais como empregadas domésticas, babás, avós, escola, creche, berçário...	<p>A filha de 14 ficou com a avó paterna desde que tinha 1 ano e meio, pois ela tem um problema no sangue não podia ter contato com cachorros e terra, o que era abundante na casa do pai de J. E a avó materna cuida dela até hoje. Quando ela foi embora, G. tinha um ano. Hoje ela sente falta de não poder ter educado a filha, mas na época não tinha condições. Ela via a filha todo final de semana. Para ficar com a filha, foi morar com a avó, por seis meses. Depois voltou para a casa dos seus pais. Gu. havia ficado com eles, e parou de ver a filha. Depois engravidou do Gi. e foi morar junto com o pai... depois que ele nasceu, três meses depois nasceu B. A filha foi educada pela avó materna. Hoje mora em Sinope com os avós. O Gu. foi educado pela avó materna, pois J. tinha que trabalhar. Ela morou com eles até Gu. ter quatro anos. “Eu era desandada” diz J., vivia muito na rua com amigas e bebedeiras... por isso os pais cuidaram da educação de Gu. Resolveu sair da casa dos pais e deixou Gu. com os avós. Os avós cuidam, mas os problemas sobram para ela resolver. O Gi. sempre ficou com J., no entanto, há 3 anos ele está com a avó materna, pois ela precisa trabalhar. Somente a parte da saúde fica por conta de J. Quando ela trabalha, todos os dias ela vai vê-los. Todo final de semana passa junto com os dois filhos.</p> <p>“Os seus filhos vão ser como vocês foram criados”, diz a avó (mãe) para J. A avó tem dado uma boa educação para os filhos. J. confia nos princípios que a avó determina. Quando eles passam um tempo com a J., eles logo querem voltar para a casa da avó, pois tem mais liberdade. O avô materno também ajuda na educação.</p>	A filha educada pela avó paterna. Os filhos pelos avós maternos.

Entrevistado (a)	Item	ECH	IC
Família 10		As crianças sempre frequentaram a creche pelo fato de eu e o Carlos trabalharmos fora, mas sempre estivemos presentes na educação delas, atualmente estudam no período da manhã e na parte da tarde, quando não estou em casa, elas tem que ficarem sozinhas.	Creche e pelos pais, por causa do trabalho.
Família 11	Se houve na educação dos filhos, desde o nascimento, participação dos pais ou de outras pessoas tais como empregadas domésticas, babás, avós, escola, creche, berçário...	Em casa a maior participação na criação dos filhos ficou sempre na nossa responsabilidade. Sempre trabalhamos fora, mas com o nascimento da L. aconteceu no mesmo momento em que o R. veio morar conosco e o W. precisava assimilar todas essas mudanças. Conversamos entre casal e chegamos à conclusão que a mãe sairia do trabalho para vivenciar em plenitude essa fase de primeiros passos da L. e adaptação do R. Como mãe não tive dúvida em tomar essa decisão, que hoje vejo como uma das mais acertadas em minha vida. Retornei ao trabalho depois de anos, mas antes preparei uma pessoa para cuidar deles em nossa ausência. Eles foram muito amados e cuidados pela A., que foi uma grande babá. Em casa sempre buscamos manter a educação sempre esteve a cargo dos pais, com atuação materna mais presente, até mesmo porque o pai sempre viajou por motivo de trabalho.	Responsabilidade dos pais; com o trabalho, tiveram babá. Mas sempre com os pais presentes. Responsabilidade dos pais; com o trabalho, tiveram babá. Mas sempre com os pais presentes.
Família 12		A educação sempre foi feita pelos pais.	Responsabilidade dos pais.
Família 13		Em se tratando de separação com filhos pequenos, a educação teve participação além dos pais, da avó materna e empregadas.	Por causa da separação, pais, avó materna e empregadas.

O terceiro item: Se houve na educação dos filhos, desde o nascimento, participação dos pais ou de outras pessoas tais como empregadas domésticas, babás, avós, escola, creche, berçário..., leva à elaboração das seguintes categorias em relação às famílias observadas:

A. Educação dos filhos com a participação de creches: quatro.

- B. Educação dos filhos com a participação de babás ou empregadas: três.
- C. Educação dos filhos por conta dos avós maternos ou paternos: quatro.
- D. Educação dos filhos feita pela mãe com a participação da avó: uma.
- E. Educação feita somente pelos pais: cinco.

A partir das categorias elencadas, é visível que a delegação da educação dos filhos cada vez mais é “terceirizada”. Seja com a participação de creches, babás, empregadas ou até mesmo avós, o número de pais ou mães que não educam seus filhos é grande.

O trabalho, as exigências da vida presente, a quantidade de compromissos, fazem com que os pais tenham cada vez menos tempo para seus filhos e filhas. Não foge à reflexão a presença de pais e mães que, embora tivessem empregadas ou babás, sempre acompanharam a educação dos filhos: “Em casa a maior participação na criação dos filhos ficou sempre na nossa responsabilidade”, diz a Família 11 deste estudo. No entanto sempre acompanhou de perto a educação dos filhos quando estes eram deixados aos cuidados de babás ou empregadas.

4.1.4 Quarto item

Entrevistado (a)	Item	ECH	IC
Família 1	Os maiores desafios nos dias de hoje na educação dos filhos.	O fato de ter que dividir o tempo com o trabalho e com a educação dos filhos, pois muitas as vezes não sobra tempo suficiente para isso e acabamos delegando a educação dos nossos filhos pra outras pessoas.	Ausência na vida dos filhos por causa do trabalho.

Entrevistado (a)	Item	ECH	IC
Família 2	Os maiores desafios nos dias de hoje na educação dos filhos.	É entender a cabeça deles. “Eles acham que ser filho é difícil”, “mas ser pai”, diz o pai, “também é difícil”. O casal trabalha com adolescentes, o que tem ajudado na educação. Por meio das outras crianças tem percebido as dificuldades dos filhos. Por estarem à frente, os filhos assumem muitas responsabilidades. Eles se sentem na obrigação de fazer tudo certinho. Diz a mãe: que eles tem que fazer a diferença, mas não ser diferente dos outros. A filha tem uma personalidade forte, ela responde, a mãe bate muito de frente. “O pai protege”, diz a mãe, o pai nega. A mãe se sente o lobo-mau para educar os filhos. O Mauro é mais tranquilo, não responde, desconta na música e nos seus afazeres.	Entender os filhos atualmente
Família 3		O pai acha que é a interferência da sociedade; a escola não corrige como deveria; a mentalidade de os pais não poderem corrigir os filhos. As crianças tem muita liberdade. Os filhos sabem da existência do conselho tutelar. A mãe diz que os MCs influenciam muito, pois as imagens falam mais do que os exemplos e a palavra dos pais. Tudo tem que ter um limite, segundo o pai. Pode ser, segundo o pai, que eles não se dedicam tanto, pois até eles às vezes se deixam levar pela tv do que pela educação. Antigamente se contavam histórias e conversavam. Hoje não tem mais tempo.	Interferência da sociedade; a escola não corrige, a mentalidade de os pais não poderem corrigir os filhos. Muita liberdade. Os MCs. Falta de diálogo.
Família 4		Os filhos de hoje não obedecem mais como antigamente, agora a gente fala e eles fingem nem escutar. Acham que somente eles tem razão.	Falta de obediência (liberdade)

Entrevistado (a)	Item	ECH	IC
Família 5		M. assumiu os filhos de A. O filho mais velho deu muitos problemas: rebelde, fazia malvadeza, pequenos furtos. Os pais o orientaram, mas não quis, e o pai o colocou para fora de casa. A partir daí, começou a se virar e hoje é dono de empresa. Pelo fato de morar na zona rural, não teve muito contato com a vida da cidade. Vieram para a cidade há 16 anos. Mesmo vindo para a cidade eles conseguiram manter na cidade. Os filhos são elogiados até pelos vizinhos. Quando os filhos de A. vieram morar a idade dos filhos era 7, 6, 3 e o de 2 ficou com a mãe de A., que viveu com ela até se casar.	Rebeldia, falta de obediência. Rebeldia, falta de obediência.
Família 6	Os maiores desafios nos dias de hoje na educação dos filhos.	O desafio maior é a rebeldia, a desobediência, falta de interesse dos filhos.	Rebeldia, desobediência
Família 7		Minha maior dificuldade foi pelo fato de cuidar dos meus filhos sozinha, eles eram todos pequenos, tanto pra educar quanto pra alimentar eu tinha que me virar sozinha. Muitas vezes com ajuda da Assistência Social.	Cuidar sozinha, dificuldade para alimentá-los.
Família 8		F. diz que como pai fraquejou um pouco, pois não o acompanhava na escola, não deixava trabalhar junto com ele na roça. Se culpa de não tê-lo levado para a roça, mas tinha dó de levar por que era pequeno. N. reconhece que por conta da bebida sabe que não tinha moral para corrigir os filhos. A falta de exemplo fez com que o filho de N. entrasse no mundo das drogas. Acha que ainda hoje ele usa, pouco, mais usa.	A falta de exemplo dos próprios pais.

Entrevistado (a)	Item	ECH	IC
Família 9		<p>A mãe acha que as liberdades que são colocadas para os filhos. Ela não bate nos filhos, mas quando necessário, aplica uma sova: mas os filhos ameaçam chamar a polícia e o Conselho Tutelar, por conta do ECA. É difícil impor regras, pois tudo protege as crianças. As regras da escola são diferentes... os alunos fazem o que querem e não tem autoridade na escola para corrigir como deveria...</p> <p>A rua, as amizades também são um problema. Pelo fato de os filhos ficarem no sítio, não tem tanto contato com a rua... mas quando vem é sempre uma preocupação... é do sítio para a escola ou catequese, e volta para a casa. Quando ela pode ajuda na parte financeira, do contrário os pais dela assumem as despesas.</p>	<p>Liberdade; superproteção do Conselho Tutelar; impor regras; falta de rigidez escolar; amigos problemas.</p>
Família 10	Os maiores desafios nos dias de hoje na educação dos filhos.	Nosso maior desafio atualmente na educação de nossas filhas é como educar e protegê-las do mal que nos cercam, até mesmo com o avanço da tecnologia, e o seu mau uso, a inversão de valores entre outros.	Como educar atualmente; a inversão dos valores; uso errado da tecnologia.
Família 11		<p>Vemos que o maior desafio é querer viver verdadeiramente a missão de pais responsáveis por seus filhos. Viver essa missão com amor. Muitos não pensam que essa responsabilidade como deveriam. Entendemos que educar filhos é amar, assumindo todas as consequências desse amor.</p> <p>Em casa vivemos problemas como homossexualismo, mas enfrentar a situação, se fazer presente, mostrar o caminho, sem desistir do filho quando tudo parecia tão escuro. Foi a melhor solução. A família se uniu e enfrentou essa situação juntos e mais uma vez aprendemos que amor cura tudo e que jamais devemos desistir ou abandonar um filho quando este se apresenta perdido ou confuso em suas atitudes e escolhas de vida. O maior desafio é amar sempre.</p>	<p>Querer viver verdadeiramente e a missão de pais responsáveis por seus filhos. O maior desafio é amar sempre.</p>

Entrevistado (a)	Item	ECH	IC
Família 12		Passar para os filhos os valores morais, éticos e religiosos enquanto o mundo apresenta os contra valores.	Passar para os filhos os valores morais, éticos e religiosos enquanto o mundo apresenta os contra valores.
Família 13	Os maiores desafios nos dias de hoje na educação dos filhos.	A quantidade e velocidade das informações são muito intensas, ocorrendo em muitos casos o não acompanhamento entre pais-educadores e filhos. Mudanças constantes de valores e conceitos. Em nosso caso em especial, as diferenças e até mesmo choque de opiniões e atitudes no processo de formação dos filhos e vida pessoal entre mãe e pai, acarreta muitas vezes em conflitos dos próprios filhos.	A quantidade de informações (MCs). Mudança de valores. Divergência entre o pai e mãe.

Os maiores desafios nos dias de hoje na educação dos filhos: este é o quarto item deste estudo. Conforme as respostas dos pais, podemos elaborar as seguintes categorias, já que são muitos os desafios e dificuldades do tempo presente:

- A. Ausência dos pais por causa do trabalho.
- B. Entender os filhos/divergência de gerações.
- C. Interferência da sociedade.
- D. A falta de correção da escola.
- E. A mentalidade de pais não poder corrigir os filhos.
- F. Muita liberdade/desobediência.
- G. Os Meios de comunicação
- H. Falta de diálogo.
- I. Rebeldia.
- J. Para a mãe solteira: cuidar sozinha dos filhos, com dificuldade para alimentá-los.

- K. Falta de exemplo dos próprios pais.
- L. Amizades problemáticas.
- M. Inversão de valores.
- N. Uso errado da tecnologia.
- O. Amar sempre.

Os desafios são muitos. Educar não é uma tarefa fácil, sobretudo quando os valores cultivados outrora pelos pais já não servem aos filhos. Pais apontaram mais de um desafio a ser enfrentado.

Num mundo marcado pela pluralidade, não há receitas para enfrentar os desafios. Todavia, interessante o aspecto do amor na família, apresentado pela Família 11. O amor é o elo mais forte para a constituição familiar: homem e mulher que se unem para gerar vida. O “amar sempre”, como foi dito por um único casal de pais, deve ser alimentado diariamente, capaz de superar os desafios, estar junto. Apresentar o desafio maior como “amar sempre”, conduz cada família, principalmente na relação pais e filhos, a repensar se o amor é a fonte da cura de muitos desafios e problemas que existem nos lares.

Apesar da fluidez, do amor líquido, da expressão fora de moda: de “até que a morte nos separe”, como lembra Bauman (2004, p. 19), vale a reflexão da própria definição que tal autor dá ao amor: “Amar significa abrir-se ao destino, a mais sublime de todas as condições humanas, em que o medo se funde ao regozijo num amálgama irreversível” (BAUMAN, 2004, p.21).

4.1.5 Quinto item

Entrevistado (a)	Item	ECH	IC
Família 1	Os meios utilizados para resolver os conflitos com os filhos.	A maioria das vezes conseguimos dialogar, mas as vezes falta paciência e acabamos nos exaltando. Com certeza o exemplo é muito importante. Acreditamos que damos bons exemplos, ou pelo menos tentamos.	Diálogo.

Entrevistado (a)	Item	ECH	IC
Família 2	Os meios utilizados para resolver os conflitos com os filhos.	Diálogo. O diálogo é essencial e importante. Não se lembram do dia de ter puxado a orelha ou batido neles. Tem as diferenças, mas nunca dormiram sem resolver os problemas tanto entre o casal assim como com os filhos. Não dormem sem antes resolver tudo. Os pais conversam sobre tudo com os filhos. A filha conversa muito com o pai, confia mais nele. A primeira namorada do filho foi revelada aos pais; os paqueras da filha são falados para o pai. O pai conversa com o filho sobre sexo abertamente, preservativo. É uma realidade que não pode fugir. Valorizam a castidade, mas previnem os filhos quanto aos desejos. A filha pergunta sobre tudo... tem dúvidas pergunta... ela se defende, batalha para conseguir as coisas. A filha cuida do irmão. Os pais acham que deveria ser o contrário. Esta liberdade é mais com os pais. Com outras pessoas ela é mais retraída.	Diálogo.

Entrevistado (a)	Item	ECH	IC
Família 3	Os meios utilizados para resolver os conflitos com os filhos.	A mãe usa muito o diálogo, explica tudo, nos mínimos detalhes. O pai não tem muita conversa. O pai reconhece a ausência do diálogo, pois sua infância foi marcada pela ausência do pai. O pai deixa para a mãe resolver os problemas e conflitos. A mãe cobra: Você se esqueceu que é pai? Ele diz: só lembro dos fatos. A mãe fala do exemplo do pai. Nos pontos mais críticos ele consegue interferir: como envolvimento com pessoas, por exemplo. – ele sempre diz: “vai chegar o dia em que vocês não terão mais o pai de vocês”. Os meios de cinta, tapas, bainha de faca foram usados quando necessário. O pai sempre foi o mais duro nesta dimensão. Não havia castigos. São felizes por não terem reclamações dos filhos. O filho mais novo tem problemas na escola por conta do bom desempenho, pois os outros alunos os ridicularizam.	Diálogo por parte da mãe. O pai não conversa muito com os filhos. Os meios como cinta, tapas, foram usados quando necessário. O pai sempre foi o mais duro nesta dimensão.
Família 4		Sempre tentávamos conversar, mas quando não era possível, as vezes a cinta falava mais alto. Com certeza o exemplo é importante e tentamos transmiti-los.	Diálogo; cinta.

Entrevistado (a)	Item	ECH	IC
Família 5	Os meios utilizados para resolver os conflitos com os filhos.	Os patrões da fazenda os ajudaram muito. Incentivavam o diálogo. A patroa certa vez disse: “vamos arrumar um médico para a senhora sair deste quadro depressivo, devido aos problemas”. O pai batia muito com cinto, mas eles nunca reagiram, e isto até a adolescência. A mãe nunca bateu. No entanto, os filhos tinham mais medo da mãe do que do pai. O filho mais velho disse: “Só mudei quando parou de me bater. Tudo o que eu fiz para vocês eu to pagando hoje.” Quanto mais batia, mais ele desobedecia. O pai o colocava para trabalhar e ele ficava embaixo da árvore sem fazer nada; pegava lata para pegar água no rio e não trazia para os porcos, e assim como a comida. Os filhos mais novos sempre foram calmos. Parece que o filho mais velho se revoltou com a separação do pai, destruía as roupas de M. e do pai.	Diálogo. O pai usava a surra.
Família 6		A conversa, os conselhos.	A conversa, os conselhos.
Família 7		Às vezes tentava conversar, mas muitas vezes tinha que bater. Tento dar exemplos do meu jeito, não sei se foi o certo.	Conversar, mas batia também.

Entrevistado (a)	Item	ECH	IC
Família 8	Os meios utilizados para resolver os conflitos com os filhos.	Conversavam, discutiam, por causa de chegar com más companhias havia muitas brigas, o filho de N. era muito agressivo, por conta das drogas. No entanto, nunca bateram nele. O pai teve que fazer um empréstimo para comprar uma casa para ele morar e os deixar em paz. N. diz que “quando bebia, ficava muito agressiva e com isso também batia neles com qualquer coisa que tinha, chinelo, cinta... corria atrás dos filhos na rua para bater”	Conversavam, discutiam, batiam.
Família 9		Dialoga bastante, conversa... não é de bater. No final de semana conversa bastante e individualmente. Gustavo é revoltado por conta da rejeição do pai. O Gi. tem contato com o pai, é mais tranquilo e sentimental. Por isso as conversas são diferentes. “O Gi. foi levado pelo pai quando a menor morreu, pois me julgava incapaz de cuidar o filho.” Gi. ficou um mês com o pai, depois voltou para ela. O “Gi. é muito apegado a mim. Se preocupa com a mãe: “será que minha mãe comeu”, a avó conta para mim...”	Diálogo.
Família 10		Estamos sempre orientando, ensinando a elas o caminho em que andar, dialogamos sempre e fazemos com elas estejam sempre em oração. Acreditamos que o exemplo dos pais é importante, pois nossos filhos se espelham muito em nós. Os filhos são a herança do Senhor. Por isso sempre procuramos dar bons exemplos para elas, sabemos que não somos perfeitos e existem pontos na qual precisamos melhorar.	Orientações, diálogo, orações, exemplo dos pais.

Entrevistado (a)	Item	ECH	IC
Família 11	Os meios utilizados para resolver os conflitos com os filhos.	Em casa sempre optamos por um diálogo franco, primeiro uma conversa entre os pais sobre o conflito do momento, depois, se necessário, uma reunião de família sobre a dificuldade presente ou uma conversa com o filho(a) que apresenta uma situação problema, pois os filhos nunca são problemas, mas podem apresentar “situações problemas”. Com a graça de Deus sempre conseguimos bons resultados com nossas conversas, mesmo quando os ânimos se alteraram. Na grande maioria das vezes nossos conselhos foram ouvidos. Mesmo que não no momento, com o passar do tempo, foram assimilando fazendo parte das novas atitudes. Percebemos que os filhos sabem e sentem quando são amados e cuidados por seus pais e aprendem a valorizar o que deles recebem. Essa clareza só é percebida quando passa a “tempestade” e vem a calma que mostra que valeu a pena ser presente. A maior satisfação é quando eles chegam e falam que aquilo que dissemos, fez pensar, fez mudar... E assim por diante... É sempre a resposta que por mais difícil que seja não podemos desistir.	Diálogo. Os filhos nunca são problemas, mas podem apresentar “situações problemas”. Com a graça de Deus sempre conseguimos bons resultados. O exemplo.
Família 12		Diálogo, franqueza, disponibilidade e interesse para ouvi-los, o que fazemos até hoje. O exemplo dos pais é muito importante e acreditamos que continuamos dando bons exemplos.	Diálogo, franqueza, disponibilidade e interesse para ouvi-los. O exemplo dos pais

Entrevistado (a)	Item	ECH	IC
Família 13	Os meios utilizados para resolver os conflitos com os filhos.	O diálogo em primeiro plano e quando esse não resulta efeito algum, entram os “velhos métodos”, pressão, castigos etc. Creio que de um modo geral, mesmo sendo mais velhos ou experientes, às vezes, entre erros e acertos damos, sim, bons exemplos.	Diálogo. Pressão, castigos. Bons exemplos.

O quinto item questiona os pais acerca dos meios utilizados para resolver os conflitos com os filhos. Dentre as formas apresentadas pelos pais para ajudar os filhos nos conflitos ou resolvê-los estão:

- A. Diálogo por parte do pai ou mãe, nove.
- B. Diálogo somente por parte da mãe, quatro.
- C. Castigos aplicados pelo pai e mãe, dois.
- D. Castigos aplicados somente pelo pai, três.
- E. Castigos aplicados somente pela mãe, um.
- F. Orações e/ou dimensão religiosa, dois.
- G. Exemplo por parte dos pais: quatro
- H. Interesse em ouvir os filhos: um.

O diálogo é a ferramenta mais utilizada por nove pais ou mães entrevistados. Percebe-se que as mães têm mais intimidade junto aos filhos para conversar e trocar ideias. Prova disso que são quatro mães que mantêm diálogo independente da presença do pai.

Conversar, ouvir, dialogar não são tarefas fáceis. Exige tempo, disponibilidade e vontade de refletir junto ao processo educativo. Quando não há o diálogo, não há conhecimento, nem troca. O interesse de apenas um casal em ouvir os filhos é algo interessante. A correria do cotidiano parece tirar as forças para o ouvir, para saber o que acontece com os filhos, para sanar os conflitos familiares.

Na disseminada cultura machista, percebe-se a presença dos castigos por conta, sobretudo do pai. Apenas uma mãe declara impor castigos. O castigo pode impedir a resolução paterna ou materna filial por meio de uma reflexão, um diálogo. De fato, não há receitas para a resolução de conflitos. Certamente, o conflito de gerações é algo que acirra os ânimos entre pais e filhos.

Em uma das entrevistas, uma mãe disse, repetindo o que o filho mais velho diz atualmente: “Só mudei quando parou de me bater. Tudo o que eu fiz para vocês eu to pagando hoje.” “Quanto mais batia, mais ele desobedecia”, confirma a mãe. Uma prova, ainda que isolada, de que a violência não soluciona conflitos.

4.1.6 Sexto item

Entrevistado (a)	Item	ECH	IC
Família 1	O tipo de acompanhamento dado à vida escolar dos filhos; sobre o relacionamento dos responsáveis com a escola.	Participamos da vida escolar deles, participamos das reuniões e acompanhamos nos deveres de casa. Graças a Deus tanto o Gi. como a C. são ótimos alunos.	Participam da vida escolar e acompanham a escola.
Família 2		São bem presentes. Procuram saber de tudo, independente de reunião de pais sempre vão a escola para saber como estão. São bons alunos. A mãe é sempre indicada para estar junto com os alunos.	São presentes na vida escolar e na escola.

Entrevistado (a)	Item	ECH	IC
Família 3	O tipo de acompanhamento dado à vida escolar dos filhos; sobre o relacionamento dos responsáveis com a escola.	Acompanham bem a escola dos filhos, se estão em dia, tentam resolver os problemas. Vão à escola para reuniões que envolviam outros alunos e não os filhos. Os professores colocam os filhos como exemplo, a mãe já pediu para não o colocar em evidência, para não causar constrangimento. Os pais acham que a escola expõe o que eles conversam com os professores, deveriam evitar mais as comparações, tanto os negativos quanto os positivos. Já teve caso de mudar de escola por conta de um primo que não combinava com a professora e só ia na escola do filho, colocando sempre a culpa nele. “Ser bom, parece ser o E.T. da história”, diz a mãe. Os pais vieram da capital, mas sentem que o interior não tem muita diferença. Estão no interior há 3 anos.	Acompanham bem a escola dos filhos, se estão em dia, tentam resolver os problemas. Vão à escola para reuniões que envolviam outros alunos e não os filhos.
Família 4		Sempre fui uma mãe presente, apesar de trabalhar na roça, sempre dava um jeito de ir nas reuniões. Hoje com os netos é mais fácil, o fato de não trabalhar sempre me possibilita ir nas reuniões. Temos um bom relacionamento com a escola e com os professores. Os meus filhos sempre foram bons alunos, nunca me deram trabalho. Em relação aos meus netos também não temos problemas.	A mãe sempre foi presente na vida escolar.

Entrevistado (a)	Item	ECH	IC
Família 5	O tipo de acompanhamento dado à vida escolar dos filhos; sobre o relacionamento dos responsáveis com a escola.	Todos eles estudaram na escola. M. participava mais da vida dos filhos na escola. “Fui mãe e pai ao mesmo tempo”. O pai trabalhava muito, então a educação era acompanhada pela mãe.	A mãe participou da vida escolar dos filhos.
Família 6		Sempre participo das reuniões, das atividades escolares, e o desempenho dela tem sido bom até agora.	A mãe participa da vida escolar e das atividades propostas.
Família 7		Sempre que fui chamada na escola compareci. Alguns de meus filhos às vezes davam trabalho; uma delas até na Casa do Menor foi parar. Já os outros não.	Sempre que fui chamada na escola compareci.
Família 8		Com a filha adotiva teve um bom acompanhamento escolar. Os outros não tiveram vida escolar. O mais novo e a mais velha mal sabem ler, segundo eles. “Quando eu parei de beber, já era tarde para tentar melhorar a educação dos filhos. O pai trabalhava muito”.	Com a filha adotiva teve um bom acompanhamento escolar. Os outros não tiveram vida escolar.
Família 9			
Família 10		Procuramos acompanhar sempre que possível, auxiliamos nas tarefas de casa entre outros. O nosso relacionamento com a escola é bom. O desempenho de nossas filhas também é muito bom, nos deixam orgulhosos delas.	Os pais acompanham e tem bom relacionamento com a escola.

Entrevistado (a)	Item	ECH	IC
Família 11	O tipo de acompanhamento dado à vida escolar dos filhos; sobre o relacionamento dos responsáveis com a escola.	Procuramos dar todo incentivo na vida escolar, tanto em casa com os afazeres escolares como também buscando serem presentes na escola, participando das reuniões e fazendo parte dos membros de conselho escolar, e assim contribuindo com o relacionamento escola comunidade. Em todas as escolas que estudaram, construímos um laço de amizade não apenas com os professores, mas com os demais funcionários. Com isso nossos filhos eram conhecidos por todos da escola. O que facilitou o desempenho deles e eles sempre deixaram claro, o orgulho que sentiam de nós em ver a nossa participação na vida escolar. Essa relação pais e escola exigem certo esforço dos pais, mas o resultado é muito compensador. Vemos que o esforço valeu, apenas, sempre foram bons alunos nunca tivemos problemas com disciplina e sempre tiveram muito empenho e responsabilidade com seus afazeres escolares, apresentando notas boas, e o que é melhor, vê-los seguindo nosso exemplo se envolvendo em campanhas e atividades que visam melhorar o desempenho da escola e isso é um ótimo resultado. Sabemos o quanto é difícil ter filhos bem criados, mas podemos dizer que em casa recebemos essa grande bênção de Deus.	Procuramos dar todo incentivo na vida escolar; ser presentes na escola, participando das reuniões e fazendo parte dos membros de conselho escolar; nos tornamos amigos de professores e funcionários.

Entrevistado (a)	Item	ECH	IC
Família 12		O desempenho escolar de nossos filhos sempre foi bom e hoje são excelentes profissionais. Acompanhamos a vida escolar deles estando ao lado de ambos nas dificuldades e alegrias.	Acompanhamos a vida escolar deles estando ao lado de ambos nas dificuldades e alegrias.
Família 13	O tipo de acompanhamento dado à vida escolar dos filhos; sobre o relacionamento dos responsáveis com a escola.	Relacionamento com a escola sempre foi bom com relação aos pais. Entre os dois filhos, há diferenças naturalmente: um, podemos dizer que praticamente teve vida acadêmica tranquila e satisfatória; outro apresentou quase que em tempo integral, dificuldades e resistência à disciplina acadêmica, principalmente nos últimos anos do ensino médio.	Relacionamento com a escola sempre foi bom com relação aos pais.

Um dos grandes complementos à educação dos filhos é, sem dúvida, a vida escolar. Bom seria se todos os pais ou responsáveis tivessem grande interesse na rotina de estudos dos filhos, visitando a escola frequentada por eles, envolvendo-se ativamente no processo de aprendizagem.

Dessa maneira, o sexto item conduz à reflexão dos pais no que se refere ao tipo de acompanhamento dado à vida escolar dos filhos; sobre o relacionamento dos responsáveis com a escola. E, com isso, constatam-se as seguintes categorias:

- A. Participam da vida escolar dos filhos, acompanhando a escola por meio de reuniões e/ou convocações, até tornando-se amigos de professores e funcionários, cinco.
- B. Acompanhamento somente por parte da mãe, três.
- C. Das mães solteiras, uma só comparecia à escola quando requisitada, a outra não respondeu, pois são os avós que fazem esse papel.

D. A Família 8 declara que somente a filha adotiva teve vida escolar e a presença dos pais junto à escola. Os outros filhos não tiveram vida escolar.

Uma maneira de orientar bem os filhos é a presença ativa dos pais junto à escola onde estudam. A parceria entre pais e escola deveria ser mais abrangente.

Baltazar, Moretti e Balthazar (2006, p.45) dizem que:

Não há melhor escola de formação cultural, social e psicológica que o próprio lar. As teorias psicológicas de diversos matizes e diferentes orientações poderão servir como base estrutural científica, educacional, formativa para jovens e adultos, especialmente para aqueles comprometidos com a responsabilidade de orientar novas gerações.

O lar, a família é o primeiro ambiente educativo dos filhos. A escola é o prolongamento desse ambiente e continuidade do processo de educação. Entretanto, percebe-se que menos da metade dos pais entrevistados, ou seja, cinco, têm um relacionamento ativo com a escola. Isso mostra o comprometimento desses pais e a preocupação quanto aos estudos dos filhos.

Três mães, dos casais entrevistados, acompanham os filhos sem a presença do pai. No item anterior, as mães, mais do que os pais, demonstraram ter mais diálogo na resolução dos conflitos junto aos filhos. Nesse item também as mães aparecem como “as mais responsáveis”. O modelo familiar centrado na figura paterna cede à presença feminina. A mulher demonstra cada vez mais a sua força e sua capacidade nas atuações diversas da sociedade.

Seja o pai, a mãe ou o responsável, é imprescindível a presença na vida escolar de um filho. Ir à escola somente quando convocado ou convocada, como relatou uma mãe, afirma o descaso com o ambiente frequentado pelo filho para complementar o que se aprende em casa. Acerca disso, Baltazar, Moretti e Balthazar (2006, p.49) lembram “que a relação do aluno com a escola é afetada pela significação que os dão a ela, aos estudos de seu filho e às reações dele com os demais alunos”.

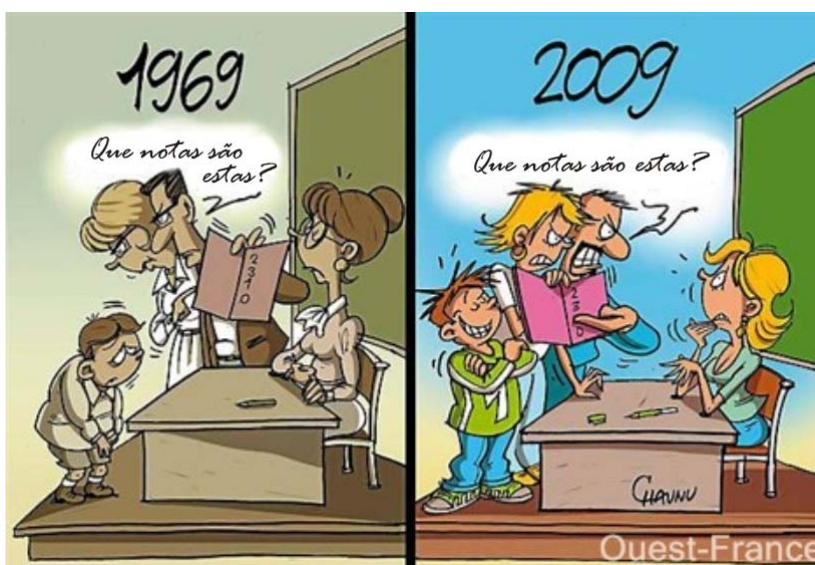
Certamente, ter os pais por perto, acompanhando, apoiando e direcionando os filhos no processo educativo que a escola propõe, faz grande diferença. Por isso, segundo Baltazar, Moretti e Balthazar (2006, p.50) é muito importante, também, que exista uma “relação de confiança” entre a família e a

escola escolhida, evidentemente, pelos pais para educar seus filhos, isto é, para que os “auxilie” a educar os filhos.

Não é raro encontrar pais, mães ou responsáveis que não valorizam ou criticam exacerbadamente o trabalho da escola, dos professores e direção. Às vezes, até o confronto com os docentes posicionando-se de modo favorável em defesa dos filhos e tirando a autoridade daquele que ensina. Baltazar, Moretti e Balthazar (2006, p.45) relatam:

Vemos, com frequência, os pais criticarem a filosofia pedagógica da escola escolhida, na presença dos filhos, de uma forma que predis põe o adolescente contra a escola. Evidentemente, críticas existirão de parte a parte, mas elas deverão ser tratadas nos “canais de comunicação” adequados, existentes ou a serem criados, ligando o binômio família-escola.

Os tempos são outros... A charge a seguir mostra de forma divertida, mas real e triste, a autoridade de outrora com a desmoralização da educação atual:



Fonte: <<http://blog.cev.org.br/laercio/?s=esporte>>

Devido ao processo histórico, a valorização da criança e do adolescente, assim como os estatutos que dão suporte a eles, a autoridade docente é algo quase que inexistente. Muitos pais, seja por conta do trabalho, da ausência no cotidiano, ou por superproteger os filhos tentando compensar as dificuldades existentes no lar, preferem dar razões a eles, desmerecendo o papel dos educadores e da escola.

Se antes havia a exigência, tanto dos pais quanto da escola, hoje, em tempos modernos ou líquidos, não há tantas responsabilidades concretas, gerando permissividade e descompromisso, e até mesmo a falta de respeito, no lar, na escola e em tantos outros ambientes.

Pais e mestres precisam de certa forma, falar a mesma língua, acompanhar de perto os filhos e alunos, dar razões a eles nas horas certas, assim como valorizar a autoridade docente quando esse apontar as suas razões.

4.1.7 Sétimo item

Entrevistado (a)	Item	ECH	IC
Família 1	Existem limites para os filhos; exemplos de limites.	Sim. Impomos regras: horário pra dormir, pra fazer lições e pra brincar.	Impomos regras sim: horário pra dormir, pra fazer lições e pra brincar.
Família 2		Tem muitos limites: hora para chegar, avisar aonde vai, falar com que está. Controlam as amizades. E são bem responsáveis, não mentem. Eles são responsáveis em saber o próprio horário.	Tem muitos limites: hora para chegar, avisar aonde vai, falar com que está.
Família 3		Sim. Horários para brincar, para estudar, o que pode e o que não pode ver na tv, o jeito de pentear o cabelo. Dizem que os filhos não sentem bloqueio em relação aos limites. Dizem que quando tiverem idade, terão mais liberdade. O pai diz que com o passar dos anos a pessoa muda, dependendo da fase em que está. Cada um vive de uma maneira, em determinada idade. O pai diz que o avô o educou para poder educar os filhos. É preciso ver o lado positivo, as qualidades.	Sim. Horários para brincar, para estudar, o que pode e o que não pode ver na tv, o jeito de pentear o cabelo.
Família 4		Tanto com os filhos e quanto os netos sempre determinamos horários para chegar a casa e o tipo de locais que frequentam e o tipo de amizades.	Sim: horários para chegar a casa e o tipo de locais que frequentam e o tipo de amizades.

Entrevistado (a)	Item	ECH	IC
Família 5	Existem limites para os filhos; exemplos de limites.	Sempre estabeleceram os limites. Quando vieram para a cidade, o filho começou a trabalhar e se envolveu com bebedeira. dai, tiraram do trabalho para evitar o contato com o álcool... Tinha horário para chegar em casa até 23h e depois 0h00. Quando queriam passear, pediam para a mãe, que os mandava trabalhar e depois não deixava, pois tinham medo de acontecer algo com eles.	Sim: tinha horário para chegar em casa.
Família 6		Sim, mas muitas às vezes preciso fazer trocas, ou seja, se não fizer o que eu mandar eu corto muitas coisas dela, mas muitas as vezes somente a conversa com ela resolve.	Sim, mas muitas vezes preciso fazer trocas, ou seja se não fizer o que eu mandar eu corto muitas coisas dela.
Família 7		Tento, as meninas são mais comportadas, já os meninos as vezes saem e só chegam em casa de manhã e nem se preocupam em avisar.	Tento. As filhas são comportadas. Os filhos não obedecem.
Família 8		A filha adotiva teve uma educação melhor com limites. Os outros não tinham limites. Vanessa teve mais regras. Ela tem horário para chegar em casa. O pai interferiu nos namoros dela. Três namoros foram interrompidos por causa do pai que percebia que era mau elemento.	Somente a filha adotiva tinha limites: horário para chegar em casa; namorados.

Entrevistado (a)	Item	ECH	IC
Família 9	Existem limites para os filhos; exemplos de limites.	<p>Tem limites quando estão com a avó. Se querem algo e não pode, tenta explicar... não é hora de ter isso. Quero um celular: não tá na idade ainda. Quando pode comprar, compra, senão, não. Sou eu quem compra as roupas e determino quais são. Eles não escolhem nada. Eu sei dos gostos de cada um. Gustavo gosta de calça, não de bermuda...</p> <p>Deixa-os participar de tudo o que é possível, na escola e na cidade, quando possível. Apesar de os pais terem educado os filhos com rigidez, J. era revoltada com o pai, que "ia pra zona com os amigos e deixava a mãe e os filhos em casa... eu sempre admito que eu errei, mas o senhor me ensinou a viver desse jeito: na farra, na zona, com os amigos. Cheguei a fugir por causa do meu pai. Fui criada pelo mundo."</p> <p>"Os filhos podem cobrar de mim a minha ausência, mas o fato de eu ter feito muitas coisas erradas eu creio que não, pois eles não viram a pior fase da minha vida. Eu me lembro do que meu pai fazia... os meus filhos não se lembram do que eu fiz."</p> <p>Mas meu pai mudou muito... Meus filhos são minha vida.</p>	Tem limites quando está com a avó. A mãe explica e faz tudo sem perguntar os gostos dos filhos.
Família 10		Sim, limites devem ser estabelecidos para os filhos. As regras do lar é respeito, educação, realizar as tarefas escolares, religiosas e caseiras. Os nossos direitos acabam quando começam os dos outros.	Sim, tem limites: as regras do lar são o respeito, educação, realizar as tarefas escolares, religiosas e caseiras.

Entrevistado (a)	Item	ECH	IC
Família 11	Existem limites para os filhos; exemplos de limites.	Vemos que todos os meios de comunicação são positivos, mas os filhos por si só dificilmente terão maturidade em aproveitar o que de melhor esses meios podem oferecer. Quando os pais acompanham esse processo, participando, conversando e permitindo uma reflexão dos conteúdos e tempos gastos, o aproveitamento é muito positivo. Em casa o cuidado foi sempre mais acentuado no controle da internet e a solução sempre mostrar por meio de conversas reflexivas a necessidade desse limite para não perder o que está acontecendo na vida real. Entendemos que orientação e acompanhamento recebido é que vai fazer diferença no uso desses meios. O risco maior é deixar que os meios de comunicação ocupem um grande espaço na vida dos filhos, sem que haja oportunidade de conversar sobre o que o conteúdo que esses têm acrescentado em sua vida. O processo de reflexão criado no dialogo entre pais e filhos, dará condições para eles próprios com o tempo façam essa reflexão automaticamente e o que é melhor ainda passarão a frente essa maturidade na relação com seus amigos. Temos visto isso acontecer em casa e realmente muito gratificante.	Tem limites. Exemplo: Não ligar mais de uma TV ao mesmo tempo; Limite de horário na internet; Nunca sair sem avisar, aonde vai, com quem, que horas vai chegar e respeitar o horário combinado; Respeito às regras que existem na sociedade; jamais colocar aliança de compromisso: isto é só uma vez.
Família 12		Já estabelecemos limites e regras, hoje são adultos. Alguns exemplos: horários, conhecer os amigos, respeito às leis, às autoridades, aos mais velhos, etc.	Havia limites: horários, conhecer os amigos, respeito às leis, às autoridades, aos mais velhos, etc.

Entrevistado (a)	Item	ECH	IC
Família 13	Existem limites para os filhos; exemplos de limites.	Em se tratando de filhos de pais separados é coerente dizer que as diferenças entre opiniões atitudes e comportamento dos pais sejam totalmente diferentes. Logo opiniões diferentes provocaram constantemente insatisfações tanto dos filhos como dos pais. Apesar desses problemas diria eu como pai, que num panorama geral houve sim regras no lar, determinadas pela mãe (os filhos sempre moraram na casa da mãe) e que contribuíram para a formação dos mesmos como execução de tarefas domésticas, horários de chegada etc.	Apesar da separação dos pais, houve, sim, regras no lar, determinadas pela mãe (os filhos sempre moraram na casa da mãe) e que contribuíram para a formação dos mesmos como execução de tarefas domésticas, horários de chegada etc.

O sétimo item pontua a entrevista sobre a existência de limites para os filhos, assim como a citação de exemplos dos limites impostos. Como foi visto no quarto item, a influência da sociedade, assim como a liberdade, provavelmente levam os pais a impor determinados limites. A maioria diz impor limites ou regras, a partir das quais se podem elencar as seguintes categorias:

- A. Impõe limites, dez.
- B. Tenta impor limites, um.
- C. Somente a filha adotiva tinha limites, um.
- D. Só tem limites com a avó, pois é ela quem educa.

Ao observar tais categorias, pode-se constatar que apenas uma família (Família 7), tenta impor limites, e ao que parece, sem sucesso. As demais conseguiram postular limites. A Família 8, que tem uma filha adotiva, não conseguiu impor limites aos filhos biológicos pelo fato de não serem exemplos para eles: “Quando eu parei de beber, já era tarde para tentar melhorar a educação dos filhos. O pai trabalhava muito”, relata a mãe.

Os exemplos de limites variam conforme a realidade de cada família. Daí inferem-se as seguintes categorias por meio dos exemplos apresentados:

- A. Horário para chegar em casa, sete.
- B. Dizer com quem está/companhias/saber ou conhecer as amizades, quatro.
- C. Horário para fazer as tarefas escolares, três.
- D. Avisar aonde vai/comunicar onde está, três.
- E. Respeito e obediência às leis, autoridades e pessoas, dois.
- F. Horário para brincar, dois.
- G. Horário para dormir, um.
- H. O que é permitido ver na TV, um.
- I. Restrição a namoros, um.
- J. Imposição de limites pela troca de tarefas, um.
- K. Cumprir tarefas religiosas, um.
- L. Exercer tarefas domésticas, um.
- M. Limite de horário para internet, um.
- N. Não ligar mais de uma TV ao mesmo tempo, um.

Baltazar, Moreti e Balthazar (2006, p.35) definem limites como:

...atos que dirigem a vida do filho ainda adolescente , quando os pais , sempre como parceiros, devem procurar os sins e os nãoos que regulam as saídas, as amizades, os lugares para ir, a hora de dirigir um carro, as conversas sobre sexo e namoro, enfim as escolhas ainda imaturas dos filhos.

Os exemplos apresentados pelos pais ou responsáveis mostram a diversidade de regras, limites ou tarefas a serem executadas. O limite de horário para chegar em casa é o que aparece em maior quantidade. Há uma preocupação, pelo menos com mais da metade das famílias entrevistadas, quanto à ausência dos filhos no lar. Assim, percebe-se que o lugar da educação, da segurança e do controle é a casa. Fora de casa, os pais têm a sensação da perda em relação aos filhos. Por isso, a segunda categoria é saber com quem estão, quais são os amigos, o que estão fazendo.

Mas, dentro de casa também existem os vilões que podem corromper ou estragar a vida dos filhos, e esses se apresentam isoladamente, tais como a TV e

a internet. Os dois meios de comunicação mais invasivos trazem informações boas, assim como exemplos negativos, por meio de notícias, filmes, telenovelas, sites de relacionamentos.

De acordo com Baltazar, Moreti e Balthazar (2006, p.30) “a clareza dos limites ou fronteiras no interior de uma família é fator importantíssimo para o seu bom funcionamento”. Se não houver as regras, limites a serem observados, cada membro fará o que desejar, tornando a convivência impossível e muito difícil no cotidiano.

Os limites são importantes, porém uma superproteção exacerbada poderá gerar problemas na vida e educação dos filhos, como violência, irresponsabilidade, entre outros. A esse respeito Feijó (2006, p.47) diz que:

...os pais superprotetores estarão cometendo um dos maiores erros na educação dos filhos, por mais que tenham as mais puras intenções (não importando se elas se dão em função de insegurança ou culpa), fazendo pelos filhos o que estes poderiam fazer sozinhos ou protegendo-os para que não arquem com as consequências de seus atos. Se assim fizerem, os pais estarão criando indivíduos inseguros, irresponsáveis, sem limites e agressivos.

Nem sempre os filhos compreendem a função dos pais como educadores. As relações podem se tornar confusas. Os pais têm autoridade sobre os filhos e esses, geralmente, devem-lhes o respeito e o cumprimento devido de suas obrigações, tarefas, responsabilidades, horários. Proporcionar a liberdade aos filhos pela responsabilidade construída ao longo da convivência, pode gerar bons resultados.

Feijó (2010, p. 129) afirma que “Estabelecer limites aos filhos é uma das tarefas mais árduas dos pais. A razão é a resistência dos jovens. No entanto, estudos têm demonstrado que o jovem precisa desses limites.” É difícil compreender a imposição dos limites, mas é imprescindível à construção do ser humano para uma vida pautada pelo respeito.

Além da reflexão acerca dos limites, Feijó (2010) faz menção à diferença entre a imposição ou estabelecimento de limites e o autoritarismo. Ele diz que o autoritarismo é sinal de incompetência. Os limites devem ser apresentados com argumentos convincentes ao seu propósito e cumprimento.

4.1.8 Oitavo item

Entrevistado (a)	Item	ECH	IC
Família 1		Interfere positivamente com desenhos e programas educativos como tem na TV Futura e negativamente com filmes de violência, novelas e outros, eles aprendem coisas que não precisam aprender.	Positivo: desenhos e programas educativos; Canal Futura Negativo: filmes de violência, novelas.
Família 2	A interferência dos meios de comunicação positiva e negativamente na educação dos filhos.	Tem muita informação boa, cultural, econômica. O filho pesquisa muito na internet, principalmente música e trabalhos para a escola. A filha gosta mais de interagir com as amigas, mas sempre com a observação dos pais.	Positivo: informação boa, cultural, econômica. Pesquisa na internet, como música e trabalhos para a escola. Interagir com as amigas, mas sempre com a observação dos pais.
Família 3		“Criança não trabalha, criança dá trabalho”: por causa desta música o filho diz que tem direito a fazer o que quer. Apoiam os programas educativos. A mãe era fissurada em novela. O pai a fez desistir da novela. No começo da vida de casado ela emprestou uma tv para ver a novela. Hoje eles não deixam ver novelas. Gostam do canal Futura. Muitos desenhos tem frases pesadas, feias, diabólicas, como o pica-pau, por exemplo. Os noticiários, os pais acham importantes, embora divulguem só problemas atualmente, que fazem parte da vida. Creem que deveriam ser divulgadas as notícias boas também.	Positivo: programas educativos; Canal Futura. Negativo: novelas, desenhos com frases pesadas, feias, diabólicas; noticiários que só divulgam tragédias.

Entrevistado (a)	Item	ECH	IC
Família 4		<p>Hoje a facilidade com a Internet eles aprendem muitas coisas boas, mas tem influencias negativas também, querem viver como as pessoas da televisão, buscam uma vida diferente da sua realidade e a televisão e a internet facilita isso. Querem viver de uma forma que não podemos dar pra eles e muitas vezes não entendem isso.</p>	<p>Positivo: pela internet aprendem coisas boas. Negativo: a influência da internet e da televisão a um modo de vida que não corresponde com a realidade.</p>
Família 5	<p>A interferência dos meios de comunicação positiva e negativamente na educação dos filhos.</p>	<p>Naquele tempo a tv não interferia muito na educação dos filhos, pois havia mais diálogo. Hoje em dia acham que os meios de comunicação atrapalham muito a educação dos filhos. Foi uma vida muito sofrida, pois não tinha muitos recursos. Em época de frio, quando geava, a mãe cedia o cobertor para eles não passarem frio. E isso também com a comida. Com tudo o que passaram agradecem tudo o que conquistaram hoje. Os filhos dizem: “Se hoje somos o que somos é por causa da senhora”. A mãe assumiu os quatro filhos e o que nasceu do relacionamento atual. Trabalhavam na roça junto com a mãe e o pai. Os filhos de A. não se lembram da mãe biológica, e nem a querem conhecer. Pois consideram M. como mãe. Há doze anos a ex-mulher apareceu com o desejo até de querer parte na casa onde eles moram, mas a casa é conquista dos filhos.</p>	<p>Positivo: pela falta de recurso não tinham muitos meios de comunicação, havendo mais diálogo. Negativo: atualmente acham que os meios de comunicação atrapalham muito a educação dos filhos.</p>
Família 6		<p>Ponto positivo- ajuda nos trabalhos escolares, em pesquisas na Internet. Ponto negativo- Perde muito tempo em MSN, com papos com colegas, namorados, controlo o que ela vê na Internet.</p>	<p>Positivo: a internet ajuda nos trabalhos escolares, em pesquisas. Negativo: perda de tempo em MSN, com papos com colegas, namorado.</p>

Entrevistado (a)	Item	ECH	IC
Família 7		“Meus filhos só assistem às novelas e eu acho que elas não interferem em nada na vida deles.”	“Meus filhos só assistem às novelas e eu acho que elas não interferem em nada na vida deles.”
Família 8	A interferência dos meios de comunicação positiva e negativamente na educação dos filhos.	Tem coisa que atrapalha. A mãe diz que tem muita coisa errada: crianças adolescentes que já tem iniciação sexual e estimula os filhos a fazerem o mesmo; a moda da televisão faz com que os jovens cresçam num ritmo errado. V. nem gosta muito de balada, está com casamento marcado. Os outros filhos são baladeiros, já se largaram, já traíram, já estão em segunda união. O filho de N. foi preso aos 18 anos por 27 dias por causa de drogas e roubo de carteira, briga com policial. Para ela foi uma eternidade. A mãe tentou de tudo, mas não teve jeito. Por conta de uma briga foi preso. Conseguiu a liberdade, foi obrigado a pagar um salário mínimo como indenização. Eles se sentem culpados por tudo o que aconteceu com o filho. Apesar de tudo, ele mudou muito, já tem filhos e é um bom pai. “É uma família muito necessitada, até a casa onde moram foi coberta com a ajuda da comunidade”.	Negativo: estímulo ao sexo; a moda.
Família 9		Depende: das novelas, dos programas, das propagandas. A propaganda incentiva o consumo mais eu seguro bem...	Positivo: depende da programação; Negativo: incentivo ao consumo.

Entrevistado (a)	Item	ECH	IC
Família 10		Os meios de comunicação interferem positivamente nas informações religiosas, educacionais, culturais entre outras. Mas com o uso indevido estes poderão destruir a família e acarretar até mesmo danos irreversíveis. O sábio vê o mal e se desvia dele.	Positivo: informações religiosas, educacionais, culturais. Negativo: o uso indevido pode destruir a família.
Família 11	A interferência dos meios de comunicação positiva e negativamente na educação dos filhos.	Vemos que todos os meios de comunicação são positivos, mas os filhos por si só dificilmente terão maturidade em aproveitar o que de melhor esses meios podem oferecer. Quando os pais acompanham esse processo, participando, conversando e permitindo uma reflexão dos conteúdos e tempos gastos, o aproveitamento é muito positivo. Em casa o cuidado foi sempre mais acentuado no controle da internet e a solução sempre mostrar por meio de conversas reflexivas a necessidade desse limite para não perder o que está acontecendo na vida real. Entendemos que orientação e acompanhamento recebido é que vai fazer diferença no uso desses meios. O risco maior é deixar que os meios de comunicação ocupem um grande espaço na vida dos filhos, sem que haja oportunidade de conversar sobre o que o conteúdo que esses têm acrescentado em suas vidas. O processo de reflexão criado no diálogo entre pais e filhos, dará condições para eles próprios, fazerem essa reflexão e o que é melhor ainda passarão à frente essa maturidade na relação com seus amigos. Temos visto isso acontecer em casa e é muito gratificante.	Positivo: todos os meios de comunicação são positivos, Quando os pais acompanham esse processo, participando, conversando e permitindo uma reflexão dos conteúdos e tempos gastos; cuidados com a internet por parte dos pais. Negativo: perder o que está acontecendo na vida real; ocupar um grande espaço na vida dos filhos.

Entrevistado (a)	Item	ECH	IC
Família 12		Os meios de comunicação, quando bem usados e selecionados são valiosos e importantes na educação. Caso contrário, como na maioria das vezes, é um desastre.	Positivos: quando bem usados. Negativos: na maioria das vezes, é um desastre.
Família 13	A interferência dos meios de comunicação positiva e negativamente na educação dos filhos.	Interferem e muito positivamente no processo de formação geral e na educação, partindo do princípio de utilização dos mesmos com equilíbrio; ainda que muitas vezes tenhamos que exercer certa “invasão de privacidade”. Nossos dois filhos particularmente não são muito ligados em internet e tecnologia de ultima geração de maneira exagerada, talvez por isso não tenhamos tido tantos problemas como se detecta em jovens muito apaixonados principalmente pela internet.	Positivo: no processo de formação geral e na educação, usando-os com equilíbrio. Negativo: “invasão de privacidade”.

Uma realidade que não pode ser ignorada atualmente é a forte influência dos meios de comunicação na vida das pessoas. Não há dúvidas de que a televisão ocupa lugar privilegiado na vida familiar. O site: www.ifamilia.com.br, dá a seguinte informação:

A televisão é um dos mais utilizados objetos no mundo e o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), em sua pesquisa de mercado, diz que 98% dos lares brasileiros possuem uma ou mais televisão. Existe mais TV nos lares do que geladeira ou fogão. Oito milhões de lares brasileiros possuem TV por assinatura, isso quer dizer que quase 26 milhões de pessoas desfrutam dessa comodidade.

Por isso, o oitavo item emerge como uma preocupação perante aos pais ou responsáveis pelos filhos, sobretudo quando crianças ou adolescentes. Mas os meios de comunicação interferem, invadem de modo a informar, comunicar, influenciar, deformar... Isto não apenas por meio da televisão, mas também por meio da internet, rádio, revistas, enfim tudo o que veicula informação e notícia.

O questionamento do oitavo item abordou os pais sobre a interferência dos meios de comunicação positiva e negativamente na educação dos filhos. A partir

deste quesito, podem ser enumeradas as seguintes categorias em relação aos pontos positivos:

- A. As informações (culturais, educacionais, econômicas, religiosas), três.
- B. Pesquisas escolares na internet, três.
- C. Desenhos e programas educativos, dois.
- D. Canal Futura, dois.
- E. Todos os meios de comunicação são positivos, desde que haja o acompanhamento dos pais, dois.
- F. Sites de relacionamentos, desde que acompanhados pelos pais, um.
- G. Não tinham acesso aos meios de comunicação sendo que o diálogo ocupa maior parte do tempo, um.

Os elementos negativos podem ser elaborados a partir das seguintes categorias:

- A. Novelas, dois.
- B. Estímulo ao sexo, moda, consumismo, dois.
- C. Quando são utilizados erroneamente podem destruir a família, dois.
- D. Ocupar grande espaço na vida dos filhos, um.
- E. Invasão de privacidade, um.
- F. Filmes com conteúdo violento, um.
- G. Desenhos animados com frases inadequadas, um.
- H. Noticiários que só divulgam tragédias, um.
- I. Transmissão de um modo de vida que não corresponde com a realidade, um.
- J. Atrapalham de modo geral, um.
- K. Perda de tempo em sites de relacionamentos, um.

No campo da neutralidade frente aos meios de comunicação, isto é, não há influência nem positiva nem negativa, destaca-se uma categoria pautada por uma única família:

- A. Só assistem às novelas e não há interferência nenhuma na vida dos filhos.

Com a presença massiva dos meios de comunicação nos lares, principalmente da televisão, nota-se que essa já não tem tanto impacto na vida e na consciência. Ela faz parte da família como membro indispensável, com suas ideias e ideologias próprias.

Tanto nos pontos positivos como nos negativos, as categorias elencadas não têm adesão por várias famílias. São pontos bastante isolados, mas cada qual com suas preocupações familiares.

Na dimensão informativa dos meios de comunicação, três famílias julgam positivamente e na mesma proporção as pesquisas escolares por meio da internet. Estar informado é algo essencial à vida, sobretudo por meio de noticiários sérios e imparciais.

Há duas famílias que apontam todos os meios de comunicação como positivos, mas devem ser acompanhados pelos pais. Se os pais tiverem uma formação crítica e capaz de filtrar o conteúdo dos meios de comunicação, certamente os filhos aprendem a selecionar o que absorvem. Entretanto, não são todos que agem dessa forma.

Uma família diz que não tinha acesso aos meios de comunicação quando da educação dos filhos. Havia, porém, o diálogo. Diálogo é algo do passado? Os meios de comunicação fazem esse papel: a família não consegue dialogar com a televisão ou com os meios de comunicação, apenas reproduz, se não há visão crítica, o que é transmitido – há o monólogo dos meios de comunicação; aos solitários, a televisão pode ser uma boa companhia; à mãe que cuida dos afazeres do lar, deixa a criança aos cuidados dos programas televisivos.

Os aspectos negativos são isolados, mas a variedade é grande. As novelas, o estímulo ao consumismo, moda e sexo são os mais relevantes. Crianças, adolescentes e jovens são impulsionados e incentivados a quererem viver no mundo real, o que está no mundo virtual.

Uma família apontou que os meios de comunicação transmitem um modo de vida que não corresponde com a realidade. Nem sempre é possível aos pais ou responsáveis favorecer aos filhos o que é veiculado nos meios de comunicação. Isso gera insatisfação e inconformismo. Na era capitalista o ser humano é pautado pelo ter e não pelo ser, associado aos valores éticos e morais dignos.

Apenas uma família relata assistir somente a novelas, sendo que as mesmas não influenciam a vida dos filhos. Será? É necessário pensar e principalmente olhar com critério o conteúdo transmitido seja por qualquer meio de comunicação. As novelas transmitem uma imagem de família normalmente deturpada.

Hamburguer (1998, p.444) diz que:

A televisão oferece difusão de informações acessíveis a todos sem distinção de pertencimento social, classe social ou região geográfica. Ao fazê-lo, ela torna disponíveis repertórios anteriormente da alça privilegiada de certas instituições socializadoras tradicionais como a escola, a família, a Igreja, o partido político, a agência estatal. A televisão dissemina propaganda e orienta o consumo que inspira a formação de identidades. Nesse sentido, a televisão, e a telenovela em particular, é emblemática do surgimento de um novo espaço público, no qual o controle da formação e dos repertórios disponíveis mudou de mãos, deixou de ser monopólio dos intelectuais, políticos e governantes titulares dos postos de comando nas diversas instituições estatais.

Não há dúvidas de que a influência dos veículos informativos, somado à rede mundial de computadores, é capaz de mudar opiniões, criar conceitos, alterar valores. Além do mais, os meios de comunicação são uma fonte de educação e também podem ser meios de (des) educação, os quais muitas vezes fogem à visão dos pais e deformam o que modelaram ou pretendiam para os seus filhos.

A força que os meios de comunicação tem na vida familiar por meio das transmissões, sobretudo as novelas são confirmadas por Hamburguer (1998, p.443):

A moda, a gíria e a música que cada novela lança transmitem uma certa noção do que é ser contemporâneo. Personagens usam telefones sem fio, celulares, faxes, computadores, trens, helicópteros, aviões, meios de comunicação e de transporte que atualizam de modo recorrente os padrões do que significa ser moderno. Os modelos de homem e mulher, de namoro e casamento, de organização familiar, divulgados pela novela e sucessivamente atualizados, amplificam para todo território nacional as angústias provadas das famílias de classe média urbana do Rio de Janeiro e de São Paulo.

A mudança de comportamento é visível, principalmente nas dimensões humanas, nos relacionamentos e na estrutura familiar, gerando conflitos, dificuldades, desejos de consumo muitas vezes supérfluos.

É importante observar o destaque de duas famílias ao Canal Futura. Ao abrir o site do referido Canal, há um sessão com o título: “Educação para a vida”, que expressa o seguinte:

O Futura transmite valores e informações úteis ao cotidiano da população, vinte e quatro horas por dia, todos os dias. Alcança crianças, jovens, famílias e trabalhadores. Cria uma linguagem plural para abordar temas de importância e interesse coletivo. Fala de saúde, trabalho, juventude, educação, meio ambiente e cidadania. Um aliado do brasileiro na busca da construção de uma vida melhor. (<http://www.futura.org.br>)

Sem entrar na dimensão ideológica, presente em todos os meios de comunicação, o presente Canal traz realmente programas úteis a todos os níveis da sociedade brasileira. Bom seria se a maioria da população fosse telespectadora de canais televisivos similares, a fim de elevar o nível cultural e crítico das famílias, assim como o bom conteúdo de jornais, revistas, periódicos, livros, internet.

4.1.9 Nono item

Entrevistado (a)	Item	ECH	IC
Família 1	Acerca da educação religiosa; se existe vida religiosa familiar; os valores religiosos contribuem para uma boa formação.	Sim, somos católicos, e acreditamos que os valores religiosos são imprescindíveis para a formação do ser humano, onde é através da religião que desde pequeno aprendemos a importância de amar o nosso próximo. Apesar dos nossos pais terem nos criados com base religiosa, hoje nós ficamos a desejar com a nossa participação.	Sim, e acreditamos que os valores religiosos são imprescindíveis para a formação do ser humano. Hoje nós ficamos a desejar com a nossa participação.
Família 2		Com certeza. Eles atribuem o que são enquanto casal pela formação que tiveram dos pais. E transmitem tudo aos filhos. São todos engajados nos trabalhos da igreja.	Com certeza. Eles atribuem o que são pela formação que tiveram dos pais. E transmitem tudo aos filhos. São todos engajados nos trabalhos da igreja que participam.

Entrevistado (a)	Item	ECH	IC
Família 3		Tem uma boa base religiosa. O pai acha que quem não tem religião se perde muito, não tem temor. Até os filhos cobram quando o pai e a mãe não vão à igreja. É importante, é essencial, segundo a mãe. Iam a igreja, e quando bagunçavam chegava em casa e apanhavam. São católicos e os filhos fizeram antes do tempo permitido a 1ª comunhão e a crisma, devido à boa participação.	É importante, é essencial, segundo a mãe. Todos tem boa participação.
Família 4	Acerca da educação religiosa; se existe vida religiosa familiar; os valores religiosos contribuem para uma boa formação.	Sim, é importante. Sempre criamos nossos filhos dentro da igreja, eles receberam todos os sacramentos, sempre fomos católicos praticante, com o tempo fomos nos afastando. Quando solteira fui zeladora da igreja e até catequista. Era responsável pelo terço todos os dias na igreja.	Sim, é importante. Sempre criamos nossos filhos dentro da igreja. Com o tempo fomos nos afastando.
Família 5		Quando morávamos no sítio, não tinha vida religiosa ativa. Quando viemos para a cidade a participação foi mais atuante. Sim, ajuda, por que até o comportamento dos filhos mudou quando começaram a atuar na vida religiosa. A mãe participa sozinha. Nem o pai nem os filhos têm vida ativa na religião.	Sim, ajuda, por que até o comportamento dos filhos mudou quando começaram a atuar na vida religiosa. A mãe participa sozinha. Nem o pai nem os filhos têm vida ativa na religião.
Família 6		Sou católica, frequentamos a igreja, e acreditamos que a base religiosa é tudo na nossa vida, nossa união nos fortalece e serviu de experiência e base pra essa nova relação, o fato de sermos 3ª união não nos impede de sermos atuantes na igreja, tudo isso por conta da base religiosa que os meus pais me deram. Mas, as filhas não participam tanto como nós.	Frequentamos a igreja, e acreditamos que a base religiosa é tudo na nossa vida. Mas, as filhas não participam tanto como nós.

Entrevistado (a)	Item	ECH	IC
Família 7		Sou católica, mas não frequento a igreja, meus filhos são batizados, mas não fazem catequese e nem fizeram a primeira comunhão, talvez por não ter conhecimento não consegui passar nada de igreja pra eles. Sempre tive vergonha de ir à missa. Tinha vergonha das pessoas.	Sou católica, mas não frequento a igreja. Talvez por não ter conhecimento não consegui passar nada de igreja pra eles.
Família 8	Acerca da educação religiosa; se existe vida religiosa familiar; os valores religiosos contribuem para uma boa formação.	Sim, é muito importante. Com exceção da V., os outros filhos foram batizados quando adultos, mas ainda não são nem crismados participam pouco da Igreja. São católicos. Foi por conta de um ECC que fizemos há 17 anos que nos ajudou a melhorar na caminhada católica, acordamos para a vida naquele tempo. Hoje, somos coordenadores de uma comunidade e temos o respeito de toda a igreja, pela nossa mudança de vida. Fazemos muitas visitas às famílias, promovemos cestas para os mais pobres... Somos muito felizes na condução da comunidade. Muitos até criticam, mas somos convictos da fé que temos e da mudança que houve na nossa vida. Sentimos falta dos outros filhos não terem muita participação na vida da Igreja, pois percebemos que nem os netos tem a educação religiosa.	Sim, é muito importante. Sentimos falta dos outros filhos não terem muita participação na vida da Igreja, pois percebemos que nem os netos tem a educação religiosa.
Família 9 Josefa		Ajuda. No mundo que estamos hoje, se não tiver Deus, fica tudo muito difícil... Participo quando posso. Os filhos participam também.	Ajuda. Participo quando posso. Os filhos participam também.
Família 10		Sim, Somos Evangélicos da Assembleia de Deus. Nós acreditamos que os valores religiosos contribuem muito para a formação das pessoas, pois Deus é quem nos dá sabedoria, paz, amor entre outros. O espírito Santo é quem transforma, ensina e direciona.	Nós acreditamos que os valores religiosos contribuem muito para a formação das pessoas, pois Deus é quem nos dá sabedoria, paz, amor entre outros.

Entrevistado (a)	Item	ECH	IC
<p>Família 11</p>	<p>Acerca da educação religiosa; se existe vida religiosa familiar; os valores religiosos contribuem para uma boa formação.</p>	<p>Sim, somos católicos e acreditamos que instruir os filhos na vida religiosa desde pequenos, faz toda parte do amor demonstrado aos nossos filhos. Da herança de conceitos e valores que vamos passando adiante. Pois educar os filhos na vida religiosa é mostrar um pouco da nossa história e quando não fazemos isso deixamos de contar nossa história, nossos valores, nossas crenças. Com isso corremos o risco de eles nunca saberem de fato quem são e para onde vão. Respeitamos, mas reprovamos totalmente o dizer de pais e mães que dizem que vão deixar os filhos crescerem para que possam escolher sua religião. Isso não tem nada a ver com respeito à escolha do filho (a) é sim na verdade se omitir nesse processo de educação. É deixar de dar o melhor aos filhos cresçam sem uma orientação religiosa que pode fazer toda a diferença nas escolhas dos filhos.</p> <p>Em casa sempre fomos muito assíduo nesse cuidado. Todos os nossos filhos passaram por alguma fase de rebeldia em relação ao processo religioso e isso foi muito bom, pois nos deu oportunidade de sentar e conversar sobre as dúvidas que estavam surgindo naquele determinado momento.</p> <p>No momento o W., vive em outro Estado (MT) e segue sua vida pautada nos valores religiosos recebidos em casa. Participando das missas todos os finais de semana, atuando na vida pastoral e comunitária da comunidade local e aprendendo a ser um dizimista fiel. Isso para nós como pais é motivo de orgulho, pois está longe de casa, mas aprendeu o</p>	<p>Sim, e acreditamos que instruir os filhos na vida religiosa desde pequenos, faz toda parte do amor demonstrado aos nossos filhos. A qualidade familiar foi construída na vida comunitária, por meio de orientação bíblica e convivência com os irmãos de comunidade.</p>

		<p>valor de tudo isso e vai colocando em prática.</p> <p>Não temos dúvida que ficou muito mais fácil educar nossos filhos e inculcar bons valores em sua vida por meio da vida religiosa além de ampliar os horizontes no discernimento nas escolhas. Sem isso ficamos muito vulneráveis e corremos o risco que nossos filhos aceitem qualquer “lixo” que a vida possa lhe oferecer.</p> <p>Podemos dizer com certeza que sem a educação religiosa, seríamos um fracasso como pais. A qualidade familiar foi construída na vida comunitária, por meio de orientação bíblica e convivência com os irmãos de comunidade. Isso fez toda a diferença em nossa família. Só temos a agradecer por essa bênção.</p>	
--	--	--	--

Entrevistado (a)	Item	ECH	IC
Família 12	Acerca da educação religiosa; se existe vida religiosa familiar; os valores religiosos contribuem para uma boa formação.	Nossa religião é Católica Apostólica Romana. Nossos filhos foram educados de acordo com os princípios da época e na doutrina cristã. Acreditamos que os valores religiosos são indispensáveis para uma boa formação.	Acreditamos que os valores religiosos são indispensáveis para uma boa formação.
Família 13		Durante toda a infância nossos filhos passaram por todas as etapas da formação religiosa católica, justificando assim nossa crença nos benefícios que a religião teve em nossas vidas e de nossos filhos, sem nenhuma sombra de dúvida. Participamos, embora os filhos não tenham grande participação.	Acreditamos benefícios que a religião teve em nossas vidas e na de nossos filhos, sem nenhuma sombra de dúvida. Participamos, embora os filhos não tenham grande participação.

O nono item questiona sobre a educação religiosa; se existe vida religiosa familiar; se os valores religiosos contribuem para uma boa formação. Ao elaborar as categorias, percebe-se o seguinte:

- A. Acreditam que os valores religiosos são importantes, onze.
- B. Os valores religiosos ajudam, um.
- C. Não expressou, um.

Das treze famílias entrevistadas, onze acreditam que os valores religiosos são importantes, isto é, a maior parte. Uma família diz que ajuda, aparentando não ter muita convicção como as outras onze. Uma se demonstra indiferente, embora afirme ser iniciada numa determinada religião, não a vivencia e não transmitiu nada aos filhos, apesar de serem iniciados também.

Embora a maioria das famílias tenha convicção da importância dos valores religiosos na vida dos filhos, quando os pais foram abordados acerca da participação e atuação na religião à qual pertencem, constatam-se as seguintes categorias:

- A. Pais atuantes juntamente com os filhos, cinco.
- B. Pais que participam, mas sem a presença dos filhos, três.
- C. Pais e filhos que não tem vida religiosa ativa, três.
- D. Somente a mãe tem participação na vida religiosa, um.
- E. Filhos que participam sem a presença dos pais, um.

Como se vê, a maioria acredita na importância dos valores religiosos, todavia não tem a participação ativa. Independente do credo de cada família é unânime a consciência do Sagrado. Porém, o mundo secularizado não é tão incisivo no quesito religião. Tantas outras propostas e modelos são postulados que a religião passa a ser apenas mais um produto no mercado.

Pe.Zezinho (2007, p.192) diz que:

Um bom *marketing* é capaz de vestir o demônio de santo e pintar um santo como alguém diabólico. [...]. O mundo tem enorme capacidade de enganar: e isso inclui também profissionais da palavra: políticos, advogados e pregadores de religião. De repente, vencer uma causa, ganhar eleições, fazer mais um adepto, tudo isso parece mais importante do que anunciar a verdade.

Templos que “vendem” a salvação nem sempre geram o compromisso e a responsabilidade às famílias. Ao olhar as categorias acima elencadas, das treze famílias entrevistadas, sete (da parte dos filhos) não participam, isto é, cinquenta por cento mais um. À medida que o tempo avança, embora haja na consciência coletiva a noção de um ser sagrado, as gerações atuais, e certamente as vindouras, tornam-se cada vez mais indiferentes a esse fato.

Sem o objetivo de propor alguma religião ou conceito de fé, é evidente a convicção da existência de um ser sagrado, como já foi dito. Em torno de cada religião surgem leis, a ética, a moral. O importante é manter o respeito a cada opção religiosa por mais ousada que ela seja. Em alguns casos, o diálogo pode ser uma ferramenta impossível ou muito difícil. Em tempos plurais é necessário uma educação religiosa que valorize e respeite as demais, uma dimensão ecumênica serena e transparente.

4.1.8 Décimo item

Entrevistado (a)	Item	ECH	IC
Família 1	Soluções propostas pelos pais e/ou responsáveis para que os filhos enfrentem os problemas.	Apesar de eles serem pequenos ainda, sempre conversamos com eles. Conversamos sobre todos os assuntos, porém de acordo com o entendimento deles. Como pai, em relação aos meus filhos, não consigo manter o diálogo por muito tempo, a dificuldade no nosso relacionamento é meio complicado, eu acabo exigindo muito deles. Como mãe, meu relacionamento com eles é tranquilo e a gente se entende bem.	Conversamos sobre todos os assuntos, de acordo com o entendimento deles. Como pai, tenho dificuldade no relacionamento com os filhos. Como mãe, meu relacionamento com eles é tranquilo e a gente se entende bem.
Família 2		Para o pai, cada um tem uma realidade: o diálogo, a conversa, não passar a mão na cabeça, conversam quando ficam chateados. Mostram os problemas e tentam ajuda-los a resolver. Tentam mostrar que os erros podem levar a outros e os filhos reconhecem. Ser pai não é fácil, mas é gratificante. Pensamos em adotar um filho.	O diálogo, a conversa, não passar a mão na cabeça. Mostramos os problemas e tentamos ajudá-los a resolver. Tentam mostrar que os erros podem levar a outros e os filhos reconhecem.

Entrevistado (a)	Item	ECH	IC
Família 3	Soluções propostas pelos pais e/ou responsáveis para que os filhos enfrentem os problemas.	Sempre procura orientar pra não se envolver com pessoas que influenciam negativamente. Tentam orientar por meio do diálogo. Quando veem algo na tv que não corresponde com a realidade. A mãe diz que rasga o verbo, por exemplo, o tema da pedofilia. Tentam explicar tudo da melhor maneira quando necessário. O pai fala muito na entrevista, é muito falante. Mas reconhece que dentro de casa tem dificuldade para falar com os filhos (rs). "O mundo da gente é do tamanho da gente", diz o pai, pelo fato de não ter estudos crê que lhe faltam as palavras.	Orientar pra não se envolver com pessoas que influenciam negativamente. Diálogo. Explicar tudo da melhor maneira quando necessário.
Família 4		Que sempre tenham a liberdade de se abrir com os pais, a partilha ainda é o melhor remédio. Ainda temos um pouco de dificuldade de falar sobre determinados assuntos, como sexo. Como avó cobro mais dos meus netos e com os filhos não era diferente não. Certos assuntos que deixamos para o pai deles conversar com eles.	A partilha ainda é o melhor remédio. Ainda temos um pouco de dificuldade de falar sobre determinados assuntos, principalmente o sexo.

Entrevistado (a)	Item	ECH	IC
Família 5	Soluções propostas pelos pais e/ou responsáveis para que os filhos enfrentem os problemas.	<p>Castigo: não podiam sair de casa quando faziam coisa errada. O diálogo que sempre foi mais disponível neste aspecto. Até hoje, eles ainda mantem este desejo. Para M. educar bem os filhos é os filhos seguirem aquilo que os pais ensinam; educar bem é saber respeitar a todos...</p> <p>Tudo o que estava ao alcance fizeram. “Agradeço sempre a Deus por tê-los colocados no meu caminho. Fazem o que podem por nós”. Nunca fiz diferença dos meus filhos com os de A. Se comprava algo para um, sempre comprava para os outros.</p> <p>O filho de M., que fazia 17 anos que não via, A. procurou e o encontrou. E estão mantendo contato, com muita vontade se verem pessoalmente, pois os valores que foram apresentados a ele, ele compreendeu. O pai do primeiro filho do casamento de M. morreu quando ele tinha 15 anos. M. o viu com sete anos, depois com 15 anos, por ocasião da morte do 1º marido. E agora o reencontra.</p>	<p>Castigo. O diálogo que sempre foi mais disponível neste aspecto. Educar bem os filhos é os filhos seguirem aquilo que os pais ensinam; educar bem é saber respeitar a todos...</p>

Entrevistado (a)	Item	ECH	IC
Família 6	Soluções propostas pelos pais e/ou responsáveis para que os filhos enfrentem os problemas.	Mais diálogo e participar mais da vida dos filhos. Nós mantemos o diálogo em casa, inclusive entre nós dois. Em relação à L., sempre que percebo algum problema procuro descobrir o que é e interiro sim, tentando resolver. Converso com ela sobre todos os assuntos, principalmente o que envolve a adolescência dela. Eu cobro mais, pelo fato de ser a mãe, já meu marido não cobra muito.	Mais diálogo e participar mais da vida dos filhos. Sempre que percebo algum problema procuro descobrir o que é e interiro sim, tentando resolver.
Família 7		Não soube responder, mas disse que sexo é um assunto que ela nunca tratou com os filhos, não tem essa liberdade, acha que se falar sobre isso vai influenciá-los.	Não soube responder.

Entrevistado (a)	Item	ECH	IC
Família 8	Soluções propostas pelos pais e/ou responsáveis para que os filhos enfrentem os problemas.	<p>Com V. temos mais diálogo, apesar das dificuldades que já passamos com ela. Havia muito ciúmes da futura sogra de V. e ela ficava muito perturbada com isso. V. não gosta de ser chamada de adotiva. Sente muito ciúme dos outros filhos assim como os demais também tem ciúmes dela. Sempre dizia a V. que o verdadeiro amigo é Deus, diz a mãe, junto com Nossa Senhora. Ensinava a não pegar bala de desconhecido, não andar em má companhia. Tentava comprar tudo o que era necessário para a educação dela. F. chegou a bater em V. por causa de namorado, até a bater a cabeça dela contra a parede, mas em tempos passados. Tudo o que deixaram de fazer aos outros filhos de bom, tentaram fazer por V. Para a mãe, o que mais marcou foi: as filhas terem se perdido muito nova devido à falta de uma boa educação. Vivem a torto e a direito... Marcou muito foi o filho preso, pois teve de abandonar tudo, foi a cena mais terrível, pois podia ter ajudado mais.</p>	Com V. temos mais diálogo, apesar das dificuldades que já passamos com ela.

Entrevistado (a)	Item	ECH	IC
Família 9	Soluções propostas pelos pais e/ou responsáveis para que os filhos enfrentem os problemas.	Converso, dialogo muito com eles. Eles precisam aprender... o que eu passei eu não quero que eles passem. Eles têm que ter os dois pés no chão. Se eles querem estudar eu incentivo. Eu só fiz o ensino médio... Mas quero que eles tenham estudo... O Gi. quer ser peão (rs). É preciso dar valor ao estudo... Eles falam muito de morar comigo. Se fosse por optar, eles ficariam comigo: eles dizem que vão comprar uma casa pra mãe, pra todos morarem juntos. O Gu. não liga para os meus relacionamentos, mas o Gi. sente muito ciúme... quando começo a namorar, o Gi. se afasta de mim... e tento explicar que preciso ter minha vida, assim como o pai dele teve a dele.	Converso, dialogo muito com eles. Eles precisam aprender... o que eu passei eu não quero que eles passem. Eles têm que ter os dois pés no chão.
Família 10		Propomos o diálogo entre pais e filhos. Quando percebemos algum problema na vida delas nós interferimos de modo a orientar e auxiliá-las. Falamos sobre vários assuntos, conforme a faixa etária delas nos permite falar. Acredito que ambos cobramos, mas estamos sempre dispostos a ouvi-las e ensiná-las o caminho correto a ser seguido, pois temos conhecimento que a família é o alicerce da sociedade. E que é sagrada por Deus. Os laços familiares devem sempre serem fortalecidos. "Beijai o filho, para que não ire e pereçais no caminho".	Propomos o diálogo entre pais e filhos. Interferimos de modo a orientar e auxiliá-las enquanto a solução desse problema. Falamos sobre vários assuntos. Sempre dispostos a ouvi-las e ensiná-las o caminho correto a ser seguido, pois temos conhecimento que a família é o alicerce da Sociedade.

Entrevistado (a)	Item	ECH	IC
Família 11	Soluções propostas pelos pais e/ou responsáveis para que os filhos enfrentem os problemas.	<p>Acreditamos que a solução está no afeto. Numa relação que nos leve ao compromisso com o outro, tanto nos bons como nos maus momentos. Em casa, o diálogo é sempre muito presente. Procuramos estar sempre atentos à vida cotidiana, nas mudanças de comportamento e atitudes, para interferir no momento necessário. Vemos que as restrições aconteciam na primeira infância, pré-adolescência, quando percebíamos que ainda não estava na hora de aguçar uma curiosidade, mas sempre buscamos tirar dos nossos filhos o máximo que eles já sabiam sobre aquele assunto, para discernir até onde deveríamos ir com a conversa. No mais procuramos falar sobre tudo e quando não sabemos sobre um assunto, buscamos informações por meios de livros, internet e profissionais na área. Por um período houve certa restrição em falar sobre vida e morte, mas com ajuda de profissional, conseguimos quebrar essa barreira e com a abertura de dialogar sempre, vemos que hoje não existem restrições entre nós. A cobrança em nossa família acontece com muito mais frequência na relação materna. Vemos como um fato muito positivo na educação de nossos filhos, é que sempre nos organizamos e arrumamos tempo para brincar com eles e isso nos aproximou muito, abrindo as portas para um bom diálogo e para a confiança mútua, facilitando a relação do diálogo e o entendimento.</p>	<p>Acreditamos que a solução está no afeto. Numa relação que nos leve ao compromisso com o outro. O diálogo. Interferimos no momento necessário. Procuramos falar sobre tudo. Não existem restrições entre nós. sempre nos organizamos e arrumamos tempo para brincar com eles e isso nos aproximou muito, abrindo as portas para um bom diálogo e para a confiança mútua, facilitando a relação do diálogo e o entendimento.</p>

Entrevistado (a)	Item	ECH	IC
Família 12		Na nossa vivência de pais sempre dialogamos para resolver dificuldades e problemas sobre qualquer assunto. Sempre houve um equilíbrio na questão de cobranças.	Dialogamos. Equilíbrio na questão de cobranças.
Família 13	Soluções propostas pelos pais e/ou responsáveis para que os filhos enfrentem os problemas.	Dialogamos sim, sempre que nos encontramos. Às vezes esses diálogos não resultam em conversas tão simples, pois conflitos de geração é realidade concreta entre pais diferentes e filhos com valores diversos (apesar de terem recebido a mesma formação, às vezes a percepção dos filhos em nossas fraquezas e falhas os torna um tanto descrentes com relação ao nosso discurso). Conversamos sobre tudo, e há restrição somente sobre as dificuldades e problemas entre eu e a mãe. Creio eu que cobro muito mais que a mãe.	Dialogamos sim, sempre que nos encontramos. Conversamos sobre tudo, e há restrição somente sobre as dificuldades e problemas entre eu e a mãe. Creio eu que cobro muito mais que a mãe.

O décimo item proposto aos pais aborda sobre as soluções propostas por eles e/ou responsáveis para que os filhos enfrentem os problemas. Num tempo em que as informações são velozes e os jovens são cada vez mais informados sobre tudo o que os cercam, nem sempre os pais conseguem dialogar ou acompanhar o avanço das informações e da tecnologia que os filhos, com naturalidade, já absorvem no cotidiano. Entretanto, pais, mães ou responsáveis, ainda são referenciais na vida dos que são educados.

A partir deste item, podem-se elaborar as seguintes categorias:

- A. Conversa, diálogo ou partilha, doze.
- B. Interferem na vida dos filhos para auxiliá-los na resolução dos problemas, dois.
- C. Interferem na vida dos filhos para (os pais) resolverem seus problemas, um.
- D. Não “passar a mão na cabeça”, um.
- E. Orientação quanto às amizades que podem ser negativas, um.

- F. Dificuldade em falar sobre determinados assuntos, um.
- G. Afeto, um.
- H. Dificuldade entre os pais, por conta da separação, para ajudar os filhos a encararem os problemas, um.
- I. Não soube responder, um.

É quase unânime entre os entrevistados, o diálogo como proposta na resolução dos problemas. Apenas uma família não soube apontar meios para ajudar os filhos frente às dificuldades.

Campos (2008, p.145) afirma que:

...o diálogo é um espaço epistemológico entre dois interlocutores, e, além disso, eminentemente terapêutico, pois é abertura da inteligência que transforma a palavra impositiva em propositiva: os interlocutores se concedem igual benefício de racionalidade, evitam o hermetismo e a auto-suficiência (sic) da própria argumentação.

Talvez a própria família não tenha a noção da grandeza que é um diálogo, o qual pode solucionar, ajudar, orientar todos os membros, principalmente a educação dos filhos. Embora haja a dimensão terapêutica e de troca de conhecimentos e informações, Campos (2008, p.135) alerta para o cuidado com o diálogo tanto na família quanto na escola:

Como as palavras deslizam entre os assuntos humanos, temos que tomar cuidado, porque frequentemente nos induzem a erro sobre nossas vivências, deformando os dados da consciência. Nossos sentimentos se descolorem quando os expressamos em palavras; também a utilidade e a ação nos arrastam para uma linguagem impessoal. [...].O perigo que paira sobre toda tentativa de comunicação, tanto na família como na aula, se estriba na tendência que temos para generalizar ou julgar rapidamente as afirmações dos outros, sobretudo em situações que envolvem um compromisso emocional.

Dialogar é uma arte!

As demais categorias, embora isoladas, são outros artifícios que os pais apresentaram para ajudar seus filhos. A interferência de duas famílias na vida dos filhos de modo a auxiliá-los na resolução dos problemas aparenta uma atitude madura. Diferente de um casal de pais que interfere na vida dos filhos para poder resolverem o problema deles.

Feijó (2010) menciona um pesquisador chamado John Bowlby, que desenvolveu um trabalho chamado de Teoria do Apego. O afeto, o carinho, o amor, são atitudes de sensibilidade que ajudam no processo educativo.

Por conta disso, Feijó (2010, p. 126) afirma que:

...a Teoria do Apego comprova a importância do afeto na formação das crianças, até mesmo no seu desenvolvimento intelectual. O toque, o abraço, o olhar de compreensão são comportamentos afetivos que muito acrescentam à qualidade da formação e da educação e, por consequência, das relações pais-filhos.

Um casal de pais aponta o afeto como algo importante. Afeto denota cuidado, carinho e principalmente amor. Os pais que estão ao lado dos filhos podem transmitir confiança e com isso terem a abertura dos filhos quando necessitarem de um conselho, um apoio e até ajuda a resolver os problemas que podem surgir ao longo da vida.

Feijó (2010, p.127-128) lembra ainda que:

A importância do afeto é tamanha, que sua falta pode originar graves doenças, como por exemplo, o hospitalismo, patologia muito grave que consiste no estado de sintoma autista de crianças que perderam a mãe ou que foram abandonadas. [...]. Ser o “porto seguro” do filho é uma conquista e não uma imposição. É resultado da constante prática de oferta de amor. E amor é um sentimento em cujo contexto são indispensáveis o afeto, o respeito, o apoio, a doação, a atenção, a confiança, a cumplicidade, a disponibilidade, entre outros.

Pode ser que a falta de afeto, amor e tantas outras virtudes humanas, muitas vezes difíceis de serem expressas entre pais e filhos, que geram os mal-estares e a dificuldade na comunicação para uma educação com qualidade. Afeto, amor, diálogo, não deveriam ser ações somente vivenciadas em determinadas famílias, mas sua extensão pode chegar à escola, no relacionamento dos professores, alunos e direção; ao trabalho, à rua ou aos ambientes onde crianças, adolescentes e jovens convivem e dialogam. Sem dúvida, tais atitudes levariam a um novo *modus vivendi* que resultaria sempre e cada vez mais na busca por uma educação plena.

Entre outras dimensões, o respeito também é um fator determinante à boa formação e educação dos filhos. É imprescindível o respeito entre os esposos para que estes saibam transmitir aos filhos. Ademais, a própria rotina familiar

pautada pelo respeito, provavelmente levará todos os seus membros a viverem em harmonia. Tiba (2002, p.54-55) diz que:

Respeitar os filhos significa:

- dar espaço para que tenham seus próprios sentimentos, sem por isso ser julgados, ajudando a expressá-los de maneira socialmente aceitável. [...].
- aceitá-los como são, mesmo que não correspondam às expectativas dos pais. Precisam ter os próprios sonhos, pois não nasceram para realizar os dos pais.
- não os julgar por suas atitudes. Crianças erram muito, pois é assim que aprendem. Mãe e pai podem e devem julgar as atitudes, mas não os filhos.

Importante também, que a reciprocidade seja tal, pois ao perceber o respeito dos pais para com os filhos, estes possam retribuir igualmente, ao longo de toda a vida familiar e existencial. Dessa maneira, o diálogo que foi tão apontado pelos pais, será muito mais valorizado e as boas orientações, assim como as correções serão aceitas e vivenciadas com mais largueza.

O site: Escola de Pais (2011) fala da sua missão que é: “Ajudar pais, futuros pais e agentes educadores a formar verdadeiros cidadãos.” É uma tentativa de proporcionar um enriquecimento e amadurecimento no que diz respeito ao educar. O histórico da Escola de Pais mostra que no:

[...] início da década de 60 achavam-se os pais agoniados e sem perspectivas quanto a (sic) educação dos filhos. Também preocupados com essa problemática, um grupo de religiosos da Igreja Católica, juntamente com inúmeros casais leigos, reuniu-se com a finalidade de estruturar um movimento que pudesse ajudar os pais na difícil tarefa de educar os filhos. Em 16 de outubro de 1963, partindo de um modelo existente na França, nascia a Escola de Pais do Brasil. Seus fundadores, embora católicos não subordinaram o movimento à sua Igreja e o tornaram aberto a todos os casais, independente da raça, condição social, credo religioso ou político. A Escola de Pais é uma instituição particular, voluntária e gratuita, que está aberta a todos os interessados na educação e orientação de jovens e crianças. Tornou-se uma instituição a serviço da família. A Escola de Pais do Brasil (E.P.B.) é um movimento particular, voluntário, gratuito, que está aberto a pais e educadores de qualquer raça, condição social, credo político, religioso ou nível intelectual. Aos poucos a Escola de Pais foi se expandindo, pelo interior do Estado de São Paulo e, ao mesmo tempo, por quase todo o território nacional. Somos hoje 100 Seccionais funcionando dentro do mesmo padrão. É filiada à Fédération Internationale Pour L'Education des Parents, com sede em Paris e é participante da Federação Latino Americana de Escolas de Pais. (ESCOLA... 2011).

Com este histórico é perceptível uma preocupação e ao mesmo tempo a necessidade de educar bem, não só na dimensão intelectual, mas também na

perspectiva humana e seus valores fundamentais. Os objetivos da Escola de pais são bem concretos:

[...] reforço à família, conscientização da paternidade responsável; preparação para um mundo em constante mudança; transmissão de conhecimentos básicos de psicologia e pedagogia e de técnicas educativas que favoreçam a reformulação de conceitos e a convivência entre pais e filhos.

Na busca desses objetivos, verifica-se uma constante atualização que leva à necessidade de uma educação permanente, essencial nos dias atuais: desenvolve o sentido de colaboração, de solidariedade e responsabilidade com a comunidade, estabelecendo-se uma convivência fraterna entre seus participantes. O objetivo maior é o desenvolvimento do ser humano, em sua caminhada para o outro e a busca do Transcendente. (ESCOLA... 2011)

É corrente ouvir dizer que a vida é uma escola. Não é possível passar pela vida sem aprender e o aprendizado se faz não só de forma acadêmica, mas também de modo vivencial, por meio dos exemplos, atitudes e gestos. Pais, filhos e mestres dispostos a aprender com a vida e vivê-la com convicção dos bons princípios e valores humanos, certamente as pessoas valorizarão cada vez mais a vida e o que ela ensina.

Como a vida é um aprendizado contínuo nada melhor do que reconhecer a necessidade de aperfeiçoar os conhecimentos e as formas de educar em meio a tantas adversidades e situações difíceis que são encontradas a cada dia. A Escola de Pais presta um auxílio àqueles que querem aprimorar e melhorar a dinâmica contínua da vida em educar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerar o tempo presente, a família, a escola e a educação que perpassa todas estas categorias, percebe-se, ao longo do presente trabalho, a grandeza e a complexidade, assim como a necessidade de refletir e aprofundar o tema pesquisado, sem a arrogância de buscar soluções para as dificuldades e problemas apresentados e questionados. Quiçá, uma urgente tomada de consciência para que as mudanças na busca pela melhora, e porque não, pela excelência, desde as bases, seja realmente uma preocupação de todos.

Edgar Morin (1997) reflete sobre o conceito de complexidade. Não há dúvida de que a educação, assim como as estruturas familiares e as definições do tempo presente são altamente complexas e difíceis de serem catalogadas. Morin (1997, p. 38) diz que:

Complexus significa o que foi tecido junto; de fato, há complexidade quando elementos diferentes são inseparáveis constitutivos do todo (como o econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico), e há um tecido interdependente, interativo e inter-retroativo (sic) entre o objeto de conhecimento e seu contexto, as partes e o todo, o todo e as partes, as partes entre si. Por isso, a complexidade é a união entre a unidade e a multiplicidade.

A partir da contribuição de Morin, temos em pauta a família, a educação e o tempo presente. Todas essas categorias estão de tal modo entrelaçadas e não há como separá-las. Realmente, a complexidade perpassa o estudo em questão. Dessa maneira, torna-se um grande desafio definir conclusões acerca do tempo atual, da educação e da família.

Lima (2010) lembra o que o filósofo grego Heráclito dizia: “*pánta rei*”, que em grego queria dizer tudo flui. Para ele, as coisas da realidade estão fluindo como as águas de um rio”. Atualmente tudo muda numa velocidade estrondosa. É quase impossível acompanhar as novidades, os conceitos atuais, a tecnologia, os valores postulados pelo ser humano, a forma de educar. A cada dia surgem novas teorias e novas descobertas. O pensamento de outrora não se encaixa mais na atualidade. De fato, tudo muda o tempo todo.

Ao definir a realidade contemporânea, nos deparamos com uma avalanche de teorias e significados acerca do que é moderno e pós-moderno. Definir

a pós-modernidade significa superar a modernidade. A este aspecto, Giddens (1991) lembra que a pós-modernidade não corresponde com o seu significado, pois na verdade, sofremos as consequências da modernidade, que ainda é atual. Consequências que não conseguimos superar ou vivenciar em plenitude. Embora Bauman (2007) nos remeta à liquidez, a descontinuidade atual, é importante fixarmo-nos no que há de bom agora e procurar colocar em prática.

Afirmar que existe solução para determinados problemas e eventos é arriscado, pois o ser humano cria e descreve continuamente. Os relacionamentos, que também se liquefazem por meio da cultura consumista e passageira, são afetados desde as concepções familiares até aos grupos sociais que nos envolvemos mais. A era virtual permite-nos relacionamentos, trocas, compras, informações, sem contato humano. Não é possível isolar o ser humano ou, até melhor, a família, ponto forte neste trabalho, para que não viva o agora.

A fragilidade dos laços familiares, somados aos mais novos conceitos de ser e ter, gera grandes problemas e dificuldades. Não há intenção de apontar e definir o ideal familiar como algo absoluto. São tantas concepções, desde as mais clássicas às mais irreverentes, que não há como definir o ideal. Embora, como se viu as religiões apresentadas trabalhem com ideais familiares, infelizmente eles não correspondem mais com os dias atuais.

Algo que atinge as famílias é o fator violência. Não é raro ver os noticiários transmitirem problemas relacionados à violência, relatando até mesmo casos de homicídios. Nessa perspectiva, pais matam filhos, esposas ou outros parentes; filhos matam pais, irmãos, amigos. Com isso, a instituição família fica totalmente em descrédito. Os meios de comunicação, sobretudo as novelas, mostram um modelo de família que não corresponde com o senso comum, mas influencia de certa maneira: brigas, adultérios, rivalidades familiares.

Um fato que marcou a sociedade brasileira em 2002 foi a jovem Suzane von Richthofen que facilitou a morte dos pais. Na Folha Online, podemos constatar a trágica notícia:

Suzane von Richthofen, 22, ré confessa do assassinato dos pais --Manfred e Marísia von Richthofen--, voltou a ser presa em 10 de abril em São Paulo. O crime ocorreu na casa da família, no Brooklin (zona sul de São Paulo), em outubro de 2002. Além de Suzane, também confessaram o crime os irmãos Cristian e Daniel Cravinhos --namorado de Suzane na época do crime. (ENTENDA... 2008)

Não cabe entrar nos detalhes do assassinato nem o seu desfecho. Entretanto, podemos perceber como descreve a médica Silva (2008, p.112), que “uma jovem rica, bonita, universitária, de classe média alta, arquitetou e facilitou a morte de seus próprios pais. [...]. Motivo do crime (se é que existe algum)? Os pais não concordavam com o namoro.” Uma família destruída. O casal, pais da filha assassina, tinha mais um filho. A jovem tinha uma vida promissora, pela sua condição social e também familiar, simplesmente opta pelo extermínio de seus pais por um motivo quase que irrelevante.

Uma família constituída nos padrões sociais normais se destrói pela violência da filha. É lamentável chegar ao extremo limite da vida de maneira cruel e fria.

Outro exemplo de violência familiar que chocou o país foi a morte da pequena Isabella Oliveira Nardoni no dia 29 de março de 2008. A conclusão do processo constatou que o pai, Alexandre Alves Nardoni, e sua companheira, Anna Carolina Jatobá

...teriam praticado crime de homicídio triplamente qualificado pelo meio cruel (asfixia mecânica e sofrimento intenso), utilização de recurso que impossibilitou a defesa da ofendida (surpresa na esganadura e lançamento inconsciente pela janela) e com o objetivo de ocultar crime anteriormente cometido (esganadura e ferimentos praticados anteriormente contra a mesma vítima) contra a menina ISABELLA OLIVEIRA NARDONI. (CASAL... 2010)

Nesse caso, Alexandre foi casado anteriormente e teve Isabella. Separando-se, casou com Ana Carolina. Pai e madrasta são acusados da morte de Isabella que estava com eles nessa ocasião. Esse contexto familiar, da segunda união do pai de Isabella, mostra também outro tipo de estrutura familiar que também chegou ao limite da violência e da crueldade.

Se no caso anterior a filha é acusada de planejar e executar a morte dos pais, neste é o pai, junto com a madrasta que levam à morte a filha.

Ao acompanhar os noticiários, torna-se evidente a quantidade infindável de violência no ambiente familiar. A frase já tão desgastada “violência gera violência” parece já não fazer mais efeito. A sociedade parece anestesiada e conformada com a barbárie diária que é noticiada. A violência atinge todos os níveis sociais e não há dúvidas de seu reflexo na educação de forma altamente negativa.

Dom Orlando Brandes (16/12/2011, p.2) diz que “a violência existe não só por falta de pão e de justiça, mas também, por falta de amor, afeto, ternura. A família bem estruturada que vive o amor, tem o poder de enfraquecer a violência.” Dessa maneira é importante zelar e preservar os valores que são essências a uma boa convivência familiar e humana.

O educador Feijó (2006, p.17) elenca os vários erros que acontecem na vida familiar, entre eles o fator da violência ou agressão, assim justificados:

O motivo é o mesmo: descontrole psicoemocional situacional, ou patologias mais sérias, como algumas psicoses ou transtornos de personalidade e, até mesmo, por mais estranho que possa parecer, por motivo cultural. Há registros de agressão doméstica assim justificada: “Quando eu era criança, meu pai me batia quase todos os dias” (sugerindo que, agora pai, ele também pode bater nos filhos). Na realidade, não importa o motivo, a constatação é que essa forma de agressão existe em todas as classes sociais e em diversas culturas no mundo todo.

Feijó (2006) ainda faz menção a práticas inaceitáveis à sociedade como a vitimação infantil, a prática de abuso sexual do pai para com a criança, a coerção dos pais sobre os filhos por meio de surras e espancamentos. Além da violência física, a dimensão psicológica também é altamente abalada.

Em tempos atuais, até mesmo a invasão de privacidade pode ser considerada uma violência à intimidade dos filhos:

Alguns pais agridem o filho jovem quando fazem o papel de investigadores, ouvindo conversas ao telefone ou tentando acessar a caixa de e-mail do filho quando ele está ausente. A sensação do jovem é de ter sua individualidade ou intimidade violada, e as reações decorrentes são muito parecidas com as da coerção. Por mais que essa forma de agressão subjetiva tenha intenções preventivas e vise à proteção dos filhos, estes interpretam sempre da mesma forma: “*Meus pais me odeiam*”. (FEIJÓ, 2006, p.24)

Faz-se mister buscar o equilíbrio e o bom senso, os pais conquistando a confiança dos filhos e os filhos a confiança dos pais. Até mesmo a indiferença pode causar danos no relacionamento familiar e no que diz respeito à educação. Dependendo, agressões que não são físicas podem causar mais problemas futuros aos filhos do que a violência física.

A doutora em educação Scriptori (2007, p.171) fundamenta:

A atitude dos pais, suas práticas educativas, a atmosfera sócio-afetiva (sic) vivenciada no ambiente doméstico são aspectos que interferem diretamente no desenvolvimento individual, revelando-se no comportamento social da criança. Claro que essa influência familiar não é algo inalterável, que age com poder absoluto sobre a constituição do sujeito, mas sabemos que as raízes estão aí plantadas. [...]. ...os pais fortemente autoritários tendem a demonstrar mais o controle que o carinho por seus filhos. Estes estabelecem normas absolutas de comportamento, as quais não podem ser questionadas nem negociadas pelas crianças. Esse tipo de pais se decide por uma disciplina rígida e exige uma obediência imediata. Utilizam modos mais agressivos na resolução de conflitos e exibem menos comportamentos carinhosos na interação com seus filhos.

Diante dos avanços e progressos atuais é comum ouvir que a concepção do tempo está cada vez mais acelerada. Não há tempo para fazer tantas coisas que são programadas para um único dia. As vinte e quatro horas diárias não são mais suficientes: trabalho, escola, cursos, baladas, cultura, trânsito, televisão, leitura, especializações, reuniões, prática religiosa, passeios, internet, inglês, natação, judô, pilates, musculação, namoro, amizade, família... São tantos afazeres e tantas oportunidades que a percepção temporal é rápida demais para muitos compromissos. O tempo não pára e o mundo também não.

Nessa dimensão, falta tempo suficiente ou mínimo aos pais ou responsáveis para cuidar, dar carinho, dialogar, fazer junto as refeições e até mesmo para educar seus filhos. Pela necessidade de trabalhar do pai e também da mãe para corresponder às exigências da vida moderna, como o consumismo exagerado, por exemplo, principalmente no que se refere aos desejos dos filhos, o “dar” para “ter” é substituído pela falta de transmissão de valores essenciais. Ser pessoa, ser família, ser pai e mãe, ser filho, ser educado e educar, ser honesto, ser correto... Valores e hábitos que não se compram nas lojas, mas se constroem no dia-a-dia. Num período em que as pessoas valem pelo que têm, construção de valores é uma tarefa árdua.

Não adianta delegar, terceirizar, pagar para educar ou colocar na escola mais conceituada, ou deixar que o mundo eduque ou cuide das crianças, filhos, adolescentes e jovens. É difícil encontrar os culpados pelos óbices atuais: governo, sociedade, cidadãos, pais, professores, alunos, filhos, sistema econômico, meios de comunicação. A educação se faz com presença, com tempo e diálogo.

Daí, a necessidade de se pensar a educação dos filhos num conjunto harmonioso, envolvendo pais, escola, sociedade. Como percebemos pelas

entrevistas feitas, a participação dos pais não é total. Menos da metade dos pais entrevistados tem participação ativa na vida escolar dos filhos.

Scriptori (2007, p.172) lembra que:

...para minimizar a distância que separava (ainda separa?) Família-Escola, historicamente, a ação mais imediata da escola foi a de trazer a família para dentro de seus muros, realizando com os pais reuniões que, supostamente, deveriam integrá-los à educação de seus filhos. Contudo, a escola não se preparou como deveria para receber os pais e, muitas vezes, atraindo-os para o ambiente escolar pode fazer com que sintam incomodados, principalmente quando têm que se assentar em cadeiras pequenas, desconfortáveis, para apenas escutar relatos sobre a conduta e o trabalho de seus filhos.

Não é tarefa fácil conscientizar pais ou responsáveis para um relacionamento com a escola bastante fecundo. Os pais saberem das conquistas, sucessos e avanços que seus filhos/alunos fazem, é importante para que se sintam motivados a aperfeiçoar, melhorar e produzir mais. Não só o relato ou a partilha do mau comportamento ou a exposição dos filhos/alunos quando não correspondem aos anseios e métodos da escola, assim como dos vários tipos de comportamentos, os quais já procedem de uma base familiar bastante formada. Entretanto, é um trabalho lento, pois nem todos os pais têm consciência dessa relação para melhorar a educação de seus filhos.

A epígrafe do presente trabalho lembra uma circunstância familiar de outrora, destacando as prosas e o diálogo familiar que existiam. Atualmente, dialogar é uma ação não muito praticada. A televisão, a internet, os meios de comunicação falam mais alto e nem sempre permitem uma réplica. Mas, a reprodução do que é transmitido de valores e contra valores parece ser uma atitude absolutamente normal e tranquila para os filhos da geração atual.

Pais, mães, responsáveis, professores, mestres, escola deveriam primar pelo diálogo, o qual gera conhecimento, troca, reciprocidade, educação. Quando a escola se torna um prolongamento da família, quem ganha é o filho.

Para tanto, cada família precisa repensar a sua forma de conduzir e educar os filhos para que também, ao sair de casa, possam ir à escola e continuarem a ser educados e preparados para os desafios que a vida propõe. Além da consciência familiar, o preparo dos professores e da escola em acolher filhos e pais deve ser um objetivo a ser alcançado.

A interação família escola pode ser bem mais trabalhada. O investimento na dimensão dialogal e fraterna é essencial. É preciso percorrer um longo caminho. As mudanças continuam cada vez mais intensas e a tendência é mudar cada vez mais. Por isso, é difícil postular receitas ou métodos eficientes, pois modelos educacionais existem aos milhares. Mas, cada ser humano é único e cada indivíduo precisa aprender a respeitar e a entender o que cada um traz em si. Não há dúvidas de que é difícil conviver com a pluralidade, mas cada vez mais precisamos nos orientar a esta dimensão.

Existe, porém pouco divulgada, a Escola de Pais, como foi mencionada anteriormente. Às vezes se pensa apenas na educação dos filhos. Entretanto a responsabilidade de educar, como já se observou é muito grande, e os pais são os primeiros educadores de seus filhos. Diante disso, uma dica ao finalizar este trabalho, é recuperar a proposta da Escola de Pais para que seja amplamente aproveitada pelos que geram a vida e querem que seus filhos e filhas sejam educados de forma a compreender e viver os valores humanos com dignidade.

Percebe-se pelas entrevistas, que a dimensão religiosa é importante às famílias, já que todas manifestaram, ainda que não pratiquem ou participem de alguma religião. O desenvolvimento humano e a busca pelo Transcendente, como acentua a Escola de Pais, demonstra também a preocupação em relação aos valores e conceitos do sagrado. O fator religioso, quando bem usado, pode ser uma fonte inesgotável de riqueza e amadurecimento para toda uma família.

Portanto, uma educação de qualidade nos dias atuais, com tantos conceitos, informações e mudanças, principalmente no que diz respeito aos conceitos familiares, será possível à medida que a consciência da maioria das pessoas perceberem que todo ser humano carece de um lar e uma família que o auxilie a viver e a compreender o mundo que o cerca. O caminho a percorrer é árduo, mas somente caminhando, caindo e reerguendo-se dos tombos, isto é, encarando e resolvendo as dificuldades e os problemas, é que chegaremos a um mundo mais humanizado e fraterno.

Ao constituir uma família, homem e mulher precisam ter a noção de paternidade e maternidade responsáveis. Como falta em muitos casos o planejamento e a organização familiar de maneira melhor pensada, nem sempre a criança ou os filhos vêm a um ambiente capaz de acolhê-los com tudo o que eles necessitam, não apenas materialmente, mas também humanamente.

A responsabilidade de ser mãe ou pai moderno, sobretudo nas chamadas “produções independentes”, ou no abandono familiar seja por parte da mãe ou do pai, um ou outro devem estar cientes de seus compromissos e responsabilidade no tocante à educação dos filhos.

Não é raro encontrar crianças que são entregues aos cuidados de avós ou outras pessoas. As marcas ou os problemas podem ser grandes, caso não haja uma verdadeira atenção e um compromisso responsável. Ambientes onde os filhos convivem com a presença dos pais e dos avós paternos ou maternos, não é difícil surgir divergências de pensamentos e atitudes, os quais geram conflitos entre todos. Nesse caso, quem perde são os filhos, ao verem as ideias e ações que se contradizem no cotidiano.

No tempo hodierno, em que pai e mãe, ou responsáveis, necessitam trabalhar, pode surgir o desejo de compensar a ausência por meio de presentes ou concessões não muito comuns. O tempo é precioso. Por isso, a conquista e a confiança entre pais e filhos precisam ser adquiridas por meio da “perda de tempo” com eles:

- brincar com os filhos;
- construir brinquedos ao invés de somente comprar, mostrando e vivendo a necessidade de consumir;
- dialogar ou conversar muito, num tempo em que há muita comunicação, mas pouca troca de experiências; contar histórias, principalmente as familiares; dizer como era vida no seu tempo, as dificuldades, os conflitos, as necessidades, as lutas, as conquistas, as brincadeiras, os entendimentos. Muitos pais têm a tentação de delegar tudo isso à escola ou a outras instituições ou ambientes. Exige tempo e disposição, mas pode tornar-se um hábito saudável e prazeroso na convivência familiar;
- por que não deixar de lado alguns afazeres supérfluos ou tantas ocupações sociais para estar presente na vida dos filhos;
- sentar-se ao chão, mantendo o lado pueril e lúdico, tornando-se próximo e presente de modo ativo na vida familiar e no cuidado aos filhos;
- uma simples brincadeira, assistir a um filme, fazer junto algumas refeições para partilhar e conviver mais;

- ajudar os filhos a aprenderem estudar, ainda que não saiba totalmente o conteúdo que o filho estuda. Neste momento, o incentivo e a presença podem ajudar e estimular os estudos;
- estar por perto e se dispor a ajudar ou a corrigir, levando os filhos a compreenderem que a correção, o polimento das arestas devem ser feitos;
- elogiar é sempre bom, estimula, edifica; criticar também, quando for preciso, desde que haja carinho, respeito e propostas para melhorar;
- quando os filhos são pequenos, um desenho, uma explicação simples pode ajudá-los a compreender e a orientar acerca do que é certo ou errado, o que pode e o que não pode, sempre fundamentando e os convencendo com argumentos concretos. É bom lembrar que a cada instante se intensificam mais as informações, o conhecimento, aos quais os filhos podem ter muito mais acesso do que os pais;
- a importância do respeito mútuo: pais são pais, apesar de todas as contrariedades, os filhos precisam sentir e perceber a autoridade que eles representam em suas vidas. Amizade é outra categoria, que os filhos conquistarão ao longo da vida, e gera outro vínculo que também faz parte da existência humana. Quanto aos amigos, os pais devem saber quem são e como agem, pois são os primeiros responsáveis pelos filhos;
- a responsabilidade em transmitir valores humanos, morais, éticos e, aos que acreditam, a religião;
- ensinar as palavras mágicas básicas da educação familiar: por favor, me perdoe, me desculpe, posso?, foi sem querer, obrigada(o), com licença... O ambiente onde são cultivados somente palavras e atos grosseiros marcarão a vida e o comportamento dos filhos;
- os pais precisam e necessitam ter um caráter firme para não se deixar influenciar por modismos da mídia na educação dos filhos, pois surgem muitos métodos e pedagogias, cada qual prometendo eficácia e soluções duradouras. Por isso, o diálogo franco e aberto, pois muitas vezes a criança e o adolescente não conseguem distinguir o que é certo e o que é errado, deixando-se influenciar pelo meio, tomando rumos diferentes. Daí, a postura dos pais naquilo que acreditam, no que querem realmente transmitir aos filhos;

- valorizar a escola e os estudos, bem como o papel do professor com toda a autoridade que ele tem na sala de aula. Invertendo os valores e os papéis, corre-se o perigo de perder a função do pedagogo, que é conduzir a criança com sua autonomia e potencialidade;
- pais e mães procurarem aperfeiçoar e melhorar cada vez mais as estratégias, formas, visão de compreender o mundo, jeitos, sem perder o que é essencial: o valor a vida, para que os filhos também possam valorizá-la, tanto familiarmente como na vida em sociedade.

Enfim, o primeiro referencial dos filhos é o pai, a mãe ou quem deles cuidar. Como dissemos, não há receitas prontas. As dicas acima elencadas não são novidades ou novos princípios teóricos que prometem solucionar os problemas ou dificuldades na educação dos filhos. Todavia, podem colaborar. Vale lembrar, mais uma vez, apesar do desgaste verborrágico, que cada caso é um caso, cada família tem seu formato e modos próprios de conduzir a vida de seus membros.

Os filhos precisam se sentir amados e acolhidos num ambiente em que haja desejo de cuidar e zelar pela vida humana. Tiba (2002, p.54) diz que “para que a criança se sinta amada incondicionalmente, é necessário, acima de tudo, que seja respeitada.” O amor real, constituído e vivenciado nas ações, e não o amor que se dilui e torna-se etéreo e sem consistência, possibilita relacionamentos sinceros e práticas educativas, tanto por pais como por professores, que tenham mais chances de sucesso. Respeito e amor quando são associados e utilizados de modo a melhorar os níveis de relacionamento e de educação dos filhos, são ações que integram e mostram a busca de uma educação madura.

É importante realizar tudo o que se crê que é bom e vale a pena na construção de um bom ser humano, sempre com muita paciência, insistência, afeto e principalmente amor. Deve existir a esperança e ao mesmo tempo a certeza de que cada um de nós fez, faz e pode fazer o seu papel: pais conscientes e, dentro do possível, preparados para transmitir aos filhos uma educação, assim como as escolas também devem fazer o prolongamento da casa dos filhos-estudantes, que também precisam do conhecimento e da dimensão intelectual para atuarem como cidadãos e posteriormente como pessoas, sendo pai, mãe, mestres, cientes de manter e melhorar cada vez mais tudo o que se refere ao plano educacional.

Sem dúvidas, há ainda muito que falar e teorizar acerca da atualidade, dos conceitos familiares, das práticas pedagógicas e de ensino. Ademais, como

mesclar tudo isso e fazer com que o melhor aconteça. Certamente, não mudaremos tudo, mas começemos mudando o que está ao nosso redor e alcance. Provavelmente, já daremos um passo significativo.

REFERÊNCIAS

ABREU FILHO, A. G. **Escolha profissional: consciente ou inconsciente.** São Paulo: Vetor, 2006.

ANDERSON, P. **As origens da pós-modernidade.** Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

AQUINO, F. **Os sete sacramentos da:** conteúdo, normas e ritos à luz do catecismo da igreja e do código de direito canônico. Lorena-SP: Cléofas, 2004.

ARESI, R. **Lares autênticos não se improvisam:** pequena enciclopédia familiar em quatro livros. São Paulo: Paulinas, 1977.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família.** Tradução Dora Flaksman. 2.ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

AUGUSTO, A. M. Liberdade como utopia: atravessando a história do cristianismo revivendo risos, lágrimas, mortes e ressurreições. In: ITESP, **Revista Espaços:** em busca da utopia: caminhos e horizontes. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

BALTAZAR, J. A.; MORETTI, L. H. T.; BALTHAZAR, M. C. **Família e escola:** um espaço interativo de conflitos. São Paulo: Arte & Ciência, 2006.

BAUMAN, Z. **Amor líquido:** sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

_____. **Modernidade líquida.** Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

_____. **O mal-estar da pós-modernidade.** Tradução Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. **Tempos líquidos.** Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**. Tradução Maria João Alvarez. Porto-Pt: Porto, 1994.

BORBA, D. M.; CORREIA, I. C. M. O ser família brasileira. **ETIC - Encontro de Iniciação Científica**, v. 2, n. 2, 2006. Disponível em: <<http://intertemas.unitoledo.br/revista/index.php/ETIC/article/viewFile/1340/1280>>. Acesso em: 28 fev. 2011.

BOROBIO, D. **Pastoral dos sacramentos**. Tradução Celso Márcio Teixeira. Petrópolis: Vozes, 2000.

BRANDES, O. **Caim e a sociedade cainita**. Londrina: Folha de Londrina, 19 de Fevereiro 2011.

BRASIL. **Código Civil**. Coordenação de Mauricio Antonio Ribeiro Lopes. 5.ed. rev. atual. e ampl. São Paulo: Editora dos Tribunais, 2000a.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. PINTO, A.L.T.; WINDT, M.C.V.S.; SIQUEIRA, L.E.A. (coord.). 24.ed. atual. e ampl. São Paulo: Saraiva, 2000b.

CASAL Nardoni é condenado pela morte de Isabella; leia íntegra da sentença **Folha Online**, Cotidiano, 27 mar. 2010. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u712837.shtml>>. Acesso em: 25 fev. 2011.

CAMPOS, P. O. **Educar perguntando: ajuda filosófica na escola e na vida**. Tradução Antonio Efro Feltrin. São Paulo: Paulinas, 2008.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL - CNBB. **A família como vai?: texto-base**. Campanha da Fraternidade 1994. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1994.

COSTA, A. et al.(org.). **Escola da família**. Fundação para o desenvolvimento da educação. Diretoria de Projetos especiais. São Paulo: FDE, 2004. (Série Idéias, nº 32).

COTRIM, G. **História e consciência do Brasil**. 7.ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

DÍAZ, J. A. **A família, uma boa notícia para a vida de nossos povos.** Brasília: Edições CNBB. Coleção À luz de Aparecida 7.

DONZELOT, J. **A polícia das famílias.** Tradução M. T. da Costa Albuquerque. 2.ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986.

ENTENDA o caso da morte do casal Richthofen. **Folha.com.** Cotidiano, 19 fev. 2008. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u373988.shtml>>. Acesso em: 11 mar. 2011.

ESCOLA DE PAIS DO BRASIL. **Missão.** 2011. Disponível em: <<http://www.escoladepais.org.br>>. Acesso em: 10 fev. 2011

FAMÍLIA. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. 2011. Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=fam%EDlia&cod=87494> acesso em 02 mar.2011.

FEIJÓ, C. **Os 10 erros que os pais cometem:** como preveni-los e corrigi-los. Osasco-SP: Novo Século, 2006.

_____. **Pais competentes, filhos brilhantes:** os maiores erros dos pais na educação dos filhos e os princípios fundamentais para prevenir essas falhas. 5.ed. Osasco-SP: Novo Século, 2010.

_____. **Preparando os alunos para a vida.** ed. rev. e ampl. Osasco-SP: Novo Século, 2008.

FERRY, L. **Aprender a viver:** filosofia para os novos tempos. Tradução Vera Lúcia dos Reis. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

_____. **Famílias, amo vocês:** política e vida privada na era da globalização. Tradução Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

FIGUEIRA, D. G. **História:** volume único. São Paulo: Ática, 2008.

FREIRE, G. **Casa-grande & Senzala:** Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil – 1. 46. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

_____. **Sobrados e mucambos:** Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil – 2: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 1990.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia.** São Paulo: Paz e Terra, 2004.

FREUD, S. **A dinâmica da transferência.** In: SALOMÃO, J. (org.). Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 12 (Original publicado em 1912).

FUTURA. **Futura.** Disponível em:
<<http://www.futura.org.br/main.asp?Team={FAF05500-95D5-4F67-866F-60D4086978D7}>>. Acesso em: 12 fev. 2011.

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL. **Pedagogia em foco.** Disponível em:
<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/heb10.htm>. Acesso em: 20 dez. 2010)

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade.** Tradução Raul Fiker. 2.reimp. São Paulo: Unesp, 1991.

GONSALVES, E. P. **Iniciação à pesquisa científica.** 4. ed. Campinas: Aline, 2005.

GORGULHO, G.; STORNILO, I.; ANDERSON, A.F. (coord.). **A Bíblia de Jerusalém.** Tradução Euclides Martins Balancin et al. 9. impr. São Paulo: Paulus, 2000.

GUIMARÃES, A. R. **Como vai a família?:** crônicas do cotidiano. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

HAMBURGUER, E. Diluindo fronteiras: a televisão e as novelas no cotidiano. In: NOVAIS, F.A. (Coord). **História da vida privada no Brasil:** contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia da Letras, 1998. p. 439-487.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 5.ed. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HOBSBAWM, É. **Era dos extremos:** o breve século XX – 1914-1991. Tradução Marcos Santarrita. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil**. 26.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

HÖVER, G. Matrimônio/família - VI. No cristianismo. In: KÖNIG, F. C.; WALDENFEL, S. H. **Léxico das Religiões**. Franz König et al. (org.). Tradução Luís M. Sander et al. Petrópolis: Vozes, 1998. p.344.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Família brasileira. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/pesquisas/familia.html>>. Acesso em: 10 dez.2010.

IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA. **Catecismo da igreja católica**. São Paulo: Vozes-Loyola, 1994.

JOÃO PAULO II. **A missão da família cristã no mundo de hoje**. Exortação apostólica Familiaris Consortio de sua santidade João Paulo II ao episcopado, ao clero e aos fiéis de toda a Igreja Católica sobre a função da família cristã no mundo de hoje. 19.ed. São Paulo: Paulinas, 2005. A voz do papa 100.

_____. **Carta às famílias**. 6.ed. São Paulo: Paulinas, 2005. (A voz do Papa, 131).

KÖNIG, F. C.; WALDENFEL, S. H. **Léxico das Religiões**. Franz König et al. (orgs.). Tradução Luís M. Sander et al. Petrópolis: Vozes, 1998.

KHOURY, A. Th. Matrimônio/família - VIII. No islamismo. In: KÖNIG, F. C.; WALDENFEL, S. H. **Léxico das Religiões**. Franz König et al. (orgs.). Tradução Luís M. Sander et al. Petrópolis: Vozes, 1998. p.346.

LENAERS, R. **Outro cristianismo é possível: a fé em linguagem moderna**. Trad. Maria Paula Rodrigues. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2010.

LEFEVRE, F.; LEFEVRE, A. M. **Depoimentos e discursos: uma proposta de análise em pesquisa social**. Brasília-DF: Liber Livro, 2005a. (Série Pesquisa, 12).

_____. **Pesquisa de representação social: um enfoque quali-quantitativo**. Brasília-DF: Liber Livro, 2005b. (Série Pesquisa, 20).

LIGA ISLÂMICA MUNDIAL. **Tradução do sentido do Nobre Alcorão para a língua portuguesa.** Helmi NASR (Realizador). Al-Madinah Al-Munauarah K.S.A.: Complexo de impressão do Rei Fahd, s.d.

LIMA, S. **Heráclito.** Disponível em: <<http://www.psicopedagogiasal.com.br>>. Acesso em: 15 jan.2011.

LIPOVETSKY, G. **A era do vazio:** ensaios sobre o individualismo contemporâneo. Tradução Therezinha Monteiro Deutsch. 2.reimp. Barueri: Manole, 2009.

_____. **A felicidade paradoxal:** ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. Tradução Maria Lúcia Machado. 2.reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

LOMBARDI, J. C. (org.). **Globalização, pós-modernidade e educação:** história, filosofia e temas transversais. 3.ed. Campinas-SP: Autores Associados: HISTEDBR; Caçador: UnC, 2009.

LOMBARDI, J. C.; SAVIANI, D.; SANFELICE, J. L. (orgs.). **Capitalismo, trabalho e educação.** 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

LOSSKY, N. et al. (eds.). **Dicionário do movimento ecumênico.** Tradução Jaime Casen. Petrópolis: Vozes, 2005.

LÜCK, H. et al. **A escola participativa:** o trabalho do gestor escolar. Petrópolis: Vozes, 2005.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. 6.reimp. São Paulo: Pedagógica e Universitária, 2003.

LYOTARD, J. F. **A condição pós-moderna.** Tradução Ricardo Corrêa Barbosa. 12.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

MENDONÇA, A.G. Protestantismo e iluminismo: morte de Deus e revoada de deuses. In: ITESP, **Revista Espaços:** em busca da utopia: caminhos e horizontes. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

MORAIS, R. Mídia: família, escola e trabalho. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Metodista de Piracicaba-UNIMEP,** Piracicaba-SP, n.2, p.89-105, 2006.

OLIVEIRA, P. S. **Introdução à sociologia**: série Brasil. 25. ed. São Paulo: Ática, 2004.

PAULO VI. **Carta Encíclica Humanae Vitae de sua santidade o papa Paulo VI sobre a regulação da natalidade**. 32.ed. São Paulo: Paulinas, 2010. (A voz do papa, 60).

PILETTI, N. **História da educação no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Ática, 1997.

ROMANELI, G. Autoridade e poder na família. In: CARVALHO, M. C. B. **A família contemporânea em debate**. São Paulo: Cortez, 2002.

RUBIO, M. O contexto da modernidade e da pós-modernidade. In: VIDAL, M. **Ética teológica: conceitos fundamentais**. Petrópolis: Vozes, 1999. p.95-130.

SAMARA, E. M. O Que Mudou na Família Brasileira?: da Colônia à Atualidade. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 13, n. 2, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642002000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 23 mar. 2010.

SANFELICE, J. L. Pós-modernidade, globalização e educação: Conferência proferida no VII Congresso de Educação em 18/10/2000. In: LOMBARDI, J. C. (org.). **Globalização, pós-modernidade e educação: história, filosofia e temas transversais**. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2009.

SANTOS, J. F. **O que é pós-moderno**. 17. reimp. São Paulo: Brasiliense, 1997. (Coleção Primeiros Passos, 165).

SCRIPTORI, C.C. Entre o autoritarismo e a autoridade: o papel dos pais pela via do diálogo. **Nuances: estudos sobre educação**, Presidente Prudente, v. 14, n. 15, p. 169-183, jan./dez.2007.

SIEPLIN, P. Mulheres chefiam lares, diz PNAD. **O Imparcial**, Presidente Prudente, 20 nov. 2010, p. 3B.

SOARES, R. **Família baseada no direito: a adoção por pares homossexuais**. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/9825/1/Familia-Baseada-No-Direito-A-Adocao-Por-Pares-Homossexuais/pagina1.html#ixzz1FYC8Zj9T>>. Acesso em: 01 dez. 2010.

SOUZA, S. A. F. **Lembrando as semelhanças sem esquecer as diferenças:** por uma ética planetária em nossas práticas pedagógicas. Disponível em: <<http://www.sergiofreire.com.br>>. Acesso em: 28 fev. 2011.

TEDESCO, J. C. **Educar na sociedade do conhecimento.** Araraquara: Junqueira & Marin, 2006.

_____. **O novo pacto educativo:** educação, competitividade e cidadania na sociedade moderna. Tradução Otacílio Nunes. São Paulo: Ática, 1998.

TEIXEIRA, F. M. P. **História concisa do Brasil.** 2. ed. São Paulo: Global, 2000.

TERUYA, M. T. **A família na historiografia brasileira. Bases e perspectivas teóricas.** Disponível em: <<http://www.abep.nepo.unicamp.br>>. Acesso em: 02 mar. 2011.

TIBA, I. **Família de alta performance:** conceitos contemporâneos na educação. São Paulo: Integrare, 2009.

_____. **Quem ama, educa!** São Paulo: Gente, 2002.

VIEIRA, I. **Família Brasileira está menor, diz IBGE.** Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/2010/08/16/familia-brasileira-esta-menor-diz-ibge.jhtm>>. Acesso em: 15 out. 2010.

ZEZINHO, Padre. **Da família sitiada à família situada:** pais e filhos em busca de um conceito. São Paulo: Paulinas, 2007.

ZILLES, U. **Os sacramentos da Igreja Católica.** 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. (Coleção Teologia, 4).

WASELFISZ, J. J. (coord.). **Juventude, violência e cidadania:** os jovens de Brasília. Brasília: Cortez, 1998.

WERBLOWSKY, R. J. Z. Matrimônio/família - V. No judaísmo. In: KÖNIG, F. C.; WALDENFEL, S. H. **Léxico das Religiões.** Franz König et al. (org.). Petrópolis: Vozes, 1998. p.344.

WEHLING, A.; WHLING, M. J. C. M. **Formação do Brasil colonial**. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

APÊNDICES

APÊNDICE A**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

Eu, _____,

RG _____, declaro que aceito participar da pesquisa de campo:

“A Família na Contemporaneidade e a Educação”, desenvolvida por Marcelo de Brito Beraldo, aluno matriculado no Programa de pós-graduação do Mestrado em Educação da Universidade do Oeste Paulista de Presidente Prudente-SP, sob orientação do docente Dr. Levino Bertan, tendo como objetivo analisar e perceber o papel da família na educação dos filhos na contemporaneidade e suas dificuldades.

Fui informado(a) que serão entrevistadas 15 famílias, em suas mais variadas concepções, sendo que o critério de inclusão no estudo será pai, mãe ou responsável pelos filhos, ouvindo e coletando suas repostas, depois de apresentado o tema pelo entrevistador e deixando o(a) entrevistado(a) livre para responder, a fim de coletar a maior quantidade de dados possíveis, tendo como base as perguntas previamente elaboradas para este trabalho. Depois das orientações e concordância em participar do estudo, serei submetido(a) à entrevista em minha residência, em horário adequado.

Assino o presente documento, ciente que terei liberdade em recusar ou desistir da pesquisa a qualquer momento, assim como não terei recompensa financeira ou gastos. Também fui orientado(a) sobre a disponibilidade dos pesquisadores para esclarecimentos, e que minha identidade, privacidade e dignidade serão preservadas.

Assinatura do Entrevistado (a)

Testemunha

Local e data: _____

Pesquisadores:

Dr. Levino Bertan – Fone: 43-3323-0615

Marcelo de Brito Beraldo – Fone: 18-9726-7052

Responsável pelo Comitê de Ética em Pesquisa:

Dra. Rosa Maria Barilli Nogueira – Fone: 18-3329-2077

APÊNDICE B
Ficha Coleta de Dados

Dados do(a) entrevistado(a) *

Nome: _____ Idade: _____

Endereço: _____ Nº. _____

Cidade: _____ UF: _____

Bairro: _____ CEP: _____ - _____ Telefone: _____

E-mail: _____

Casado () Há quanto tempo: _____

Viúvo () Solteiro () Outros (): _____

* Os dados serão sigilosamente guardados; os nomes serão substituídos por nomes fictícios.